

CLEBER GARCIA CASAGRANDE

**Ensino e aprendizagem dos esportes coletivos:
análise dos métodos de ensino na cidade de
Uberlândia-MG**

**UBERABA-MG
2012**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

CLEBER GARCIA CASAGRANDE

**Ensino e aprendizagem dos esportes coletivos:
análise dos métodos de ensino na cidade de
Uberlândia-MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, área de concentração “Esporte e Exercício” (Linha de pesquisa: Formação e ação profissional em educação física e esportes), da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Professor Doutor Luiz Antônio Silva Campos.

**UBERABA-MG
2012**

CLEBER GARCIA CASAGRANDE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, área de concentração “Esporte e Exercício” (Linha de pesquisa: Formação e Ação profissional em Educação Física e Esportes), da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre.

Aprovada em 28 de novembro de 2012

Banca examinadora:

Prof. Dr. Luiz Antônio Silva Campos
UFTM

Prof. Dr. Wagner Wey Moreira
UFTM

Prof^a. Dr^a. Dinah Vasconcelos Terra
UFF

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente, e, sobretudo, a Deus, que nos dá força e esperança de um mundo melhor. Agradeço à “Dona” Ana Luiza Garcia Leal, minha mãe, mulher de fibra e de princípios invejáveis, a quem devo e sempre deverei toda a minha vida e educação, e que se dedicou e se empenhou a educar e manter os filhos – eu e meus irmãos - em todos os momentos. A ela todo o respeito e carinho. Ao meu pai, Armando Casagrande, agradeço os momentos e as lições aprendidas e vividas.

Agradeço a todas as pessoas que passaram pela minha vida e que muito me ensinaram: meus professores na Escola Pública de Guaíra/SP; meus professores da Escola Agrotécnica Federal de Uberaba-MG; os educadores do meu curso de graduação e pós-graduação, que me lapidaram e deram luz aos meus sonhos; e, principalmente, meus queridos alunos, pois aprendi muito com todos eles, e se hoje realizo este sonho, cada um deles viveu neste projeto, sendo a grande razão desta realização.

Ao meu grande e estimado orientador, Professor Doutor Luiz Antônio Silva Campos, ou simplesmente “Monó”, que com sabedoria apoiou e cobrou nos momentos mais difíceis deste percurso. Agradeço todo o tempo que dispensou para execução deste trabalho, pois sei que muitos momentos foram retirados do convívio com sua família.

De coração, OBRIGADO!

Dedico este trabalho à minha esposa Débora, que com todo carinho e compreensão apoiou-me e ajudou-me nos momentos mais difíceis deste sonho. Ao Luis Felipe, que se sinta inspirado pela realização da minha conquista e que alcance tudo que queira e que o faça feliz. À minha Ana Vitória, meu doce, que tem o poder paradoxal de me enfraquecer e de me dar toda força com apenas um olhar; que seja muito feliz, como estou sendo neste grande e importante momento. Amo muito vocês.

RESUMO

Palavra – chave: Esportes coletivos, Métodos de ensino.

O esporte é, dentre as várias manifestações humanas, uma das maiores e mais importantes, com grande notoriedade em várias instâncias sociais. Sua abrangência recobre todas as camadas sociais e esferas do poder, e, ainda, variada faixa etária. Desta maneira, torna-se necessária uma visão multidimensional do esporte, não podendo analisá-lo apenas sob um viés; é preciso compreender sua complexidade que se dá em função de sua presença tanto em ambientes sociais públicos como em ambientes privados, a saber: praças, escolas, clubes, ruas, campinhos de várzea, grandes estádios, ginásios, quintais das casas, dentre outros. Em cada um desses locais, é possível perceber uma faceta deste fenômeno sociocultural, com práticas, objetivos e personagens diferentes. Analisar e compreender o processo de ensino e aprendizado nos esportes coletivos – uma das vertentes do esporte – foi, então, o que a pesquisa buscou, com base nas indagações: a) Quais métodos de ensino e aprendizagem de esportes coletivos existem formulados teoricamente e quais são aplicados nas escolas e nos clubes sociais esportivos? b) Existe diferenciação nos métodos de ensino e treinamento nos esportes coletivos nas escolas e nos clubes sociais e esportivos? Logo, o objetivo do presente estudo foi analisar e descrever os métodos de ensino e aprendizagem de esportes coletivos, estabelecendo uma correlação com o conhecimento e a aplicabilidade que professores e profissionais da cidade de Uberlândia-MG desenvolvem em suas atividades de ensino e aprendizagem para crianças e jovens. Uma investigação dessa natureza é necessária devido a razões históricas da existência de tensões entre os objetivos da Educação Física e sua prática metodológica. Com isso, o estudo investigou questões relativas ao ensino dos esportes coletivos, possibilitando não somente o desenvolvimento pedagógico da área de conhecimento dentro e fora do ambiente escolar, mas, pretendendo, sob novo enfoque, oferecer parcela de contribuição à toda comunidade interessada na realização do esporte. A pergunta de pesquisa que orientou a análise empreendida foi: Quais os métodos de ensino e aprendizagem são utilizados por professores e profissionais nas escolas e clubes sociais e esportivos na cidade de Uberlândia-MG? A pesquisa é de natureza qualitativa e do tipo exploratória descritiva. Em relação aos procedimentos, ela se caracterizou como bibliográfica, considerando que foi realizado um estudo detalhado sobre os métodos de ensino e aprendizagem dos esportes coletivos. Também se configurou como uma pesquisa de campo, considerando que foi realizado um levantamento de dados, por meio de questionário. O questionário foi aplicado a 50 professores e profissionais de Educação Física das escolas públicas e privadas e clubes sociais e esportivos do município de Uberlândia-MG. Considerando que o questionário apresentou questões abertas e questões fechadas, a tabulação dos dados foi realizada de duas formas: a) nas questões fechadas, os dados passaram por uma análise de estatística descritiva, para o levantamento de frequência e média para composição de um quadro de repostas e, posteriormente, a elaboração de um gráfico representativo dos resultados para interpretações; b) nas questões abertas, a tabulação foi realizada obedecendo a uma categorização de unidades de significado e a uma triangulação entre as ancoragens e os referenciais teóricos abordados. O levantamento bibliográfico das principais propostas metodológicas de ensino e aprendizagem nos esportes coletivos mostrou uma grande evolução nos conceitos e nos referenciais utilizados na base destas propostas. A pesquisa de campo apontou alguns resultados, a saber: i) os professores e profissionais da cidade de Uberlândia-MG, em sua maioria, não se utilizam de métodos ativos de ensino e aprendizagem nos esportes coletivos, conforme bibliografia; ii) não há diferenciação nos métodos, no que se refere ao local de atuação, seja na escola ou nos clubes sociais e esportivos. Portanto, a pesquisa aponta para a necessidade de se repensar o processo de formação inicial e continuada destes professores e profissionais, já que verificou uma inconstância destes na participação e na produção de novos conhecimentos. É preciso que o espaço de formação seja voltado aos aspectos teórico-práticos da atuação profissional.

ABSTRACT

Word - key: Collective sports, teaching methods.

The sport is, among the various human manifestations, one of the largest and most important, with great notoriety in various social levels. Its scope covers all strata of society and spheres of power, and also varied age group. Thus, it becomes necessary a multidimensional view of the sport and cannot analyze it only under a bias, it is necessary to understand its complexity is a function of its presence both in public and social settings in private, namely squares, schools, clubs, streets, floodplain fields, stadiums, gyms, backyards, among others. In each of these places, you can see a facet of this sociocultural phenomenon, with practical goals and different characters. Analyze and understand the process of teaching and learning in team sports - one aspect of the sport - was then that the research sought, based on the questions: a) What methods of teaching and learning team sports are theoretically formulated and which are applied in schools and social clubs sports? b) Is there differentiation in teaching and training in team sports in schools and social clubs and sports? Therefore, the aim of this study was to analyze and describe the methods of teaching and learning team sports, establishing a correlation with the knowledge and applicability teachers and professionals in the city of Uberlândia, MG develop in their teaching and learning activities for children and young. An investigation of this nature is necessary due to historical reasons of the existence of tensions between the objectives of physical education and its methodological practice. Thus, the study investigated issues related to the teaching of team sports, enabling not only the development of pedagogical knowledge areas within and outside the school environment, but intending, under a new approach, offering share of contribution to the whole community interested in making the sport. The research question that guided the analysis was undertaken: What methods of teaching and learning are used by teachers and professionals in schools and social and sports clubs in the city of Uberlândia, MG? The research is a qualitative descriptive and exploratory type. Regarding procedures, it was characterized as literature, considering that was conducted a detailed study on the methods of teaching and learning of team sports. It was also seen as a field research, considering that a survey was conducted of data from a questionnaire. The questionnaire was administered to 50 teachers and physical education in public schools and private social and sports clubs and the city of Uberlândia-MG. Whereas the questionnaire were open-ended and closed questions, the tabulation of the data was performed in two ways: a) the closed questions, the data underwent an analysis of descriptive statistics for the survey frequency and average composition of a frame responses and subsequently the preparation of a graph of the results for interpretation b) the open questions, the tabulation was performed following a categorization of units of meaning and a triangulation between the anchors and the theoretical frameworks discussed. The bibliographic major methodological proposals of teaching and learning in team sports showed a great evolution in concept and references used in the base of these proposals. The field research showed some results, namely: i) teachers and professionals in the city of Uberlândia, MG, mostly, do not use active methods of teaching and learning in team sports as literature, ii) no differentiation methods, with regard to the place of action, whether at school or in social and sports clubs. Therefore, the research points to the need to rethink the process of initial and continuing training of teachers and professionals since been an inconsistency of participation and production of new knowledge. We need the space for training is oriented to theoretical and practical aspects of professional practice.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Diferenças entre o voleibol performance e o voleibol “da” escola	31
Quadro 2 Modelo de aula Tactical Games	49

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Modelo Daólio baseado nos conceitos de Bayer.....	51
Figura 2 Modelo de ensino dos jogos para a compreensão TGFU	53
Figura 3 Nível de rendimento baseado em faixa etária	59

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Unidades de significado da resposta 1. O que é método de ensino? (profissionais).....	67
Tabela 2 Frequencia das respostas para a questão 1. O que é método de ensino? (profissionais).....	68
Tabela 3 Unidades de significado da resposta 2. Qual o método utiliza para o de ensino e/ou treinamento nos esportes coletivos? (profissionais)	69
Tabela 4 Ancoragens para análise e identificação dos métodos de ensino e/ou treinamento.	70
Tabela 5 Unidades de significado para a questão 1- O que é método de ensino e/ou treinamento? (professores)	80
Tabela 6 Frequentiadas unidades de significado para a questão 1- O que é método de ensino? (professores).....	82
Tabela 7 Unidades de significado para a questão 2- Qual o método utiliza para o ensino e/ou treinamento nos esportes coletivos? (professores).....	83
Tabela 8 Ancoragens para análise e identificação dos métodos de ensino e/ou treinamento.	86

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Formação profissional.....	62
Gráfico 2 Instituição de formação.....	63
Gráfico 3 Tempo de atuação.....	63
Gráfico 4 Experiência anterior.....	64
Gráfico 5 Formação continuada.....	65
Gráfico 6 Apresentação em eventos científicos.....	65
Gráfico 7 Esportes desenvolvidos.....	66
Gráfico 8 Modalidades esportivas com as quais os pesquisados se identificam.....	66
Gráfico 9 Dimensões do esporte em que os entrevistados atuam.....	67
Gráfico 10 Formação profissional.....	73
Gráfico 11 Instituição de formação.....	73
Gráfico 12 Tempo de atuação.....	74
Gráfico 13 Local de atuação.....	74
Gráfico 14 Experiência anterior.....	75
Gráfico 15 Formação continuada.....	76
Gráfico 16 Apresentação em eventos científicos.....	76
Gráfico 17 Modalidades esportivas trabalhadas.....	78
Gráfico 18 Modalidades esportivas com as quais os entrevistados se identificam ..	79
Gráfico 19 Dimensões sociais do esporte em que os entrevistados atuam.....	80

SUMÁRIO

CAPÍTULO I.....	14
OS CAMINHOS DA PESQUISA	14
1. INTRODUÇÃO	14
2. CAMINHOS DO PESQUISADOR E O DELINEAMENTO DO PROBLEMA.....	19
3. O CAMINHO DA PESQUISA: DELINEAMENTO DA INVESTIGAÇÃO	20
3.1 Caracterização do estudo	21
3.2 Universo da pesquisa	22
3.3 Protocolos e procedimentos	23
3.3.1 Critérios de inclusão:.....	23
3.4 Análise dos dados.....	24
3.5 Aspectos legais e éticos da pesquisa	25
CAPÍTULO II.....	26
O ESPORTE.....	26
1. O CONTEXTO DO ESPORTE NA ESCOLA	26
2. O CONTEXTO DO CLUBE ESPORTIVO E SOCIAL	29
CAPÍTULO III.....	34
OS ESPORTES COLETIVOS: CONCEITOS E ANÁLISES DOS MÉTODOS DE ENSINO E TREINAMENTO	34
1. OS ESPORTES COLETIVOS: CARACTERIZAÇÃO E CONCEITOS.....	34
2. OS MÉTODOS DE ENSINO DOS ESPORTES COLETIVOS: análise e discussões	36
2.1 Métodos tradicionais de ensino nos esportes coletivos.....	42
2.1.1 Método Parcial ou Analítico	42
2.1.2 Método Global.....	44
2.1.3 Método Misto (Global e Analítico).....	45
2.1.4 Método de Confrontação.....	46
2.1.5 Método do Conceito Recreativo do Jogo Desportivo.....	47
2.2 Métodos de ensino e treinamento nos esportes coletivos considerados Ativos	48
2.2.1 Jogos Táticos – Tactical Games	48
2.2.2 Modelo Pendular ou Transfert.....	50
2.2.3 Ensino dos jogos para a compreensão – Teaching Games for Understanding – TGFU.....	52
2.2.4 Modelo Desenvolvimentista	54
2.2.5 Educação Desportiva	56
2.2.6 Jogos Condicionados.....	57
2.2.7 Jogos Situacionais – Iniciação Esportiva Universal – Escola da Bola..	58
CAPÍTULO IV	61
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA	61
1. Perfil de atuação no ensino em clubes sociais e esportivos em Uberlândia-MG	62
1.1 Análise gráfica das respostas dos sujeitos pesquisados (Licenciados plenos, bacharéis e provisionados)	62
1.2 Análise das respostas abertas dos sujeitos pesquisados (Licenciados plenos, bacharéis e provisionados)	67
2. Perfil de atuação no ensino formal em Uberlândia-MG.....	72

2.1 <i>Análise gráfica das respostas dos sujeitos pesquisados no ensino escolar</i>	73
2.2 <i>Análise das respostas abertas dos sujeitos pesquisados no ensino escolar</i>	80
V CAPÍTULO	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS:.....	97
APÊNDICE.....	104

CAPÍTULO I

OS CAMINHOS DA PESQUISA

1. INTRODUÇÃO

O esporte é, dentre as várias manifestações humanas, uma das maiores e mais importantes, com grande notoriedade em várias instâncias sociais. Sua abrangência recobre todas as camadas sociais e esferas de poder, e, ainda, variada faixa etária. É tal sua relevância que, para Bento (2006, p. 16):

O desporto não é um tema inferior e menor, com pouco ou nenhum valor para abordagens culturais. É um caleidoscópio da diversidade de problemas e tramas da vida e do homem, das suas fraquezas e contradições pela sua janela entra e contempla o mundo todo. Nele a autenticidade do que somos faz estalar nos atos o verniz do que simulamos e parecemos. Acorda-nos para o quanto estamos a quem do conceito em que nos temos.

O fenômeno esportivo não tem forma definida, sendo capaz de adequar-se às necessidades e aos objetivos de quem o vivencia. Por isso, tem tanto prestígio e, ao longo da história, firmou-se como conteúdo hegemônico nas aulas de Educação Física, servindo a diversos interesses tanto no meio social quanto no mundo da produção. Assim,

[...] vem participando de diferentes projetos educacionais, idealizados por diversas instituições, dentre as quais o Estado, o Exército, a Medicina, a Igreja e a Indústria. Ao longo do século XX, esses projetos foram orientados por expectativas em torno de suas possibilidades de intervenção na educação de crianças e dos jovens, quase sempre com a finalidade de adaptar seus corpos às necessidades sanitárias, morais, cívicas e de controle (SEE/MG, 2006, p.12).

Entretanto, no Brasil, o esporte é também objeto da falta de políticas públicas claras e bem definidas, em seus diversos campos de representação, conforme classificação de Tubino (2001): a) Esporte-educação; b) Esporte-participação e; c) Esporte-performance (esporte de alto rendimento). Ainda, Bento (2006, p. 13) afirma que o desporto é um “[...] fenômeno portador de vários sentidos e que, por isso mesmo, se concretiza numa pluralidade de formas”. Isso contribui para sua abrangência social, todavia, dificulta o trabalho

pedagógico nos diversos ambientes, sejam estes estritamente escolares ou de outra formação pedagógica.

Desta maneira, torna-se necessária uma visão multidimensional do esporte, não podendo analisá-lo apenas sob um viés; é preciso compreender sua complexidade que se dá em função de o esporte estar presente tanto em ambientes sociais públicos como em ambientes privados, a saber: praças, escolas, clubes, ruas, campinhos de várzea, grandes estádios, ginásios, quintais das casas, dentre outros. Em cada um desses locais, é possível perceber uma faceta deste fenômeno sociocultural chamado esporte, com práticas, objetivos e personagens diferentes.

Quanto ao espaço em que comumente o esporte ganha notoriedade, a “televisão” lidera, embora não seja a única liderança, pois promove uma das facetas desse acontecimento: a competição esportiva. Essa faceta, também importante, possibilitou a ampliação do conceito de rendimento, ultrapassando os limites do esporte de modo a inserir tal conceito nos ambientes sociais do lazer e do trabalho.

Logo, aquilo que era exclusivo de atletas profissionais passou a compor o dia a dia de: a) crianças e jovens – nos clubes e nas escolas; b) de adultos – no trabalho; c) da terceira idade – em suas atividades físicas, objetivando melhorar o desempenho dos indivíduos para aumentar sua qualidade de vida. Que pessoa em seus exercícios diários não quer deslocar uma distância maior, em menor tempo? Que jovem não quer fazer mais cestas de basquetebol a cada dia? O rendimento, embora presente nos eventos esportivos, extrapola o esporte para também fazer parte do cotidiano, seja nas escolas, no mercado de trabalho ou nas políticas internacionais.

No que tange especificamente ao contexto do esporte, a competição impõe, até certa medida, uma melhor preparação para o competidor. Essa preparação varia conforme o nível da competição e da exigência e se estende desde a fase da criança, que ainda não domina os fundamentos básicos do esporte, ao adolescente ou ao adulto em alto nível de eficácia esportiva. Entretanto, independentemente do “código” que determina o domínio do fundamento esportivo, a metodologia de ensino ou de treinamento é desenhada com o objetivo de facilitar o trabalho do professor e/ou do treinador esportivo.

Para esta pesquisa, o foco de interesse metodológico do esporte recaiu sobre os esportes coletivos, que é classificado por Greco (1995 apud SAAD, 2002, p. 16)

[...] como jogos de movimentos regulamentados que possuem um caráter competitivo. Eles abrangem a somatória de regras codificadas e sistematizadas. Às vezes deriva-se de uma ideia geral de jogo que ordena o confronto entre duas partes (indivíduos, grupos e equipes) para atingir um objetivo comum.

A partir desta classificação, a proposta da pesquisa foi analisar e identificar o processo metodológico do ensino e aprendizagem dos esportes coletivos.

A pesquisa justifica-se pela necessidade de novos estudos que possibilitem aos profissionais da área de Educação Física, especialmente os que lidam com esportes coletivos, a) um realinhamento teórico e prático; b) uma melhor compreensão sobre metodologias mais atualizadas e c) uma nova ordem geral que essa vertente do esporte vem conquistando, principalmente no Brasil, por conta de vários eventos internacionais que se realizarão nos próximos anos no país.

Ainda para justificar o estudo realizado, soma-se às necessidades supracitadas a tensão existente no processo de ensino e aprendizagem dos esportes coletivos, nas idades iniciais. Essa tensão deve ser diminuída, haja vista a dificuldade que ocasiona ao trabalho do professor e/ou do profissional¹. Ao mesmo tempo em que o profissional é cobrado pelo desempenho eficaz de seu aprendiz, ele deve manter uma educação de valores na mesma medida do ensino ou do treino do esporte. Essa crise entre o desempenho eficaz do aprendiz e a manutenção da educação de valores se estabelece porque esta última não é conteúdo de trabalho somente do professor ou do profissional de Educação Física. Embora seja responsabilidade daqueles que convivem e amparam crianças e jovens em formação zelar pela educação de valores, concentra-se esta responsabilidade na instituição escolar.

O processo de ensino e aprendizagem têm sofrido transformações em função de uma nova percepção do aluno: ao invés de um sujeito passivo em seu processo de aprendizagem, ele torna-se peça fundamental na construção

¹ Entende-se como professor o graduado em Licenciatura que atua em espaços escolares de ensino formal. Por profissional, considera-se o graduado Bacharel que atua com esportes coletivos em clubes e em outras organizações sociais.

crítica da educação e de uma sociedade justa e igualitária. Com isso, o esporte, fruto do meio social, também se alterou e hoje o que se almeja é muito mais do que jogadores que repetem um gesto motor, mas sujeitos que sejam capazes de analisar uma conjuntura e tomar decisões não apenas dentro do esporte, mas em todos os ambientes sociais nos quais estão inseridos.

Assim, algumas indagações foram feitas e, alargaram o problema a ser investigado. São elas:

- a) Quais métodos de ensino e aprendizagem de esportes coletivos existem formulados teoricamente e quais são aplicados nas escolas e nos clubes sociais esportivos?
- b) Existe diferenciação nos métodos de ensino e aprendizagem utilizados nos esportes coletivos nas escolas e nos clubes sociais e esportivos na cidade de Uberlândia-MG?

Para tratar dessas questões, partiu-se da constatação de que é comum o fato de serem utilizados os mesmos exercícios da rotina de equipes de alto rendimento em ambientes escolares, sem nenhum tipo de adaptação pedagógica. Isso leva a reflexões acerca do papel do esporte no espaço escolar, tendo em vista que, com a referida constatação, surge um movimento de desportivização nas aulas de Educação Física. Sobre isso, eis uma reflexão pontual no texto da proposta pedagógica da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, intitulado Conteúdos Básicos Curriculares:

[...] criticar o esporte não significa desvalorizar a sua aprendizagem, ou mesmo desejar sua total desportivização, mas, sim, contextualizar a vivência de sua prática na aula, pois esta não se restringe ao domínio de suas técnicas (SEE/MG, 2006, p.37).

É imprescindível afirmar que independente do espaço de atuação e dos objetivos que se tem com o fenômeno esportivo, o papel do professor ou profissional em Educação Física é sempre pedagógico e direcionado à aprendizagem e ao aperfeiçoamento deste conhecimento.

As críticas e concepções diversas acerca do esporte criaram muitas interrogações em relação aos objetivos e às maneiras de se desenvolver o esporte na escola e fora dela. Diante deste quadro, uma tensão foi criada a partir da confusão na escolha e adoção de um método de ensino e treinamento de esportes coletivos que fosse adequado para o ambiente escolar. Por outro

lado, o profissional de Educação Física, no clube, diante da escassez de recursos e apoio efetivo para políticas de promoção ao esporte, encontra dificuldades quanto à adesão de atletas e à manutenção de um método que conjugue a capacitação e a formação educativa de forma eficaz para melhoria do desempenho no esporte escolhido.

O objetivo do presente estudo foi analisar e descrever os métodos de ensino e aprendizagem de esportes coletivos, estabelecendo uma correlação com o conhecimento e a aplicabilidade que professores e profissionais da cidade de Uberlândia-MG desenvolvem em suas atividades de ensino e aprendizagem para crianças e jovens.

Uma investigação dessa natureza é necessária devido a razões históricas da existência de tensões entre os objetivos da Educação Física e sua prática metodológica. A pesquisa ainda possibilita o desenvolvimento pedagógico desta área do conhecimento dentro e fora do ambiente escolar.

Ademais, tendo em vista que o país sediará nos próximos anos os dois maiores eventos esportivos do planeta, será, por isso, foco e alvo de todos os olhares sobre as questões esportivas, que vão desde instalações a políticas de incentivo ao ensino e ao treino nos esportes. É necessário, então, divulgar e exportar ideias sobre metodologias, o que já acontece em alguns setores desportivos, como é o caso do voleibol e do futebol: hegemônico, o Brasil tem sido, nas últimas décadas, um grande exportador de talentos esportivos, tornando-se referência para o mundo não somente ao exportar talentos, mas também ao criar escolas próprias de ensino e treinamento, com metodologias próprias.

O esporte, por toda sua abrangência e constância mudança, deve ser reavaliado constantemente para que possa manter seu papel educativo e construtivo que proporciona às crianças e aos jovens. Enquanto fenômeno sociocultural, os fins do esporte não estão em si mesmos, mas em quem os utiliza e na maneira como são utilizados. Por isso, a avaliação e a reflexão devem fazer parte do processo de ensino e aprendizagem para que não se perca o objetivo maior do esporte que é proporcionar socialização, educação e qualidade de vida.

Dessa forma, pesquisas que objetivam repensar o esporte em suas várias facetas têm papel preponderante para a melhoria e inovação, uma vez

que a análise de metodologias de ensino e aprendizagem constituem um mapa de aplicações pedagógicas, que, por sua vez, proporciona elementos teóricos e práticos que servirão de conteúdos de ensino na formação do professor e do profissional de Educação Física que pretende atuar e intervir nesse campo. Eis o que pretende essa pesquisa.

2. CAMINHOS DO PESQUISADOR E O DELINEAMENTO DO PROBLEMA

O percurso que impulsionou a pesquisa apresentada deu-se em virtude de grande fascínio do pesquisador pelo esporte. O sonho de ser destaque em uma disputa nas aulas de Educação Física ou em algum torneio interescolar sempre povoou os sonhos infantis.

Pertencer a um grupo de crianças que, na época, ainda podiam brincar na “rua” possibilitou o interesse pelo esporte sob novo domínio: o das inquietações para além do esporte-lazer. Dessa forma, indagações sobre esporte, táticas, organização esportiva, desempenho e outras questões começaram a incomodar o pesquisador, já que, pelo contexto da época, os participantes dos momentos de brincadeiras na “rua” eram, ao mesmo tempo, professores e alunos de criações pedagógicas e do treinamento imposto.

Foi assim que a busca pela compreensão do fenômeno social esporte no contexto infanto-juvenil começou a suscitar investigações, dentre as quais: como os professores ensinam? Como objetivam o esporte para os jovens?

A grande e difícil travessia que uma pessoa deve ter ao escolher a Educação Física como profissão é ir além de sua prática; é deixar de olhar seu próprio desempenho para olhar o aprendizado do outro. Essa reflexão sempre acompanhou o pesquisador nas aulas na Faculdade de Educação Física, tanto do lugar do aluno quanto do lugar do professor, evidenciando que, para estar no curso, não basta gostar do esporte ou de outras manifestações esportivas, mas é preciso conhecer e compreender o processo de aprendizagem, principalmente, se doar para que esse processo seja eficiente e prazeroso para todos os envolvidos.

Dessa forma é que o pesquisador acredita que as pessoas podem ter uma experiência rica e significante por meio do esporte; portanto, a busca por

respostas às reflexões empreendidas é ininterrupta. De maneira inquietante é que se chegou ao estudo pretendido: analisar e descrever os métodos de ensino e aprendizagem de esportes coletivos, de modo a estabelecer uma correlação com o conhecimento e a aplicabilidade que professores e profissionais da cidade de Uberlândia-MG desenvolvem em suas atividades de ensino e aprendizagem para crianças e jovens.

A inquietação sobre “o que” poderia influenciar o desempenho de praticantes nos esportes coletivos delineou o roteiro desta empreitada investigativa, conduzindo a questões referentes aos métodos de ensino e aprendizagem.

A área de Educação Física, assim como qualquer campo de conhecimento, passa por vários momentos que se configuram ora como crises, ora como momentos produtivos e, nessas ininterruptas mudanças que consistem em reavaliações, reflexões, novos rumos são tomados. Embora muitos avanços foram obtidos acerca de questões como: a busca da diversificação de conteúdos; a importância da inserção do professor de Educação Física nas discussões pedagógicas mais amplas da escola; a regulamentação e organização do campo de atuação; a realização de amplas discussões sobre os princípios de ensino para esta área de conhecimento, nesta pesquisa, acredita-se que é necessário buscar compreender melhor o processo de ensino e aprendizagem nos esportes coletivos, seja no ensino formal ou não formal.

Logo, o estudo investiga questões relativas ao ensino dos esportes coletivos, pretendendo oferecer parcela de contribuição à literatura da área e à toda comunidade interessada na realização do esporte. A pergunta de pesquisa que orienta a análise empreendida é:

- Quais os métodos de ensino e aprendizagem são utilizados por professores e profissionais nas escolas e clubes sociais e esportivos na cidade de Uberlândia-MG?

3. O CAMINHO DA PESQUISA: DELINEAMENTO DA INVESTIGAÇÃO

Ainda há pouca clareza em como acontece o aprendizado nos esportes coletivos, entretanto, a hipótese que norteou este estudo assenta-se na crença

de haver uma prática docente pautada em conhecimentos empíricos, com pouco conhecimento científico, dada a carência de divulgação de conhecimentos acadêmicos produzidos acerca do tema. Portanto, a pesquisa teve por objetivos específicos:

- Analisar o referencial teórico sobre métodos de ensino e aprendizagem dos esportes coletivos e suas contribuições para alunos e atletas na escola e nos clubes sociais e esportivos.
- Descrever elementos teóricos e práticos do trabalho desenvolvido pelos professores e/ou treinadores nas escolas particulares, públicas e clubes sociais acerca dos esportes coletivos, na cidade de Uberlândia-MG.
- Identificar os métodos de ensino e aprendizagem dos esportes coletivos mais utilizados pelos professores e profissionais de Educação Física para os alunos e atletas na escola e nos clubes sociais e esportivos da referida cidade.
- Cotejar os resultados obtidos com as referências atuais sobre a temática, discutindo e elaborando ações que levem os professores a refletirem e reconstruírem sua prática pedagógica na escola e/ou nos clubes sociais e esportivos.

A metodologia adotada delineou-se conforme subseções abaixo.

3.1 Caracterização do estudo

A pesquisa é de natureza qualitativa e do tipo exploratória descritiva. Em relação aos procedimentos, a pesquisa se caracterizou como bibliográfica, considerando que foi realizado um estudo detalhado sobre os métodos de ensino e treinamento dos esportes coletivos. As pesquisas descritivas, conforme Gil (2002), têm como principal objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis, sendo uma das características mais significativas a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados (entrevistas, questionários, observações, documentos, filmes etc.).

A pesquisa, também, configurou-se com uma pesquisa de campo, considerando que foi realizado um levantamento de dados, por meio de

questionário. Sobre esse tipo de levantamento de dados, Hayman (1974 apud NEGRINE, 2004, p.80) o define como “[...] uma lista de perguntas mediante a qual se obtém informações de um sujeito ou um grupo de sujeitos por meio de respostas críticas”.

O questionário foi aplicado a um total de 50 professores e profissionais de Educação Física das escolas públicas, privadas e clubes sociais e esportivos do município de Uberlândia-MG. Uma das vantagens da aplicação deste instrumento, segundo Negrine (2004), é justamente a possibilidade de atingir grande número de informações de pessoas distribuídas em uma área extensa, como é o caso deste estudo. Recorreu-se aos estudos de Bardin (1977), para a análise das questões abertas, utilizando-se da técnica de análise do discurso, no sentido de buscar as convergências no conceito e identificação do método de ensino e aprendizagem. Sobre a conceituação da análise do discurso, Bardin (1977, p. 42) coloca:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

3.2 Universo da pesquisa

O desenvolvimento da pesquisa deu-se na cidade de Uberlândia – MG, junto à Secretaria de Educação do município, à Superintendência Regional de Ensino, a escolas particulares e a clubes sociais e esportivos.

Atualmente, a cidade de Uberlândia conta com 328 instituições de ensino públicas e privadas, atendendo da Educação Infantil ao Ensino de Jovens e Adultos, e conta com 8 clubes esportivos e sociais. Os sujeitos da pesquisa foram 50 professores e profissionais de Educação Física que trabalham em ambientes pedagógicos e lidam com os esportes coletivos com crianças e jovens de 10 a 14 anos.

3.3 Protocolos e procedimentos

Primeiramente, contatou-se a Superintendência Regional de Ensino de Uberlândia-MG para apresentar a proposta do projeto, pedindo permissão para visitar e convidar os professores da rede pública estadual de ensino para a realização da pesquisa. O mesmo foi feito com a Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Uberlândia-MG e com os clubes sociais e esportivos: Praia Clube e o SESI (Serviço Social da Indústria). Após este contato, foi fornecida uma carta de aceite dessas instituições e anexada ao projeto. Ambos foram encaminhados ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, em Uberaba-MG. O referido Comitê aprovou o projeto em dezembro de 2011, sob protocolo de número 2053. O questionário foi aplicado em um projeto piloto na cidade de Uberaba-MG, para 47 professores participantes do II Congresso de Educação Física de Uberaba em 2011. Após análise e modificações, chegou-se ao questionário aplicado e anexo a esta dissertação. Posteriormente a esta data, foram procurados as escolas e clubes que se encaixavam nos critérios abaixo expostos.

3.3.1 Critérios de inclusão:

Foram usados como critérios de inclusão: a) as escolas que participaram dos Festivais Escolares, promovidos pela 40ª Superintendência Regional de Ensino/ SESC e b) as escolas que participaram dos Jogos Escolares, promovidos pela Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Uberlândia, no ano de 2011. Os pesquisados são professores e profissionais que atuam no ensino com crianças e jovens de 10 a 14 anos.

Para os clubes sociais e esportivo, foram usados como critérios de inclusão na pesquisa: i) a participação em competições esportivas oficiais pelas federações desportivas do Estado de Minas Gerais, no ano de 2011, e ii) presença de atividades esportivas coletivas desenvolvidas com crianças e jovens de 10 a 14 anos.

As escolas privadas que participaram dos referidos eventos esportivos foram contatadas individualmente e seus professores foram convidados a participarem da pesquisa. No universo de escolas, totalizaram 12 escolas

particulares, 39 escolas estaduais, 02 federais e 31 escolas municipais (urbanas). Quanto aos clubes sociais e esportivos participaram da pesquisa o Praia Clube e o SESI. Juntos esses clubes mantêm aproximadamente 4.000 crianças e jovens em atividades esportivas, tais quais natação, futebol, futsal, voleibol, basquetebol, tênis de campo, atletismo e peteca.

Após contato e visita de apresentação nos clubes esportivos, 12 em 18 voluntários responderam aos questionários. Nas escolas, 38 professores voluntários, que ministram aulas em até três escolas de diferentes redes de ensino, participaram da pesquisa, representando 56 escolas. Logo, a pesquisa obteve como amostra os dados: 66,33% de profissionais que trabalham nos clubes já citados com esportes coletivos, e, aproximadamente, 67% de escolas que participaram dos festivais escolares promovidos pela Superintendência de Ensino e os Jogos Escolares da Rede Municipal de Ensino de Uberlândia-MG, no ano de 2011.

3.4 Análise dos dados

Considerando que o questionário apresenta questões abertas e questões fechadas, a tabulação dos dados foi realizada de duas formas: a) as questões fechadas passaram por uma análise de estatística descritiva, para o levantamento de frequência e média para composição de um quadro de repostas e, posteriormente, a elaboração de um gráfico representativo dos resultados para interpretações; b) nas questões abertas, a tabulação dos dados foi realizada obedecendo a uma categorização de unidades de análise e a uma triangulação entre a categorização e os referenciais teóricos abordados, através da técnica de análise do discurso de Bardin (1977).

Os resultados obtidos pela análise estatística foram fundamentais para a análise e discussão, uma vez que foram confrontados com o estudo teórico bibliográfico desenvolvido.

3.5 Aspectos legais e éticos da pesquisa

O desenvolvimento da pesquisa está ligado ao Mestrado de Educação Física da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Antônio Silva Campos.

O Termo de Livre Esclarecido e de Consentimento, em anexo, foi apresentado aos professores pesquisados e a aplicação dos questionários e outros protocolos e procedimentos com esses sujeitos da pesquisa foram realizados estritamente com o consentimento dos envolvidos.

CAPÍTULO II

O ESPORTE

1. O CONTEXTO DO ESPORTE NA ESCOLA

Considerando que a pesquisa descreve sobre os métodos de ensino e aprendizagem nos esportes coletivos, fato é que a escola é um ambiente pedagógico em que essas metodologias são utilizadas. Portanto, nesta seção, será apresentada a concepção do presente estudo sobre a escola.

A discussão parte da consideração inicial da existência de uma diferença entre “a escola que temos” e “a escola que queremos”, pois, como em qualquer instituição social, há uma tensão entre todos que compõem a comunidade escolar – professores, alunos, pais e, inclusive, seus órgãos mantenedores – em relação à estrutura física oferecida, à capacitação dos profissionais, às mudanças sociais e culturais e à valorização social e econômica do conhecimento.

Atualmente, não é difícil verificar o que Chervel (1990, p. 182) critica:

A concepção de escola como puro e simples agente de transmissão de saberes elaborados fora dela está na origem da ideia, muito ampla e partilhada no mundo das ciências humanas e entre o grande público, segundo a qual ela é, por excelência, o lugar do conservadorismo, da inércia, da rotina.

Neste caso, na escola, o esporte é ensinado, em muitos casos, com base na determinação de seus códigos, principalmente, da codificação do esporte de alto nível.

Esta concepção quando aliada à visão tradicional e retrógrada sobre o esporte, leva à crença, na qual muitos acreditam, que o esporte deve ser apenas vivenciado em seu caráter prático, biológico e não de forma ampla e complexa. Todavia, o que se quer é a construção da escola como um espaço de autoria, de criação, de convivência e de construção coletiva.

Logo, é preciso pensar o esporte de forma ampla e generalizada em todos os seus campos de abrangência, embora não seja um exercício fácil, como muitos alegam, mas imprescindível. Hoje o esporte possui tamanho espectro que, como aborda Bento,

[...] é concebido e interpretado como fenômeno polissêmico e realidade polimórfica, múltipla e não singular. O desporto é um construto que se alicerça num entendimento plural e num conceito representativo, agregador, sintetizador e unificador de dimensões biológicas, físicas, motoras, lúdicas, corporais, técnicas e táticas, culturais, mentais, espirituais, psicológicas, sociais e afetivas (BENTO, 2006, p. 3).

Assim, dentro do espaço escolar, tratar pedagogicamente este fenômeno é, para muitos professores e gestores públicos, tratar o espaço da base da pirâmide ou o celeiro de futuros atletas. Já para outros, é um espaço de apropriação crítico do fenômeno esportivo. Dessa forma, o esporte, com tamanha abrangência e significados, não pode restringir-se a este espaço, pois a escola, como nos cita Graça,

[...] não dá, nem podia dar resposta à expansão das necessidades de prática desportiva nem à pluralidade de motivos que atraem e ligam as pessoas, as diferentes idades, gênero e condição a essa prática (GRAÇA, 2004, p. 97).

A visão do esporte espetáculo não pode e nem deve sustentar a prática escolar, porque este modelo de exclusão e de seleção dos mais habilidosos, representado metaforicamente pelo símbolo da pirâmide, não atende às necessidades deste espaço de aprendizagem. Para muitos, a base da pirâmide é representada pela escola. A cada novo patamar da pirâmide, existe um processo de redução e, conseqüentemente, uma exclusão. Afirmação atestada em Bracht (1992),

[...] é importante citar que o desenvolvimento da instituição esportiva não se dá independentemente do da Educação Física: condicionam-se mutuamente. A esta é colocada a tarefa de fornecer “a base” para o esporte de rendimento. A escola é a base da pirâmide esportiva. É o local onde o talento vai ser descoberto. Esta relação, portanto, não é simétrica. (BRACHT, 1992, p. 22)

Não é este modelo de esporte que é o único responsável pela exclusão, mas a limitação de entendimento que se tem do esporte é que se configura como causa da exclusão. A partir do momento que um conceito esportivo amplo for desenvolvido, ter-se-á não só a procura pelo esporte espetáculo, mas também a procura pelas diversas dimensões que o esporte pode proporcionar, inclusive a busca por mudanças que esse esporte sofre ao interagir com a cultura escolar.

O esporte que penetra o espaço escolar é o esporte criado e praticado culturalmente na sociedade, com interesses diversos e

conflituosos, certamente. Esse esporte é escolarizado e incorporado à cultura escolar (VAGO, 1996, p. 11).

Esse conceito plural do esporte tem sido defendido por diversos autores como Paes e Balbino (2005), Paes (2001), Bento (1995, 1999, 2008), dentre outros, numa crítica recorrente àqueles que veem o esporte sob visão unidimensional.

A instituição escolar tem dificuldades para selecionar e pedagogizar os conhecimentos que surgem e que impõem mudanças na maneira de ver e agir em sociedade. Com o esporte não é diferente: muitos são os conhecimentos relacionados ao esporte, mas quais desenvolver com os alunos, com quais objetivos e qual metodologia utilizar são alguns dos desafios.

Frente a tudo isso, fato é que o esporte escolar não é contemplado apenas pelo esporte de rendimento; hoje ele é muito mais amplo e diversificado, com diversos apelos para a motivação dos alunos, como as questões ligadas à saúde, aos hábitos saudáveis e ao lazer.

Com o movimento crítico e as reflexões instaladas na área por volta de 1980, conforme supracitado, muito se avançou em relação aos conteúdos da Educação Física Escolar e às metodologias de ensino empregadas neste contexto de aprendizagem. Assim, o esporte deixou de ser o único conteúdo a ser trabalhado, mas ainda tem papel de destaque no ambiente escolar.

Pedagogizar o esporte de maneira que favoreça o aprendizado dos alunos, buscando a compreensão dos aprendizes quanto às diversas faces que compõem o esporte, instaurando a consciência discente do papel de cada ser frente ao fenômeno, do ser frente ao grupo e deste frente a uma comunidade maior é tarefa que cabe aos professores e/ou profissionais da área.

Para compreender o processo de pedagogização do esporte dentro do espaço escolar, há de se resgatar preceitos da educação. Fundamentando nos argumentos de Nóvoa (1992), é possível dizer que até os anos 60 do séc. XX, a educação era algo institucionalizado e predominava um processo de dentro para fora, ou seja, acreditava-se que apenas o professor detinha o conhecimento e que este era transmitido ao aluno exclusivamente pelo professor. A partir deste momento, passa-se a questionar i) o lugar onde ocorre a aprendizagem; ii) como ela ocorre e iii) e o tempo necessário para que ela ocorra. Diante disto, ao pensar o esporte neste espaço, é necessário pensar o

papel da escola no desenvolvimento deste fenômeno social, pois é sabido que o aprendizado do esporte não ocorre exclusivamente dentro da escola, ou, ainda, apenas nas aulas de Educação Física.

É preciso construir um projeto político pedagógico que insira o esporte, não como um simples reproduzidor de técnicas e conhecimentos, mas como favorecedor do aprendiz a ser produtor de seu conhecimento. Dessa forma, o esporte pode contribuir para a autonomia e a consciência do ser, para que este conviva em uma sociedade moderna.

Há de se ressaltar que o esporte não deve ser inserido na escola de forma separada e única, mas deve permanecer dentro da Educação Física, disciplina que trata e pedagogiza o esporte dentro do espaço escolar.

Um dos maiores desafios do esporte no espaço escolar é a questão da participação em massa e a inclusão de todos dentro deste ambiente. Muitos valores do esporte espetáculo, já interiorizados pelas crianças e jovens, se tornaram hábitos e costumes, sem que estes compreendam bem como surgiram e por que, o que faz com que certos valores deste fenômeno social perpetuem-se.

2. O CONTEXTO DO CLUBE ESPORTIVO E SOCIAL

O clube esportivo e social é uma mescla de organização formal e grupo social (HEINEMANN, 1999). Este foi o principal cenário de fomento ao esporte federado no Brasil ao longo de todo o século XX, uma vez que, por meio de ações esportivas e de integração social de seus associados, os clubes tinham no esporte federado uma de suas principais atividades. Desta maneira, os clubes passaram a ser fundamentais para o ensino, o treino e a disseminação do esporte espetáculo. Mas isto se tornou oneroso para as entidades como nos aponta Gallati (2010),

Entretanto, nas últimas décadas do mesmo século foi crescente o processo de profissionalização dos atletas, o que representou um problema para os clubes já no final da década de 1970 e em especial nos anos 80 e 90: manter equipes nas competições federadas tornou-se muito caro e exigia a contratação de atletas por vezes não sócios, sem vínculo com o clube, mas que permitia melhores condições de buscar resultados competitivos, diminuindo a identidade dos associados com suas equipes representativas. Além disso, os associados não estavam satisfeitos em ver o dinheiro por eles investido nos clubes revertido em pagamento de salários a estes

atletas profissionais e toda a estrutura de recursos humanos, materiais e físicos.(GALATTI, 2010, p.30).

Assim os clubes passaram a investir fortemente na formação de seus próprios atletas, buscando formas próprias de fomentar a prática esportiva a fim de possuírem equipes mais competitivas a custos mais razoáveis. O crescimento e a valorização desta prática foram tão vertiginosos que não ficaram restritos apenas aos clubes esportivos e sociais, surgindo, então, novas configurações de organização, como aponta Galatti (2010),

Junto à consolidação do esporte profissional, observou-se também no final do século XX, de forma paralela, a pluralização do esporte, sendo as características do período moderno insuficientes diante das possibilidades amplas do fenômeno contemporâneo – diversificado, em constante transformação e valorado em diversos níveis, dando vazão a múltiplos significados, tais quais os relacionados à profissão, representação, lazer, saúde, estética, socialização e educação. Para atender à demanda social em torno de esporte diante da multiplicação de suas possibilidades, o modelo federado com base nos clubes passa a conviver, no final do século XX e início do XXI, com outros modelos de oferta esportiva, como nas baseadas em novas estruturas de organização da sociedade civil, tal quais as Organizações Não-Governamentais, ou mesmo estruturas mais profissionais, como centros privados de oferta esportiva e, ainda, a prática informal, deixando o clube sócio-esportivo de ser a grande agência fomentadora do esporte e passando a ser uma das possibilidades de cenário para a prática esportiva. (GALATTI, 2010, p.31).

Com a ascensão da prática esportiva dos clubes, estas entidades passaram a oferecer o ensino formal do esporte, que, comumente, ocorria nas escolas. Isso tornou perceptível a comparação das práticas pedagógicas que ocorriam em ambos os ambientes de aprendizagem.

O trabalho do técnico, no clube, comparado com o trabalho do professor de Educação Física, na escola, possui diferenças pontuais, mas os princípios de ensinar e treinar são os mesmos. Ou seja, a metodologia de ensino é a mesma e a filosofia que baseia o ensino e/ou treino do esporte está assentada nos mesmos princípios. Não muda o método, mas muda o volume do treino, as condições fisiológicas e físicas do praticante, os objetivos finais, dentre outros. Os atletas/alunos, independentemente de serem do clube ou da escola, objetivam sempre um resultado e uma mudança de atitude frente às suas vidas, portanto, a técnica, a tática e a preparação física são princípios básicos em todos os ambientes pedagógicos.

Campos (2006), nos seus estudos sobre o voleibol “da” escola, elaborou um quadro que releva as diferenças entre o esporte “da” escola e o esporte do clube. Eis o quadro:

Quadro 1 Diferenças entre o voleibol performance e o voleibol “da” escola

Voleibol Performance	Voleibol “da” Escola
A divisão do tempo está condicionada a uma programação pré-determinada em função de uma temporada para uma competição alvo.	A divisão do tempo na escola está condicionada à proposta pedagógica da escola, dividindo espaço com outros objetivos mais importantes.
A prioridade do atleta é o treinamento.	A prioridade do aluno/atleta é a educação escolar com vistas a uma qualificação ampla. Às vezes, o adolescente que tem potencial voleibolístico divide o interesse esportivo com o primeiro trabalho, necessário em função de sua condição socioeconômica.
A falta do atleta ao treino é por questões de lesões ou inviabilizações decorrentes das regras do jogo ou da competição.	A falta do aluno/atleta está condicionada às determinações dos pais, às notas ruins, a doenças, a ocupações extras dos espaços de treinamento, à desmotivação causada pela heterogeneidade técnico-esportiva do grupo, etc, inviabilizando uma sequência lógica de ações no treinamento.
No clube, o vôlei é desenvolvido dividindo espaços com outros esportes, mas com um único princípio norteador.	Na escola, o treinamento de vôlei divide espaço com outras “disciplinas” formadoras que detêm princípios diferentes do espírito esportivo.
Para o sucesso, a programação deverá ser seguida à risca e a intensidade dos treinos crescente.	Para o sucesso, a programação deverá ser flexível e a intensidade dos treinos é variável em função de uma série de questões, tais como: infrequência dos alunos/atletas; evasão ocasional em função de indisciplina na escola; notas ruins, etc.
A disponibilidade de recursos materiais é uma condição básica para um desenvolvimento total.	A disponibilização de recursos é mínima, mesmo em escolas particulares que cobram mensalidades escolares caras.
A determinação do espaço de treinamento é adequada.	A determinação do espaço é variável dependendo da escola. Algumas escolas possuem espaços abertos que são inviabilizados pelas condições meteorológicas, ou possuem espaços terceirizados que limitam o tempo e o uso (caso de algumas escolas particulares alocadas em prédios pequenos sem pátios ou quadras).
A definição do padrão biotipológico é determinada pelo esporte e adotada pela equipe de treinamento.	A definição do padrão biotipológico é irrelevante, pois todos os alunos/atletas têm o direito aos treinos. Dependendo da faixa etária, o fator altura, importante nesta modalidade, é desprezado em função de habilidades motoras compensatórias.
A preparação física é de fundamental importância, pois a “máquina” humana só funcionará eficazmente quando suas capacidades estiverem ao extremo.	Não há espaço para um treino visando ao aprimoramento físico. Essa questão divide espaço com a consolidação da aprendizagem motora e o desenvolvimento físico-orgânico do aluno/atleta.

A seleção de atletas para definição de equipes e dos treinamentos é trabalhada previamente por “olheiros”, resumindo sumariamente a perspectiva de seleção.	Há um número excessivo de alunos para o início do treino que não podem ser “excluídos” de treinar até que encontrem um esporte que se identifique mais com suas características biológicas, pois o vôlei divide espaço com outros esportes escolares.
Uma categoria seja feminina ou masculina, juvenil, infante, infantil, normalmente, tem o seu horário específico para o treinamento.	Devido à quantidade pequena de tempo para treinos de várias categorias de meninos e meninas, os treinos são mistos e, em alguns casos, juntam-se duas categorias para treinar mais vezes.

Fonte: Campos (2006, p. 72).

Nessa comparação elaborada por Campos (2006) entre o voleibol performance e o voleibol “da” escola, é apresentada uma justificativa para diferenciar alguns pontos na pedagogização do ensino e no treinamento dos esportes coletivos, de maneira geral. Na escola, é necessário recodificar os esportes para uma ação formadora da cidadania; por outro lado, no clube, os interesses formadores estão baseados nos princípios do rendimento e do capital que movem o esporte espetáculo. Em muitos casos, o esporte tratado no clube é um empreendimento financeiro vultoso e o “trabalho do atleta” é a moeda de troca com o clube e seus dirigentes.

No clube, a competição toma outros rumos; o envolvimento de torcedores e sócios impõe atitudes, às vezes, que extrapolam as razões da boa convivência; há um mercado de troca e venda de produtos decorrentes de todas essas ações, dentre outras questões.

E, ainda, a gestão dos clubes, em maioria, é amadora, não vislumbra uma organização financeira para o esporte nem tão pouco a parte pedagógica de sua atuação com o esporte junto às crianças e aos jovens. Esta situação é verificada nos estudos de Paes e Galatti (2012),

O amadorismo da gestão do clube no Brasil se manifesta também na oferta da iniciação esportiva e das categorias de base, em geral, pouco estruturadas e carentes de uma programa esportivo que as vinculem à categoria principal adulta, tanto em termos de gestão, como de procedimentos pedagógicos que estruturam trabalhos a longo prazo na formação humana e de atletas (PAES e GALATTI, 2012, p.425).

Retomando os métodos de ensinar e treinar os esportes coletivos, destaca-se, como já anunciado anteriormente, que eles não se modificam completamente em virtude de acontecerem na escola ou no clube, apenas se alteram na intensidade e no volume de suas aplicabilidades. Além das características abordadas por Campos (2006) sobre essas realidades de

ensino, há também autores como Greco e Benda (1998) que indicam alguns problemas comuns em ambos os espaços de aprendizagem, a escola e/ ou o clube esportivo e social:

- Dedicar-se muito tempo ao ensino da técnica, as aulas normalmente, são monótonas, geralmente analíticas: praticamente nada do que compõe o jogo é transferido logo à situação real do mesmo;
- os alunos menos capacitados, que não têm êxito na aquisição de um nível adequado de execução da técnica, estão condenados a uma mera repetição de movimentos estereotipados que podem provocar ou confirmar a aversão pela prática de tal modalidade esportiva;
- estimula-se a formação de esportistas-alunos dependentes de seu treinador-professor;
- não há preocupação em fazer com que os alunos conheçam as possibilidades de variação do jogo;
- não há uma formação de praticantes (ou mesmo espectadores) críticos (GRECO e BENDA, 1998, p.17).

Tanto as diferenças apontadas por Campos (2006), quanto as aproximações feitas por Greco e Benda (1998), permitem a reflexão sobre os espaços de aprendizagens: são diferentes, com personagens distintos e buscam desenvolver o fenômeno esportivo com objetivos e finalidades que se aproximam, mas devem alcançar resultados distintos, mesmo buscando o mesmo processo de ensino e aprendizagem. Assim, a ideia de que os métodos utilizados podem ser os mesmos nas escolas e nos clubes esportivos e sociais é reforçada, todavia a estrutura temporal, a intensidade e os objetivos devem se diferenciar para garantir êxito aos objetivos da prática esportiva propostos por cada um destes espaços.

CAPÍTULO III

OS ESPORTES COLETIVOS: CONCEITOS E ANÁLISES DOS MÉTODOS DE ENSINO E TREINAMENTO

1. OS ESPORTES COLETIVOS: CARACTERIZAÇÃO E CONCEITOS

O jogo desportivo coletivo representa uma forma de atividade social organizada, uma forma específica de manifestação e de prática, com caráter lúdico e processual, do exercício físico, na qual os participantes (jogadores) estão agrupados em duas equipes numa relação de adversidade típica não hostil (rivalidade desportiva), relação determinada pela disputa através da luta com vista à obtenção da vitória desportiva, com a ajuda da bola (ou de outro objeto de jogo), manobrada de acordo com regras pré-estabelecidas (TEODORESCU, 2003, p. 23).

Os esportes coletivos são parte do fenômeno esportivo e despertam fascínio em praticantes e em espectadores. O futebol se destaca desde o final do séc. XIX, e, posteriormente, no séc. XX, o handebol, basquete e voleibol – modalidades que, somadas ao futebol, se destacam em virtude de sua grande presença e influência nas escolas e clubes sociais e esportivos – têm ganhando adeptos e público. O Brasil tem excelente participação em nível mundial nessas modalidades, com destaques representados por atletas, técnicos e dirigentes.

Além de grandes nomes no futebol, o Brasil ocupa, no ano de 2012, o 6º lugar no ranking masculino e o 4º, no feminino, conforme dados da Federação Internacional de Futebol. Já o handebol ocupa o 26º lugar, no masculino, e o 22º, com a equipe feminina, segundo a Federação Internacional de Handebol. Quanto ao voleibol masculino, o Brasil é o 1º colocado, e, no feminino, a seleção ocupa o 2º lugar, de acordo com a Federação Internacional de Voleibol. No basquetebol, o 13º lugar é ocupado pela equipe masculina e o 6º lugar pela feminina, segundo a Federação Internacional de Basquetebol.

Este ranking não representa a nação de praticantes que se tem em cada modalidade, mas permite vislumbrar o crescimento dessas modalidades nos últimos anos, com atletas e técnicos de destaque internacional figurando entre os melhores do mundo, bem como dirigentes que têm se destacado e ocupado espaços importantes frente ao esporte mundial. Outro destaque é o futsal, uma das modalidades esportivas coletivas mais praticadas entre os brasileiros. Sua

popularidade, talvez, também se deva às facilidades em relação não somente às condições estruturais que essa modalidade exige, mas em relação aos custos que são inferiores quando comparados à prática do futebol de campo, principalmente em relação à manutenção da estrutura física.

Todos os esportes coletivos supracitados representam participação assídua do Brasil em torneios internacionais, o que, por sua vez, propicia intercâmbio técnico, com aquisição de novos conhecimentos e experiências acerca do esporte coletivo e seus métodos de ensino e treinamento.

Como qualquer modalidade de esporte, o coletivo apresenta características que lhe são próprias. Dentre elas, a fundamental é a imprevisibilidade de ações que há nesta modalidade, conforme assevera Greco (1995); Greco e Benda (1998); Ferreira, Galatti e Paes (2005). Para uma análise pedagógica, essa característica é fundamental para que se possa pensar o trato pedagógico com o processo de ensino e treinamento do esporte. Balbino (2005) destaca outras características também relevantes:

A relevância e o foco das capacidades físicas que dão base à construção da forma específica e que permitem a manifestação ótima das habilidades específicas, a aciclicidade das ações, as execuções da técnica em diferentes posições de equilíbrio, o dinamismo da tática e suas exigências psicofísicas para o desempenho de equipe, a alternância de ritmo das ações, ora com esforços intensos, ora com períodos de pausa, conferem aos jogos desportivos coletivos características específicas que os diferenciam de outros conjuntos de modalidades esportivas (BALBINO, 2005, p.18).

Greco (1998) indica, ainda, em sua obra, os parâmetros que são comuns aos jogos desportivos coletivos, quais sejam:

A bola (velocidade, direção, altura, etc...); b) O espaço (local na quadra, áreas permitidas, proibidas, distribuição no campo); c) O objetivo do jogo (gol, ponto, etc); d) O regulamento, com parâmetros, como: tempo de jogo, espaço de jogo ou delimitações do campo, número de jogadores, formas de jogar a bola (permitido e não permitido), características da bola, formas de comportamento perante o adversário, punições e penalidades; e) colegas (posição, deslocamento, ação, função); f) adversário (intenções táticas etc.); g) público; h) a situação: este parâmetro é fundamental, pois as ações dos atletas mudam conforme a situação ambiental inter-relacionada com os objetivos do jogo (GRECO, 1998, p.53).

Arroladas essas considerações, é preciso pensar o processo de ensino e aprendizagem dos jogos coletivos, compreendendo que as etapas acima descritas ocorrem simultaneamente e de maneira individualizada. Embora

muitos professores acreditem que ao desenvolver suas atividades pedagógicas esportivas no ambiente escolar estão desenvolvendo apenas o ensino, na verdade, estão desenvolvendo todo processo.

A aprendizagem pode ser compreendida como a construção e modificação constante dos sistemas individuais de ação; a aprendizagem está ligada ao prolongado desenvolvimento e aumento da experiência de jogo que exige a apresentação de uma alternativa pedagógica, em que o jogo, na sua ideia básica, não seja alterado (GRECO, 1998, p. 48).

Reconhecer e valorizar o conhecimento prévio que os alunos detêm por meio de suas experiências sociais e culturais, facilita o ensino e a aprendizagem do esporte coletivo, pois eles trazem um gama de experiências diferenciadas, facilitando a troca entre si e motivando a aprendizagem.

Este processo pedagógico não é único ou igual para todos e acontece em momentos e estágios diferentes. Em grupos heterogêneos, é comum alguns alunos não dominarem um movimento técnico enquanto outros já aplicam-no em diversas situações diferentes, passando a treiná-lo em vários contextos.

Portanto, o processo de ensino e aprendizagem dos esportes coletivos é rodeado de várias facetas que devem ser consideradas pelo professor e/ou treinador no momento da elaboração de seu planejamento de trabalho. Porém, é preciso reiterar que embora os ambientes pedagógicos se diferenciem (escola e clubes), as metodologias seguem princípios básicos comuns em ambos os ambientes.

2. OS MÉTODOS DE ENSINO DOS ESPORTES COLETIVOS: análise e discussões

As modalidades esportivas apresentam histórico de grande aceitação social e crescimento vertiginoso nas décadas de desenvolvimento dos esportes modernos. Cada vez mais aumenta o número de praticantes assim como a quantidade de locais em que são praticados os esportes.

A ampliação da prática esportiva para além da escola trouxe maior competitividade e maior formação de atletas de alto nível, rendendo também interessados no esporte por lazer. Mesmo atletas amadores buscam,

comumente, melhorias no seu rendimento, e, com isso, a maioria dos clubes e entidades públicas mantêm torneios amadores durante todo o ano, contribuindo para o aumento da exigência em relação ao conhecimento e à formação do professor e/ou técnico para o alcance da performance e de resultados.

Assim, é importante a determinação de abordagens metodológicas utilizadas no processo de ensino e aprendizagem, medidas pela eficiência técnica, o rendimento esportivo e o desenvolvimento integral do praticante, seja atleta de alto nível, atleta escolar ou amador. Não se pode pensar o ensino e o aprendizado apenas para futuros atletas, mas um aprendizado eficiente para todas as crianças e jovens, pois a eficiência no ensino e aprendizagem constitui diferencial para a ampliação da motivação para o esporte de lazer e, conseqüentemente, para uma vida mais saudável.

Para tanto é fundamental situar o termo método de ensino que, para Gonzalez e Fernsterseifer (2005, p. 274), refere-se “[...]aos procedimentos para atingir um objetivo na ação educativa”, e, em sentido mais geral,

[...] método significa caminho para chegar a um fim. A palavra método deriva do latim *methodus*, que por sua vez tem origem no grego, das palavras meta (meta=meta) e hodos (hodos= caminho). Logo, método significa caminho para se chegar a um determinado lugar (GONZALEZ e FERNSTERSEIFER, 2005, p. 274).

Ainda em relação à terminologia, o autores destacam algumas confusões teóricas que se aportam nesta discussão, como:

Uma confusão frequente na distinção entre método e técnica de ensino. Se os métodos procuram atingir os objetivos da educação ou os objetivos da disciplina ou área, as técnicas de ensino se referem mais especificamente a objetivos menores de um processo educativo, por exemplo, os correspondentes a uma unidade de ensino, ou até motivar a aprendizagem de um determinado tema, agrupar alunos ou introduzir recursos tecnológicos na sala de aula (GONZALEZ E FERNSTERSEIFER, 2005, p. 274).

Este estudo trata da identificação dos **métodos** de ensino e aprendizagem utilizados por professores e profissionais no ensino dos esportes coletivos com crianças de 10 a 14 anos, na cidade Uberlândia-MG, e não se propõe a discutir as metodologias de ensino, que, segundo Gonzalez e Fernsterseifer (2005, p. 276), “[...] significa: tratado ou estudo dos métodos de ensino [...] e trata no seu conjunto a organização da matéria/conteúdo de

ensino e os métodos, técnicas e procedimentos para o seu ensino” (GONZALEZ e FERNSTERSEIFER, 2005, p. 276).

A partir da consideração de que independente do local, seja a escola, o clube, ou outros espaços de prática esportiva de ensino formal, os métodos de ensino e aprendizagem não se diferenciam nos seus princípios básicos, para este estudo, são propostas algumas reflexões sobre os problemas enfrentados no espaço escolar, mas comuns, também, nas escolinhas de esportes e nos clubes.

Nestes espaços não há restrição às equipes selecionadas. Há um grande número de praticantes com turmas bastante heterogêneas e com diferentes objetivos que vão desde a vontade dos pais, até as ambições dos alunos. Nesse sentido, Read e Davis (1990) apontam algumas limitações que se tornam importantes para a discussão acerca dos métodos de ensino:

habitualment, els alumnes avançats s'inicien en la pràctica esportiva fora Del contextescolar i a lès classes d'educació física es limiten a refermar un conjunt de tècniques mecàniques que redueixen, per la seva mateixa natura la irreflexiva, La capacitat de decisió; 2. Els alumnes menys capacitats o amb problemes no solen tenir èxit en l'adquisició d'un espò adient d'execució tècnica, essent, doncs, condemnats a repetir moviments estereotipats que podem consolidar o donar lloc a un rebuig per la classe d'educació física; 3- s'estimula la formació d'esportistes-alumnes esportivo del seu entrenador-professor; 4- s'empra molt de temps en l'ensenyment de la tècnica i gairebé res en el que esportiv constitueix el joc esportiu; 5- existeix escassa transferència de L'aprenentatge tècnic a la situació real de joc;

6- els alumnes sovint s'avorreixen davant la manca d'activitat física um um classe d'ensenyment de la tècnica; 7- els alumnes no arriben a copsar que El joc esportiu és el mitjà idoni per al coneixement de totes lès possibilitats Del joc; i 8- no es formen esportadors crítics, practicants o possibles administradors esportius em um espor l'esport constiuex uma esportivo forma d'omplir el temps de lleure (READ E DAVIS, p.51, 1990)².

² 1. Habitualmente, os alunos avançados na iniciação da prática esportiva fora do contexto escolar e das aulas de educação física são limitados para reafirmar conjunto de técnicas mecânicas, que reduzam, pela sua natureza irracional, o poder de decisão; 2. estudantes com menos competências ou problemas raramente têm sucesso para adquirir um nível adequado de execução técnica, sendo, portanto, condenados a repetir os movimentos estereotipados que podem levar à consolidação de uma rejeição pelas aulas de educação física; 3 - estimula a formação de alunos-atletas dependentes do treinador-professor; 4 – tinha um tempo em que se achou que o ensino da técnica era realmente quase nada do que constitui o jogo esportivo; 5 – existe escassa transferência de conhecimento técnico para a situação de jogo real; 6 - os estudantes muitas vezes tornam-se aborrecidos com a falta de atividade física em uma classe em que se está ensinando a técnica; 7 - os alunos não conseguem entender que o jogo esportivo é a melhor maneira de conhecer todas as possibilidades do jogo; 8 – não se forma espectadores críticos, ou praticantes e possíveis administradores esportivos que constituem o mundo esportivo, como uma maneira importante para preencher o tempo de lazer.

Os aspectos acima abordados pelos autores são pertinentes a uma formação esportiva crítica e reflexiva, uma vez que não foca apenas o aluno como um futuro atleta, mas o espectador e, até mesmo, os futuros administradores do esporte. E é justamente isso que o ensino requer: um processo de ensino e aprendizagem que possibilite uma capacidade de “pensar” o jogo de uma maneira mais crítica e autônoma, descentralizando o processo da figura do professor. Portanto, essa “autonomia” que o atleta deve objetivar independe do ambiente, escolar ou recreativo, em que esteja.

A prática dos esportes coletivos, conforme Garganta (2000), deve desenvolver, nos praticantes, “[...] competências que transcendam a execução propriamente dita e se centrem na assimilação de ações e princípios do jogo” (GARGANTA, 2000, p. 55). Ainda, segundo Greco (2012), “[...] o processo de ensino-aprendizagem na iniciação esportiva, conforme a visão das teorias integradoras, apresenta uma ênfase na ação de jogar” (GRECO, 2012, p. 447), ou seja, o processo de iniciação e treinamento deve ser o mais fidedigno possível ao jogo.

Neste estudo, é indispensável asseverar o princípio básico que recobre qualquer abordagem metodológica de ensino e aprendizagem: a orientação por ações similares às ações desenvolvidas no momento do jogo esportivo coletivo. Portanto, o professor e/ou profissional deverão sempre ter esclarecidos o fato de que as ações pedagógicas realizadas deverão estar próximas ao movimento técnico, tático e estratégico do jogo.

Os jogos esportivos coletivos, como já mencionado, são ambientes ricos pela imprevisibilidade, sendo esta uma de suas características mais importante. Contudo, Garganta (1998) afirma existir os possíveis previsíveis, o que justifica e dá sentido aos processos de preparação e treinamento. Segundo Greco (1998), os possíveis previsíveis passam pela capacidade de recepção de informações, pela capacidade de armazenamento de informações e a capacidade de elaboração de informações, por isso, o termo utilizado por Garganta (1998) significa criar e automatizar uma série de situações e vivências motoras que vão facilitar e agilizar as tomadas de decisão e de ação motora.

Costa e Nascimento (2004) ressaltam que um dos principais problemas encontrados, principalmente no ensino das modalidades esportivas escolares,

não é a especificidade de modalidades, mas a forma tradicionalista com a qual elas são abordadas metodologicamente, qual seja: nas ações mecânicas e repetitivas do movimento, isentas da reflexão sobre as ações do jogo. A prática de ensino dessas modalidades se restringe ao aprendizado do gesto técnico, na maioria das situações, de maneira fragmentada e distante do contexto do jogo propriamente dito, o que dificulta a criação de um repertório de situações reais de jogo.

Inclusive, nos estudos de Costa e Nascimento (2004, p. 50), verifica-se que “[...] a utilização de abordagens tradicionais para o ensino da técnica é bastante comum tanto nos treinamentos quanto na realidade educacional [...]”. Outros estudiosos chegaram a conclusões semelhantes, tais como Greco (1998, p. 47): “[,,] detectamos como um problema comum, na prática, a aplicação frequente do método parcial, que ainda vem sendo muito utilizado.”

À guisa de esclarecimento, este estudo baseia-se pela crença de que não existe um método melhor, mas a utilização, pelo professor, do método mais adequado à faixa etária e às características do grupo. Esse pensamento é defendido por Greco (1998) quando destaca que:

[...] temos observado também que professores mais jovens, com muito critério, não adotam nenhum [destes] métodos isoladamente, procurando “construir” um método de ensino-aprendizagem-treinamento adequado à realidade do seu grupo específico de trabalho. Lamentavelmente, estes são exceções (GRECO,1998, p. 47).

Esta reflexão sobre métodos mais adequados já se instaurava há tempos, quando Alberti e Rothenberg (1984) já anunciavam e apontavam, em seus estudos, situações que são observadas na prática diária:

Através de que método a introdução de um grande jogo esportivo terá maior sucesso? Enquanto os pedagogos se voltam mais para a concepção de que somente se poderá aprender um jogo jogando, isto é, tendo por base as experiências do próprio jogo, os representantes dos clubes esportivos, em sua maioria, são da opinião que, somente depois de se praticar com segurança as técnicas básicas com a bola, é que será possível dedicar-se ao jogo propriamente dito (ALBERTI e ROTHENBERG,1984, p.1).

Dentre os métodos, o Método Tradicional, como diz o próprio nome, contrapõe-se à inovação, o que é muito observado devido a um comodismo no

ensino. As relações interpessoais são tratadas com rigidez e o aluno não interfere no direcionamento da aprendizagem. Também não é considerado o conhecimento anterior que o aprendiz adquire em seu ambiente social e a relação docente é comumente unilateral, o que não possibilita o questionamento e a reflexão coletiva de princípios sociais. O oposto do tradicionalista, segundo Costa e Nascimento (2004, p. 49), é aquele professor e/ou profissional que possui um “[...] pensamento crítico e reflexivo, que exige esforço, dedicação e formação continuada”.

Em decorrência dos vários questionamentos e discussões acerca das metodologias tradicionais, muitos outros métodos surgiram no sentido de possibilitarem entendimento e compreensão sobre o papel do aluno no processo de aprendizagem além de buscarem elucidar como essa aprendizagem se dava dentro de um contexto real de jogo. Estas novas abordagens, na bibliografia, referem-se aos métodos ativos:

[...] de outra parte, há os métodos ativos, que levam em conta os interesses presentes da criança e que solicitam a partir de situações vividas, a iniciativa, a imaginação e a reflexão pessoal para favorecer a aquisição de um saber adaptado (SAAD, 2002, p. 29).

Para corroborar com a ideia de Saad (2002), Greco (1998) discorre sobre os métodos situacionais, em que a utilização de jogos que representam situações reais e problemas táticos mais próximos à realidade do jogo são priorizados. Outros autores também analisaram os referenciais dos métodos de ensino nos esportes coletivos e buscaram, outrossim, classificar os métodos de ensino e aprendizagem.

Neste instante, torna-se necessário um esclarecimento quanto a compreensão do tradicionalismo no uso dos métodos e a visão tradicional que imperava na Educação Física.

É perceptível a evolução das discussões sobre a compreensão e o papel da Educação Física em nossa sociedade, todavia, a prática ou a vivência dos alunos se mantém de maneira tradicional em relação aos métodos utilizados. Em outras palavras, os conceitos, princípios metodológicos e pedagógicos foram transformados, mas a aplicação e significação ainda tendem a práticas tradicionais.

Esta é uma crise antiga que não acontece só no Brasil, mas também nos Estados Unidos da América, Inglaterra, Portugal, Espanha e outros mais. Como se pode observar em citações como a de Graça e Oliveira (1995) ou a de Read e Davis (1990), desde os anos de 1960, a metodologia dos Jogos Esportivos Coletivos repousa numa análise formal e mecanicista de soluções preestabelecidas, como a metodologia “tradicional”.

El canvi d'enfocament pot considerar-se una perspectiva global, coherent i alternativa a l'ensenyament dels jocs sportius, que sorgeix com a reacció envers El sistema tradicional i em La qual conflueixen esportivo aportacions fetes al llarg dels anys setenta i vuitanta (READ e DAVIS, 1990, p. 55)³.

Para contribuir nesta discussão, Saad (2002) classificou e atribuiu características a cada um destes modelos, tradicional e ativos, os quais referenda abaixo,

De uma parte, os métodos tradicionais ou métodos didáticos baseiam-se nos princípios da simplicidade, da análise e da progressividade (decompõe-se em elementos a matéria a ensinar). Há dois processos fundamentais que participam a toda aquisição: a memorização e a repetição que permitem aplicar sobre a criança o rigor do adulto. De outra parte, há os métodos ativos, que levam em conta os interesses presentes da criança e que solicitam a partir de situações vividas, a iniciativa, a imaginação e a reflexão pessoal para favorecer a aquisição de um saber adaptado (SAAD, 2002, p. 29).

Partindo desta definição, os métodos de ensino e aprendizagem catalogados na bibliografia relativa aos esportes coletivos serão apresentados abaixo, divididos, conforme Saad (2002), em métodos tradicionais e métodos ativos.

2. 1 Métodos tradicionais de ensino nos esportes coletivos

2.1.1 Método Parcial ou Analítico

Este método é fruto da teoria associacionista e defende que a fragmentação da técnica pode facilitar a solução do problema motor. Assim, é baseado na segmentação dos exercícios, e o ensino ocorre em partes, de

³ A mudança de abordagem pode ser considerada numa perspectiva global, uma consistente alternativa ao ensino jogos esportivos, que surge como uma reação contrária ao sistema tradicional, ao qual convergem diferentes contribuições feitas ao longo dos anos setenta e oitenta.

modo que somente após atingir um nível de destreza nas partes é que elas serão unidas e executadas de maneira completa (XAVIER, 1986). Por isso, esse método deve ser indicado para destrezas e habilidades com certo grau de complexidade ou de dificuldade por parte do executor, como citado por Morehouse e Miller (1978),

Para apressar a aprendizagem de destrezas pouco comuns ou muito complexas, deve-se decompor os distintos elementos dos movimentos que os integram e aprendê-los separadamente, para logo se combinar uns com os outros e se somar gradualmente até alcançar a correta execução da técnica completa (MOREHOUSE e MILLER, 1978 apud XAVIER, 1986, p.18).

Corroborando com esta ideia, Hegedus (1979) afirma que ao se planejar o treinamento físico é importante saber que “[...] quando os exercícios forem de alta complexidade, é recomendável dividi-los em diversas fases” (HEGEDUS, 1979, apud XAVIER, 1986, p. 19). Destaca ainda que destrezas e técnicas simplificadas não necessitam ser trabalhadas por meio deste método e indica o uso de variados métodos para se atingir os objetivos propostos.

Uma das críticas feitas a esse método diz respeito à falta de semelhança com o dinamismo do jogo e, por conseguinte, a desmotivação que provoca nos alunos, como nos alerta Dietrich, Durrwachter e Schaller (1984, p. 18) “[...] assim permanece o perigo de que o método parcial decorra alheio ao jogo e de que o pré-treino do jogo se torne um treino contra o jogo”.

Garganta (1998) afirma que os Jogos Esportivos Coletivos são atividades nas quais existem e acontecem infinitas situações imprevisíveis que não apresentam uma sequência, ordem cronológica e complexidade definida, além de não haver uma forma fixa de execução. Dessa maneira, aponta para a não adequação do uso do método parcial para estas modalidades esportivas. Entretanto, muitos autores são categóricos ao admitirem a importância desse método no aprimoramento técnico, como justifica Costa e Nascimento (2004, p. 50),

Durante os estágios iniciais do processo ensino-aprendizagem, a atividade motora dos alunos é bastante imprecisa, possuindo muitas vezes aparência rígida. Talvez a necessidade de o professor transformar rapidamente esses movimentos numa ação motora mais eficiente justifique a opção pela reprodução de movimentos considerados perfeitos numa análise biomecânica.

Não se pode ter a ilusão por resultados rápidos e superficiais, mas é preciso pensar cientificamente as características da atividade requisitada e como seria o processo de aprendizagem longo e estável, utilizando o método parcial.

2.1.2 Método Global

No método global, alguns autores, tais como: Reis (1994), Greco (1998) e López (2002), destacam a importância da forma e da organização do jogo oferecida aos alunos e, conseqüentemente, do todo indissociável. O início do processo de aprendizagem se dá ao aprender a jogar por meio do deixar jogar.

Este método parte da totalidade do movimento e caracteriza-se pelo aprender jogando; parte dos jogos pré-esportivos (jogos com algumas alterações nas suas regras) para o jogo formal; utiliza, inicialmente, de formas de jogo menos complexas cujas regras vão sendo introduzidas aos poucos (REIS, 1994).

Nesse método são apresentadas situações de jogo em que o aluno vivencia a técnica e a tática de maneira evidente. A vantagem do método Global em relação ao Parcial é, de acordo com Costa e Nascimento (2004), a existência de uma maior motivação devido à interação predominante no jogar.

Contudo, a eficácia da intervenção do professor nesse método é discutida, haja vista que essa intervenção ocorre somente após a execução do exercício completo. Para Xavier (1986), o método Global deve ser adequado e utilizado em relação à idade do praticante ou aluno. Segundo ele, esta forma de ensino é mais aplicável a crianças e jovens de 7 a 18 anos, os quais aprendem um maior número de fundamentos dos jogos. Para tanto “[...] a aprendizagem [deve ser] encarada como a apreensão do todo” (MESQUITA 2000, p. 74).

No método global, o estudante deve visualizar os componentes como meios para o fim, e não tão somente como os fins. Assim o jogo não é a execução da técnica, mas como e quando usar a técnica específica.

Para Navarro, “este método é mais apropriado quando se aplica a destrezas que estão extremamente relacionadas” (NAVARRO,1978 apud

XAVIER,1986, p. 14), sendo esta um das principais características dos jogos esportivos coletivos. Ainda,

Nesta metodologia, respeitam-se os princípios da “série de exercícios” e procura se, em cada jogo ou forma jogadas, pelo menos, a “ideia central do jogo” ou que suas estruturas básicas estejam presentes na metodologia (GRECO,1998, p. 43).

Nesse sentido, percebe-se a busca, nessa abordagem metodológica de ensino e aprendizagem, pela proximidade das ações de treino com as ações de jogo. E nessa busca, alguns princípios devem ser respeitados, a saber:

A divisão dos jogos não deve abranger muitas partes, de forma tal que o aluno consiga alcançar logo o jogo objetivado; ii) As formas de jogo prévias (jogos de iniciação, grandes jogos, jogos pré-esportivos) não podem ser mais difíceis que o jogo objetivado (cuidado com o número de regras); iii) Com jogos e pequenos grupos, em pequenos espaços, os alunos aprendem de forma mais intensa (SCHNEIDERAT,1994 apud GRECO,1998, p. 43).

Este método apresenta a aquisição de conhecimento voltada ao todo, ao complexo; busca uma evolução ao modelo fragmentado de ensino, imposto pelo Método Analítico.

2.1.3 Método Misto (Global e Analítico)

Neste método há a utilização dos anteriores de maneira conjunta. Para Xavier (1986), esse método consiste na sincronia dos métodos global-parcial-global. Também, para Rochefort (1998), esse método é a síntese do método global e parcial. A técnica, nessa metodologia, é aplicada de forma separada, até que se atinja um nível adequado para o jogo ser executado por completo.

Primeiramente, acontece a execução do gesto como um todo. Em seguida, o gesto é fragmentado com o objetivo de proceder às “correções” do movimento ou dos movimentos, e novamente é aplicado o jogo. Essa abordagem metodológica oferece vantagens em relação às anteriores, pois ela congrega a motivação do jogo formal e melhoria rápida do aprimoramento técnico. Todavia, não exerce eficazmente a preparação específica das situações de jogo, que ocorrem nos esportes coletivos, ou seja, não atende completamente à variabilidade que pode vir a acontecer nos jogos esportivos coletivos.

Esse é um dos métodos que, conforme acredita este estudo, prevalece na prática cotidiana em escolas e clubes esportivos: o desmembramento do trabalho técnico com o trabalho tático. Logo, percebe-se o uso do analítico para os aspectos técnicos de preparação e, depois, o jogo formal para possibilitar o aprendizado dos aspectos táticos.

2.1.4 Método de Confrontação

Este é um método que dispensa a fragmentação do processo de ensino e aprendizagem e vai direto ao jogo formal. O lema desse método é “jogar-jogar-jogar”, segundo Dietrich, Durrwachter e Schaller (1984, p.15), que ainda lançam uma crítica ao seu uso “[...] é mais utilizado por uma displicência metodológica do que em consequência de um planejamento bem estruturado”.

O método segue o princípio de se ter o jogo desde o momento inicial, mesmo que seja necessária uma simplificação das regras, com regras básicas e poucas explicações; tudo para favorecer o jogo formal.

Segundo Greco (1998, p. 44), existem vantagens e desvantagens que devem ser levadas em consideração para este método, quais sejam:

Vantagens: i) proporciona maior motivação aos praticantes porque se aproxima mais rapidamente do objetivo da aprendizagem – a prática do jogo; ii) as possibilidades de um relacionamento social mais rápido, assim como conhecimento da técnica e do andamento do jogo aprendidos ao mesmo tempo; iii) os alunos adquirem experiências de jogo e, para o professor, a organização das aulas é mais fácil, sendo que, muitas vezes, isso passa a ser uma “metodologia do rola bola” (GRECO, 1998, p. 44).

Desvantagens: i) o número de variações é tão grande que dificulta ao aluno diferenciar o que é mais importante do que supérfluo; ii) as experiências de sucesso ocorrem com uma menor frequência, o que implica em uma possível perda de motivação; iii) erros técnicos e táticos podem ocorrer descontroladamente e, desta forma, não se chegar a uma conceitualização, a uma diferenciação do que técnica e taticamente é correto e adequado, nem se chegar a uma definição dos objetivos do jogo (GRECO, 1998, p. 44).

Este método acabou por se tornar uma referência negativa à imagem da Educação Física, pois, em muitas situações, o professor acaba deixando os alunos sem supervisão durante os jogos, favorecendo, com isso, as desvantagens citadas acima. Não se pretende afirmar que o problema está no

método, mas, infelizmente, no descompromisso dos professores e/ou profissionais que não cumprem sua obrigação didática, fazendo com que a fama de “rola bola” cresça, desvalorizando a disciplina.

2.1.5 Método do Conceito Recreativo do Jogo Desportivo

Este método surgiu a partir da obra de Dietrich, Durrwachter e Schaller (1984), e, também, pela obra de Alberti e Rothenberg (1984). Essas duas obras trazem a premissa de que era fundamental resgatar o caráter lúdico existente na prática esportiva, que estava se perdendo por meio de rotinas repetitivas e descontextualizadas do esporte individual. Em suas obras, os autores destacam princípios dos métodos parcial e global, como a prática constante do jogo e a sua construção seriada através de jogos simplificados. Pontuavam que, ao invés de uma sequência de técnicas, fosse usada uma série de jogos que conduziram o aprendizado ao jogo formal. Para tanto indicaram os princípios:

Todos os jogos de uma série estão baseados em ideias semelhantes de jogo, isto é “aparentadas”:

- o pensamento básico, a ideia central do jogo, em comparação com os outros jogos, o jogo inicial de cada série, é o mais simples;
- de jogo para jogo as suas possibilidades são aumentadas através da introdução de novos aspectos essenciais;
- no jogo final, o jogo é realizado com as mais complicadas formas de atuação (ALBERTI e ROTHENBERG, 1984, p. 5).

Esta pesquisa trata como fundamental a concepção de aprendizagem esportiva voltada à Educação Física que os autores defendem:

O objetivo da aula de Educação Física é capacitar para a prática do esporte para toda vida. Este objetivo exige que a aula não se restrinja apenas aos jogos esportivos regulamentados. Eles podem, em suas formas internacionais, ser praticados apenas durante um determinado período da vida, e mesmo neste período não por todas as pessoas da mesma maneira. Ela deve levar em consideração formas metodológicas nas quais os alunos aprendam a adaptar-se às necessidades do grupo e às variações de condições (DIETRICH, DURRWACHTER e SCHALLER, 1984, p. 21).

Em nenhum momento, vale destacar, a proposta acima se refere a tornar as aulas de Educação Física ou de iniciação esportiva espaços de recreação, sem objetivos e parâmetros estipulados, mas refere-se à importância de se resgatar o caráter lúdico e recreativo da prática esportiva.

Por meio do desvirtuamento da proposta inicial, muitos professores entenderam que a recreação livre e deliberada deveria substituir o modelo esportivo predominante, estabelecendo e divulgando a existência de um método recreativo. Isso não coaduna com as crenças deste estudo, mas fato é que há publicações em que a recreação é concebida como uma abordagem de ensino. Não se afirma, com isso, que não se acredita na ideia de que um ambiente lúdico não favoreça o aprendizado de qualquer conhecimento, não só o esportivo, mas não se pode concordar que o ambiente de aprendizagem de crianças e jovens torne-se um *laissez faire*.

2.2 Métodos de ensino e treinamento nos esportes coletivos considerados Ativos

2.2.1 Jogos Táticos – Tactical Games

Este método proposto inicialmente por Mitchell, Oslin e Griffin (2006) possui influência do *Teaching Games For Understanding* (TGfU), de Bunker e Thorpe (1982), tanto que há autores/estudiosos que os associam, mas ao aprofundar nas propostas, percebe-se que existem fatores que os diferenciam.

Intitulado de abordagem tática, o método coloca habilidades motoras e de aprendizagem tática dentro do contexto de um jogo junto com um problema tático associado. Não restringe o uso de múltiplos métodos de ensino para a realização da aprendizagem do jogo específico. Por exemplo, exercícios de habilidade ainda são usados para desenvolver as competências necessárias para que o movimento seja aplicado com êxito na solução do problema tático. No entanto, contrariamente às abordagens tradicionais de ensino-aprendizagem do esporte, que começam com uma série de exercícios, uma abordagem tática é consistente no sentido do jogo ou de jogos didáticos para o modelo de entendimento. Nesse caso, as sessões começam e terminam com um jogo para contextualizar a aplicação prática de habilidades motoras.

Diferente das abordagens tradicionais de ensino, em primeiro lugar, deve haver, nesta abordagem metodológica, a aplicação tática das habilidades motoras que são focadas para os jogadores no início de uma aula/treino. Em

contraste com a sequência de prática tradicional, uma sequência de abordagem tática segue:

- 1) um problema tático – jogo;
- 2) vivência;
- 3) questionamentos – reflexão;
- 4) vivência, e, se necessário, volta ao jogo de instrução do início da aula/treino.

As principais características desta proposta, segundo Mitchell, Oslin e Griffin (2006) são:

- identificação dos problemas táticos e dos princípios de jogo associados;
- reconhecimento do nível de complexidade tático apropriado para a fase de aprendizagem dos jogadores;
- dentro de sessões de treinos, os jogadores devem praticar habilidades motoras em exercícios depois de terem experimentado uma forma de jogo que representa para os jogadores o problema tático em foco;
- as conexões entre os problemas táticos e princípios associados da prática jogo e habilidade são dadas a conhecer aos jogadores, por meio da aplicação de perguntas que estimulam o pensamento do jogador e a resolução de problemas;
- depois de praticar uma habilidade ou movimento, aos jogadores deve ser fornecida a oportunidade de aplicar a execução dessa habilidade para a melhor compreensão tática no jogo.

Para exemplificar, eis um modelo de aula, construído pelos autores para visualização da estrutura proposta.

Quadro 2 Modelo de aula no método *Tactical Games*

Problema tático	Como você pode ajudar o jogador com a bola, quando está sem a posse dela?
Foco da aula	<ul style="list-style-type: none"> • Busca se entender que a fim de manter a posse da equipe, os jogadores sem bola devem se manter abertos, ou seja, devem criar uma pista de passagem livre de adversários, para receberem um passe. • Outro aspecto é que, a fim de manter a posse da equipe, o jogador com a bola deve escolher e executar a opção de passagem correta.
Tarefa Prática	3 x3 jogos modificados.
Questionamentos	• Como podem os jogadores sem a bola ajudar o jogador com a

	bola? • Qual deve ser a atitude dos jogadores sem posse de bola para apoiar seu companheiro de equipe com a bola? • O que você deve fazer depois de passar a bola? • O que acontece com o espaço quando você se move? E o que isso significa para os seus companheiros de equipe? • O que acontece com o espaço se você não se move? E o que isso significa para os seus companheiros de equipe? • Como você pode indicar que está aberto para receber a bola? • Como você pode usar o espaço para a sua vantagem na manutenção da posse?
Tarefa Prática	3x1.
Retorno ao jogo inicial	3x3 jogos modificados.
Conclusão	A que princípios de jogo você se inscreveu para ter sucesso em manter a posse?

Modelo de Aula Proposto no conteúdo de Futebol. Aula 3. Nível 1, conforme Griffin; Mitchell; Oslin (2006, p. 33).

2.2.2 Modelo Pendular ou Transfert

Um dos grandes avanços obtidos nos últimos anos, em termos da iniciação esportiva, pode ter sido em relação às estruturas comuns entre os esportes coletivos, já que essas estruturas propiciaram uma série de reflexões acerca da especialização esportiva e, conseqüentemente, da formação de jovens esportistas. Um dos primeiros a se referir ao tema foi Claude Bayer (1994), em “O Ensino dos Desportos Colectivos”. Este método recebe este nome por comparar as estruturas comuns nos esportes coletivos a um formato de um pêndulo (figura abaixo), o qual estabelece as relações de aprendizagem dentro do esporte.

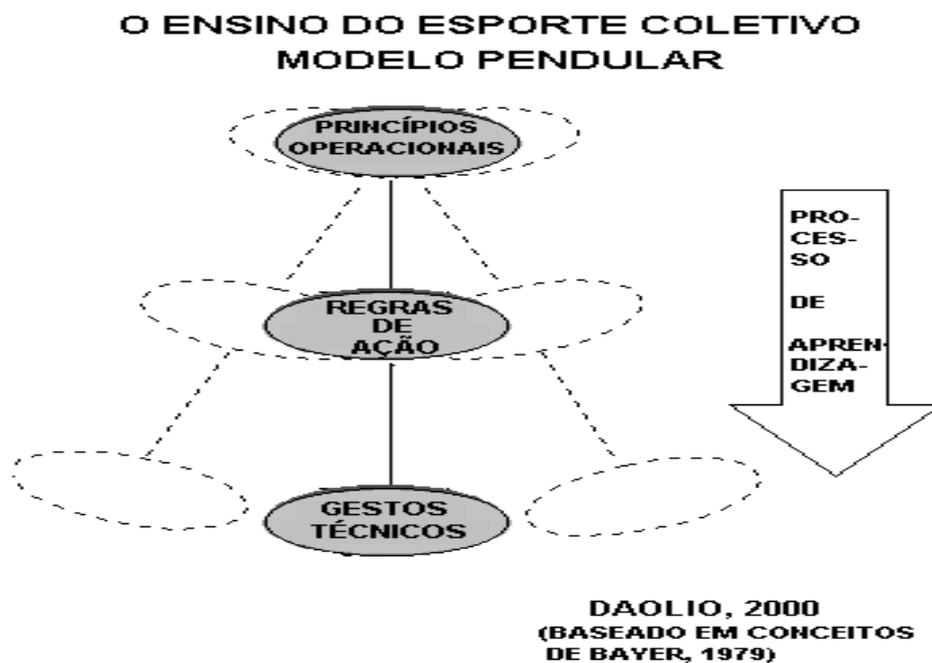


Figura 1 Modelo Daólio baseado nos conceitos de Bayer

A proposta possui três elementos fundamentais: princípios operacionais, regras de ação e gestos técnicos. Os princípios operacionais são divididos em operacionais de ataque e operacionais de defesa. Os princípios de ataque são: conservação individual e coletiva da bola, progressão da equipe e da bola em direção ao alvo adversário e finalização da jogada, visando à obtenção de ponto. Os três princípios operacionais da defesa são: recuperação da bola, impedir o avanço da equipe contrária e da bola em direção ao próprio alvo e proteção do alvo visando impedir a finalização da equipe adversária. As regras de ação são os meios de gestão necessários para se alcançar êxito dos princípios operacionais. Um bom exemplo é dado por Daólio (2002, p. 100),

[...] para se obter sucesso na progressão da bola e da equipe em direção ao alvo adversário, são necessárias algumas ações individuais e coletivas, tais como, criar linhas de passe, colocação individual em espaços onde a bola poderá chegar, desmarcação em relação aos jogadores adversários, entre outras.

Após este processo, começa o direcionamento para os gestos técnicos específicos das modalidades esportivas. Assim, a técnica seria o “modo de fazer” e a tática, “as razões do fazer”, e, obviamente, uma não existiria sem a outra.

Também é dado a este método o nome de *Transfert*, porque se busca transferir princípios operacionais comuns, regras de ação e experiências motoras que auxiliaram no desenvolvimento técnico em diversas modalidades esportivas, como nos cita Montagner (1999, p.126),

[...] essas diversidades geram habilidades e coordenações construídas pelos indivíduos, e as habilidades motoras de uma determinada modalidade esportiva servem para ser aplicadas em outras modalidades esportivas.

Por tudo isso, são notórias as contribuições que essa proposta trouxe, principalmente em relação à mudança de foco da técnica como principal elemento da iniciação do esporte coletivo. Convém registrar que as teorias pedagógicas mais recentes defendem a aplicação de uma diversificação esportiva, contrariando o exercício da especialização precoce na iniciação esportiva (PAES, 1992).

2.2.3 Ensino dos jogos para a compreensão – Teaching Games for Understanding – TGFU

Essencialmente, os proponentes dessa linha de ensino pretendiam que a atenção tradicionalmente dedicada ao desenvolvimento das habilidades básicas do jogo e ao ensino das técnicas isoladas fosse deslocada para o desenvolvimento da capacidade de jogo por meio da compreensão tática do jogo.

O modelo de ensino dos jogos para a compreensão TGFU teve início em um movimento de reflexão sobre o ensino dos jogos, nos fins dos anos 60 e anos 70, do século passado, na Universidade Inglesa de Loughbrough. Os autores, Bunker e Thorpe (1982), descreveram quatro princípios pedagógicos: i) a seleção do tipo de jogo (game sampling); ii) a modificação do jogo por representação (formas de jogo reduzidas representativas das formas adultas de jogo); iii) a modificação por exagero (manipulação das regras de jogo, do espaço e do tempo de modo a canalizar a atenção dos jogadores para o confronto com determinados problemas táticos); iv) o ajustamento da complexidade tática (o repertório motor que os alunos já possuem deve

permitir-lhes enfrentar os problemas táticos ao nível mais adequado para desafiar a sua capacidade de compreender e atuar no jogo).

Figura 2 Modelo de ensino dos jogos para a compreensão TGFU



Fonte: Bunker e Thorpe, 1982, p. 6.

Outro aspecto fundamental é que essa proposta buscou acabar com a relação secundária do aluno no que diz respeito à aquisição do conhecimento existente no ensino tradicional. Desta forma,

O modelo TGFU acolheu perfeitamente as ideias construtivistas sobre o papel do aluno no processo de aprendizagem, colocando-o numa posição de construtor activo das suas próprias aprendizagens, valorizando os processos cognitivos, de percepção, tomada de decisão e compreensão (GRAÇA e MESQUITA, 2007, p. 403).

O modelo ganhou notoriedade na década de 1990, quando os estudos cognitivos e construtivistas ganharam espaço, buscando discutir o ensino crítico e reflexivo. Assim, o ensino do pensamento tático passou a ganhar destaque bem como um movimento de internacionalização desta proposta tem sido percebido em vários países, como China, Austrália e Canadá, com grande volume de publicações na Ásia.

Os estudos empíricos comparativos entre os métodos chamados tradicionais (com enfoque na fragmentação e na técnica) e os métodos ativos (enfoque na tática) não têm sido conclusivos em alguns estudos.

McMorris (1998) sublinha a escassez de estudos publicados em revistas com revisão de pares, desconsiderando os outros trabalhos por não oferecerem garantias de validade e fiabilidade dos processos de testagem. Os resultados desta linha de investigação, com algumas exceções, não confirmaram a superioridade das abordagens táticas sobre as abordagens técnicas ou vice-versa, por exemplo, no que concerne à tomada de decisão no hóquei em campo), nem no que concerne à execução das habilidades no jogo no squash, no hóquei em campo, ou em testes estandardizados, no badminton. No respeitante ao impacto sobre o conhecimento declarativo e processual dos alunos, os estudos fornecem resultados algo contraditórios. Alguns estudos não revelaram diferenças significativas entre os grupos. Outros estudos reportaram a uma vantagem significativa do TGFU (MCMORRIS, 1998 apud GRAÇA e MESQUITA, 2007, p. 406).

Conforme citação há necessidade de aprofundamento e de mais estudos acerca do método de ensino de jogos para a compreensão. Os propositores da referida abordagem deixam claro que este não é um modelo fechado ou pronto, mas em constante construção e reformulação, tendo contribuições de cunho cognitivista e construtivista, de pendor mais piagetiano ou vigostskiano, com a aprendizagem situada.

2.2.4 Modelo Desenvolvimentista

A proposta de Rink (1993) possui boa estrutura conceitual e metodológica e se baseia, principalmente, na relação conteúdo e procedimentos didáticos. A progressão com base nesta aprendizagem deve ser avaliada a partir do volume do conteúdo, a especificidade, a sequência e a ênfase a ser dada ao conteúdo.

Esta proposta surge também contrária aos métodos tradicionais que fragmentam e descontextualizam a aprendizagem esportiva.

Diante dessa necessidade, os estudos transitaram de abordagens descontextualizadas, as quais permitiam o acesso à informação generalista não raramente abusiva, para abordagens ecológicas as quais consideram, os fenômenos interactivos da tríade relacional professor-praticante-tarefas, nos contextos particulares de ensino-aprendizagem (PEREIRA; MESQUITA; BRAGA, 2009, p. 948).

Nessa proposta, “[...] através da manipulação da complexidade e da estrutura funcional das tarefas motoras, adequando as suas exigências à

capacidade de resposta dos praticantes” (MESQUITA, 1998 apud PEREIRA; MESQUITA; BRAGA, 2009, p. 948).

A estrutura da proposta coloca alguns conceitos orientadores para o ordenamento do processo didático, mas é válido frisar que o entendimento de etapas no processo de ensino aprendizagem não é rígido e nem estanque, é preciso considerar o aprendizado e experiências dos alunos:

- 1- Progressão – manipulação da complexidade das tarefas, estruturando os conteúdos e sequenciando-os.
- 2- Refinamento – informação acrescida em aspectos críticos dos elementos de execução ou do uso estratégico que permitem, através da exercitação e consolidação, o aperfeiçoamento.
- 3- Aplicação – realização de tarefas de competição e autoavaliação criteriosamente selecionadas, com enfoque no objectivo externo, isto é, no rendimento obtido.
- 4- Informação – introdução de uma nova habilidade ou tarefa inicial dentro de uma possível sequência de tarefas da aula/treino.
- 5- Refinamento – tarefa que pretende a melhoria da qualidade da performance, centrando-se na definição dos elementos da execução motora e do seu uso estratégico.
- 6- Extensão – treino do mesmo conteúdo em tarefas sujeitas a condições variadas de realização, com aumento gradual da dificuldade ou complexidade.
- 7- Aplicação – tarefas que promovem a oportunidade de aplicação das habilidades com enfoque no objectivo externo (resultado) e que têm por base a competição.
- 8- Interferência contextual moderada – variabilidade das condições de prática incluindo de forma gradativa e dinâmica as exigências proclamadas pelo jogo.
- 9- Eficiência – qualidade de realização da habilidade técnica de acordo com os padrões mecânicos pré-estabelecidos.
- 10- Eficácia – resultado obtido pela realização da habilidade técnica.
- 11- Adaptação – Uso oportuno e ajustado da habilidade técnica em situação de jogo (RINK, 2003 apud FERREIRA, MESQUITA; BRAGA, 2009, p. 950).

Esta proposta parece bem estruturada com bons resultados em estudos, mas é necessária ainda, no Brasil, uma maior capacitação para sua utilização na realidade escolar ou mesmo nos clubes de iniciação esportiva. Não se pode deixar de comentar que as realidades em países da Europa em relação ao ensino do esporte e às aulas de Educação Física são bem diferentes da realidade brasileira. Muitos estudiosos acreditam que o processo avaliativo deve ser diferenciado no Brasil, pois, praticamente, não há mais avaliações quantitativas na Educação Física escolar em nosso país.

Essa proposta faz várias indicações de referenciais quantitativos, que a princípio não se apresentam como problema, mas como embate teórico para o seu desenvolvimento no Brasil.

Devemos aqui ressaltar que a partir deste método surge outra proposta intitulada “Modelo de Abordagem Progressiva do Jogo” proveniente de Mesquita (2006), especificamente desenvolvida para o voleibol, mas com todas as possibilidades de ser implementada em outras modalidades esportivas coletivas.

2.2.5 Educação Desportiva

Esta proposta de Siendeport (1994) surgiu de sua tese de doutorado, na qual ele defendia uma educação lúdica (*play educacion*). Posteriormente, em 1972, publicou o manual *Physical Education: Introductory Analysis* e, a partir daí, ganhou notoriedade na Nova Zelândia, Estados Unidos, Inglaterra, Hong Kong, Grécia e Rússia.

A base dessa proposição é a democratização do esporte, acreditando ser esta a solução para acabar com problemas que se associaram ao esporte de competição. Foram estabelecidos três fundamentos para esta reforma:

Comporta a inclusão de 3 eixos fundamentais que se reveem nos objectivos da reforma educativa da educação física actual: o da competência desportiva, o da *literacia* desportiva e o do entusiasmo pelo desporto, sendo o seu propósito formar a pessoa desportivamente competente, desportivamente culta e desportivamente entusiasta (GRAÇA E MESQUITA, 2007, p. 410).

Sob esta consideração, ser competente é possuir habilidades básicas dos jogos, reconhecer e dominar princípios táticos relativos a modalidades esportivas. O desportivamente culto é aquele que sabe identificar atividades relativas e vinculadas à cultura esportiva, refletindo sobre boas e más práticas no esporte. O desportivamente entusiasta tem a ver com a motivação, é aquele que busca consolidar o esporte na prática efetiva, ou seja, incorporá-lo na rotina de vida.

Este método também tem como principio o ensino tático como principal referência: “[...] a instrução técnica é organizada em função da sua aplicação tática e é dado tempo suficiente para desenvolver a consciência e a competência tática” (GRAÇA e MESQUITA, 2007, p. 410).

O Modelo de Educação Desportiva tem como base os seguintes elementos: a época esportiva, a filiação, a competição formal, o registro estatístico, a festividade e os eventos culminantes.

A época desportiva substitui as unidades didáticas, as quais devem possuir pelo menos 20 aulas, representando um processo completo de ensino e aprendizagem.

A filiação busca criar um sentimento de unidade entre a equipe que permanece a mesma durante toda a época esportiva, e também busca uma variação nos papéis dentro da prática esportiva (jogadores, árbitros, dirigentes, etc.). As equipes devem se organizar e criar símbolos, cores e uniformes próprios, alterando a relação de dependência do professor dos modelos tradicionais. Deverá ser feito um calendário competitivo, valorizando não só os resultados, mas ações de organização, *fair play*, entre outros.

A competição também deve servir de autoavaliação que indica o registro de *scout* sobre os dados dos jogos, avaliações individuais e coletivas que servirão para novos parâmetros do treinamento e organização das equipes.

Deverão ocorrer atividades festivas, sempre culminando com as etapas de preparação. Estes festivais respeitarão o nível dos grupos, seguirão uma sequência de jogos, a partir dos elementos táticos estruturantes e respectivas técnicas, podendo nem chegar ao jogo formal.

2.2.6 Jogos Condicionados

Os jogos condicionados ou jogos reduzidos foram propostos por Garganta, em 1995, e busca enfatizar o aprendizado da tática e da técnica concomitantemente ao princípio de jogar para aprender, focando o processo de tomada de decisões. O método visa reduzir o número de jogadores, o espaço físico e, até mesmo, regras, para que haja uma diminuição da complexidade do jogo. Durante a implantação dos jogos reduzidos, segundo Oliveira e Graça (1998), os professores devem preocupar-se em manter os objetivos do jogo e os elementos estruturais essenciais do jogo formal.

Os jogos condicionados devem manter uma diversificação que propicie situações diferenciadas, criando um espaço de variabilidade e de tomada de decisões constantes, características inerentes aos esportes coletivos.

Para Garganta (1998), as formas centradas no jogo apresentam duas vertentes: centrada no jogo formal e centrada nos jogos condicionados.

Uma das principais características desse método é a possibilidade de se dividir o jogo formal em diversas unidades funcionais, que depois são facilmente integradas, facilitando o processo de ensino e aprendizagem.

Os Jogos Condicionados utilizados como forma de treinamento, através de conceitos, princípios teórico-práticos e processos pedagógicos da estratégia, visam desenvolver uma consciência nos atletas de todos os aspectos de entendimento do jogo. Na busca desta conscientização, as ações táticas devem ser realizadas de formas variadas, dentro de uma situação real de jogo, para que os atletas entendam e conheçam o jogo, obtendo uma melhor leitura do mesmo (OLIVEIRA, NOGUEIRA e GONZALEZ, 2010, p. 7).

2.2.7 Jogos Situacionais – Iniciação Esportiva Universal – Escola da Bola

Esta nomenclatura extensa foi utilizada porque vários estudiosos denominaram esta proposta como situacional enquanto os próprios autores denominaram-na como Iniciação Esportiva Universal – Escola da Bola. As discussões por ora arroladas não se incumbirão de tratar da terminologia, assim, a tentativa é agregar os termos.

A proposta discute como é que deve ser o processo de iniciação esportiva, destacando a importância do brincar e jogar em diversos ambientes, tais como a rua, os campinhos de terra e os outros espaços livres. A proposição evidencia que os espaços formais de ensino devem tentar suprir esses ambientes, haja vista que eles são, praticamente, considerados extintos na atual sociedade. A “[...] cultura de jogar na rua, a escola da bola natural, é hoje, lamentavelmente, coisa que não figura no dia-a-dia das nossas crianças. Ela tem desaparecido do cotidiano de nossos jovens.” (KROGER e ROTH, 2002. P. 9).

A metodologia da Escola da Bola possui três pilares básicos, segundo Kroger e Roth (2002):

- a) jogos orientados para a situação;
- b) orientação para as capacidades coordenativas;
- c) orientação para as habilidades.

Um dos principais enfoques dados nesta proposta pode ser indicado pelo trecho abaixo:

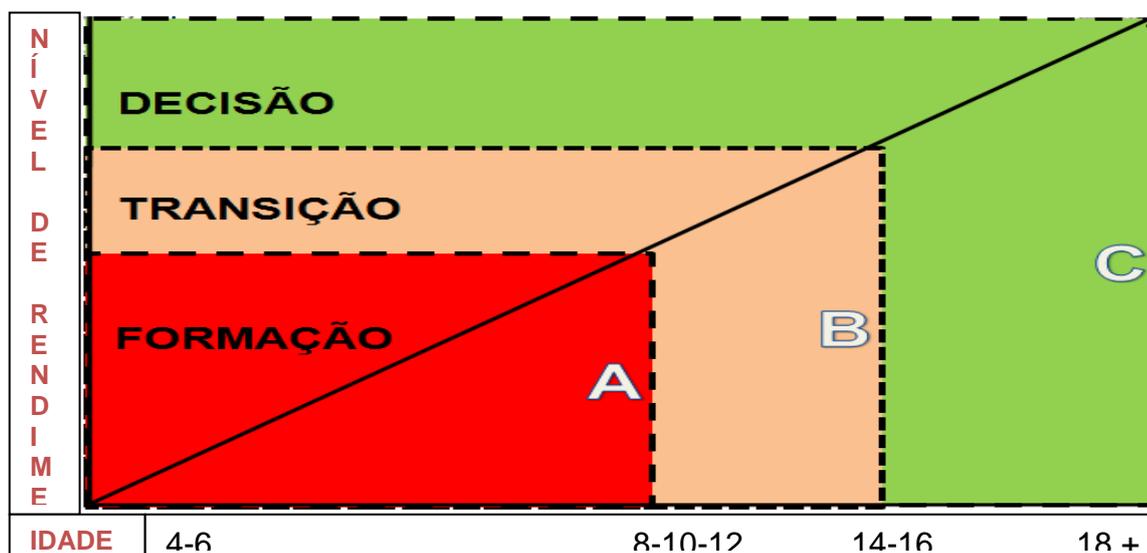
Objetivo da Iniciação Esportiva Universal e da “Escola da Bola” é que as crianças possam provar, experimentar de forma rica e variada diferentes alternativas de movimento. Sem pressões psicológicas e fundamentalmente sem ter que adotar modelos ou parâmetros de rendimento consagrados pelos e para os adultos (GRECO, 2001, p. 61).

A orientação da proposta se dá em dois princípios de aprendizagem: a aprendizagem incidental e a intencional. A biografia de movimento do ser humano construída por meio da aquisição de experiências de movimentos é, primeiramente, ocasionada de forma incidental, ao longo dos anos, a partir dos jogos e brincadeiras populares, o que seria “jogar para aprender”. Posteriormente, o movimento se constrói de forma intencional, existindo um claro objetivo de aprender, ou seja, “aprender jogando”.

Assim, o processo de ensino e aprendizagem nos esportes coletivos deve dar ênfase ao resgate dos jogos e brincadeiras populares para favorecer o aprendizado incidental e, em seguida, a orientação para o aprendizado intencional.

Outro aspecto fundamental para o êxito na metodologia é o estabelecimento de faixas etárias e objetivos a serem alcançados dentro do processo de ensino e aprendizagem. Greco (1998) esclarece que as faixas não são fixas e as variações devem ocorrer de acordo com o desenvolvimento particular de cada aluno/atleta ou do grupo, sendo apenas uma referência.

Figura 3 Nível de rendimento baseado em faixa etária



Fonte: Greco (1998).

O método estabelece que devem ser desenvolvidas as capacidades táticas, as capacidades coordenativas, as estruturas funcionais e as habilidades técnicas. As capacidades táticas podem ser listadas como: acertar o alvo, transportar a bola para o objetivo, jogar em conjunto, criar superioridade numérica, reconhecer espaços, se oferecer, se orientar e superar o adversário. As capacidades coordenativas são exigidas na elaboração de informação por meio das vias eferente e aferente, e com diversos elementos de complexidade, como pressão de tempo, pressão de precisão, de carga, variabilidade, complexidade e organização.

As estruturas funcionais podem assim ser representadas: 1 x 1 + 1; 2 x 2 + 1 (cinga), com igualdade numérica: 1 x 1; 2 x 2; 3 x 3 etc. e superioridade numérica: 2 x 1, 3 x 2; 4 x 3 etc., e também espaço do jogo (largura + profundidade), tamanho do campo (maior ou menor), complexidade (nº jogadores; tipo de passe), número de decisões (nº de objetivos) e número de combinações táticas.

São considerados, nas capacidades técnicas, a organização dos ângulos, o controle da força, a determinação, o tempo de passe e da bola, a determinação de linhas de corrida e tempo da bola, o oferecimento (se preparar), a antecipação da direção e distância do passe, a antecipação da posição defensiva e a observação de deslocamentos.

Esta é uma das propostas metodológicas que tem preconizado o maior número de estudos e pesquisas em comparação com os métodos considerados tradicionais no Brasil. Portanto, tem sido estabelecida como uma das melhores e mais bem estruturadas abordagens dos métodos científicos.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA

Neste capítulo, o estudo apresenta a análise da população pesquisada, tendo por orientação os objetivos da proposta. Optou-se por separar a análise das respostas dos profissionais dos clubes (licenciado, bacharel e/ou provisionados) e dos professores (licenciados) das escolas de ensino formal.

Para garantir a integridade dos sujeitos da pesquisa, adotou-se como referência a letra “E” para os sujeitos questionados que trabalham nas escolas, e a letra “C” para os sujeitos que trabalham nos clubes esportivos. A análise das questões abertas se configurou da seguinte maneira: tanto para a questão 1, “O que é método de ensino e aprendizagem?”, quanto para a segunda questão, “Qual o método utiliza para o de ensino e/ou treinamento nos esportes coletivos?”, foram feitas três tabelas.

Na primeira tabela de cada questão, foi realizada, como princípio, uma seleção e valorização sobre os elementos da língua. Segundo Bardin (1977, p. 215), “as condições de produção de um discurso e o sistema linguístico utilizado são os componentes desta estrutura profunda e desta matriz que tentaremos descobrir por detrás das variações de superfície”. Essa citação reafirma a necessidade de atentar-se à materialização dos discursos dos entrevistados, por isso, esta pesquisa utilizou-se da redução das escritas dos pesquisados.

Na segunda tabela de cada pergunta, foi realizada a preparação do discurso, ou seja, a decomposição da frase em proposições, propondo sentido às unidades de significado, e a representação de maneira formal das incidências destas unidades.

Em relação à terceira tabela, houve uma diferenciação: para a primeira pergunta, foram realizados os agrupamentos e frequência das unidades de significado a partir das respostas; para a segunda pergunta, foram eleitos pontos de ancoragens, que de acordo com as orientações descritas por Bardin (1977, p. 219) “[...] é definido a priori um limiar para avaliar desta proximidade semântica o que permite decidir se os enunciados pertencem ou não ao mesmo domínio semântico”, registrando a frequência destes elementos,

caracterizando as unidades de significado. Em todas as fases descritas para análise das questões abertas, foram mantidas as escritas originais dos pesquisados, não sendo realizadas correções ou alterações nos termos.

1. Perfil de atuação no ensino em clubes sociais e esportivos em Uberlândia-MG

1.1 Análise gráfica das respostas dos sujeitos pesquisados (Licenciados plenos, bacharéis e provisionados)

Na sequência, elaborou-se uma representação em gráficos para posterior análise e discussão.

No Gráfico 1, nota-se que a maior parte dos envolvidos tem formação adequada para a atuação, com apenas dois deles sem o ensino superior. É importante frisar que não ter o ensino superior para a atuação na profissão é uma situação legal e permitida na legislação brasileira, desde que se cumpram as determinações específicas do sistema CREF/CONFEF.

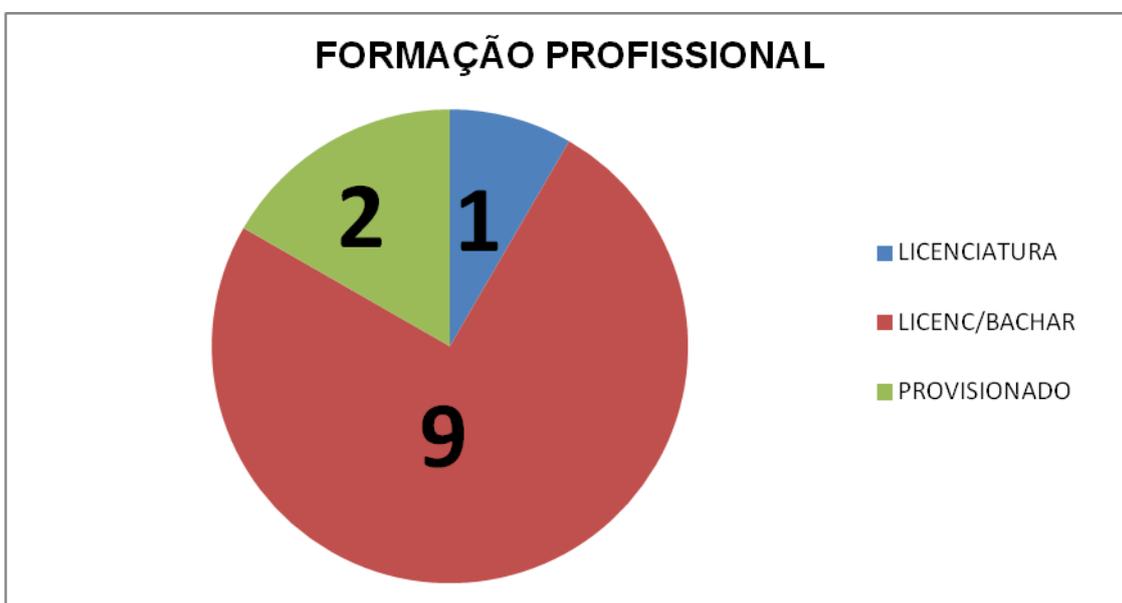


Gráfico 1 Formação profissional

No Gráfico 2, em relação à origem da formação, há equilíbrio entre as instituições formadoras. Dos profissionais formados em curso superior, metade se formou em instituições públicas federais e a outra metade em instituições privadas.

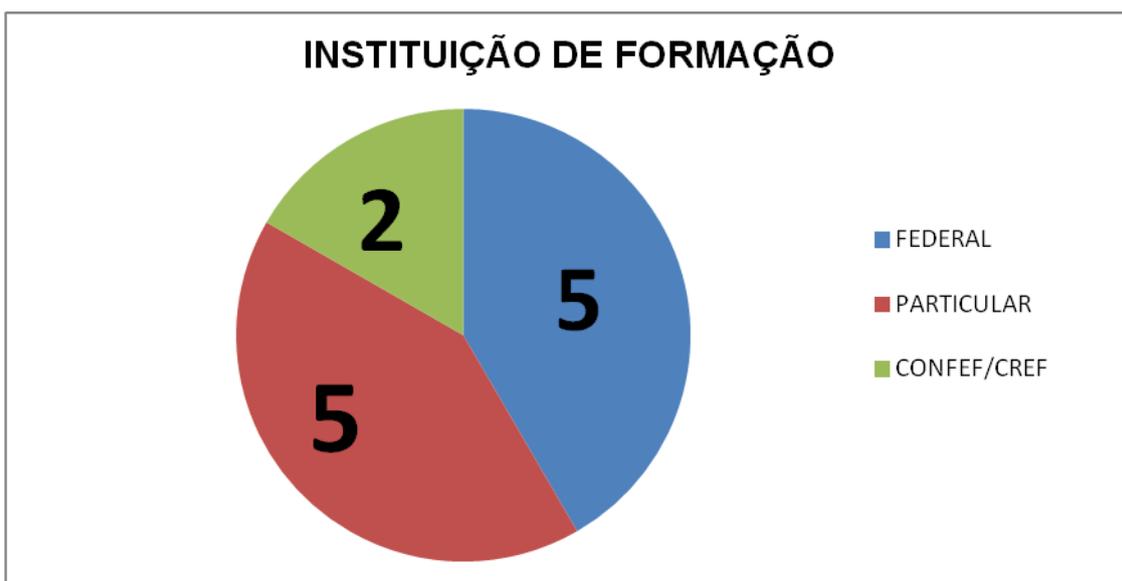


Gráfico 2 Instituição de formação

Quanto ao tempo de atuação, no Gráfico 3, houve a constatação de que a maior parte de profissionais possui boa experiência no campo de atuação. Apenas um dos profissionais que participou do estudo tem menos de cinco anos de experiência.



Gráfico 3 Tempo de atuação

O Gráfico 4 mostra que apenas um dos profissionais não teve experiência como atleta, seja escolar ou de um clube. Essa experiência como atleta, julgada por essa pesquisa como influenciadora na prática pedagógica e

no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem dos alunos e atletas, é responsável pela construção de um perfil de vivência ao treinamento de clubes e torna-se uma característica predominante na contratação dos profissionais.

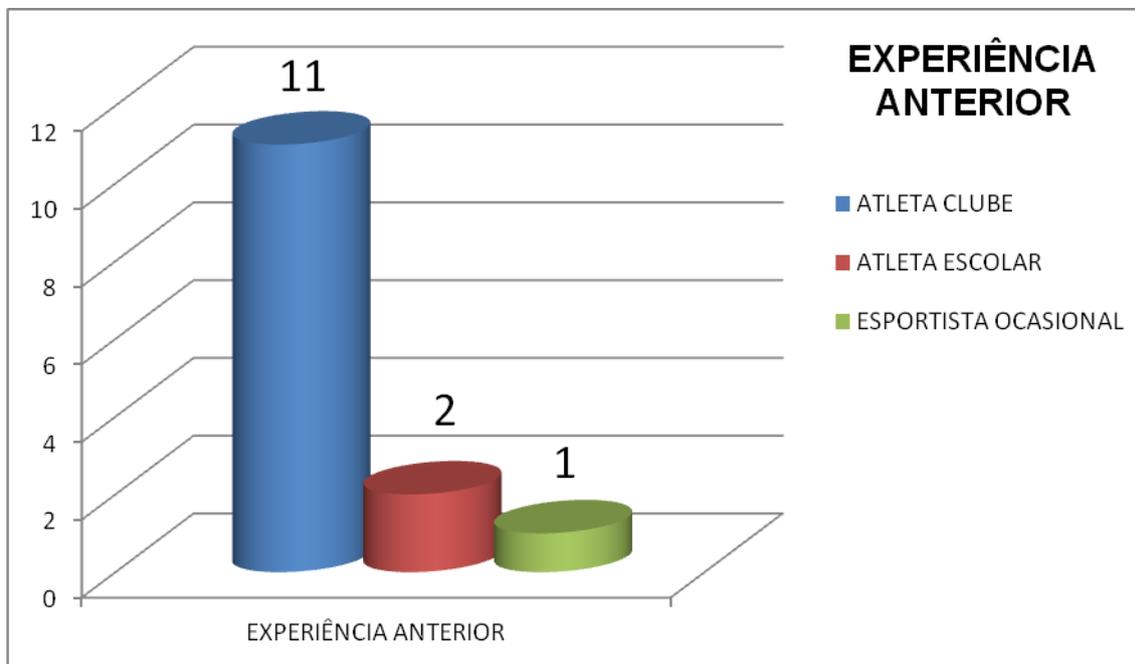


Gráfico 4 Experiência anterior

O Gráfico 5 mostra que sete dos profissionais dão continuidade à sua formação profissional, o que revela uma preocupação com a atualização de seus conhecimentos. Este número é diferente quando comparado à produção e à veiculação de trabalhos científicos: apenas um pesquisado tem realizado esta tarefa.

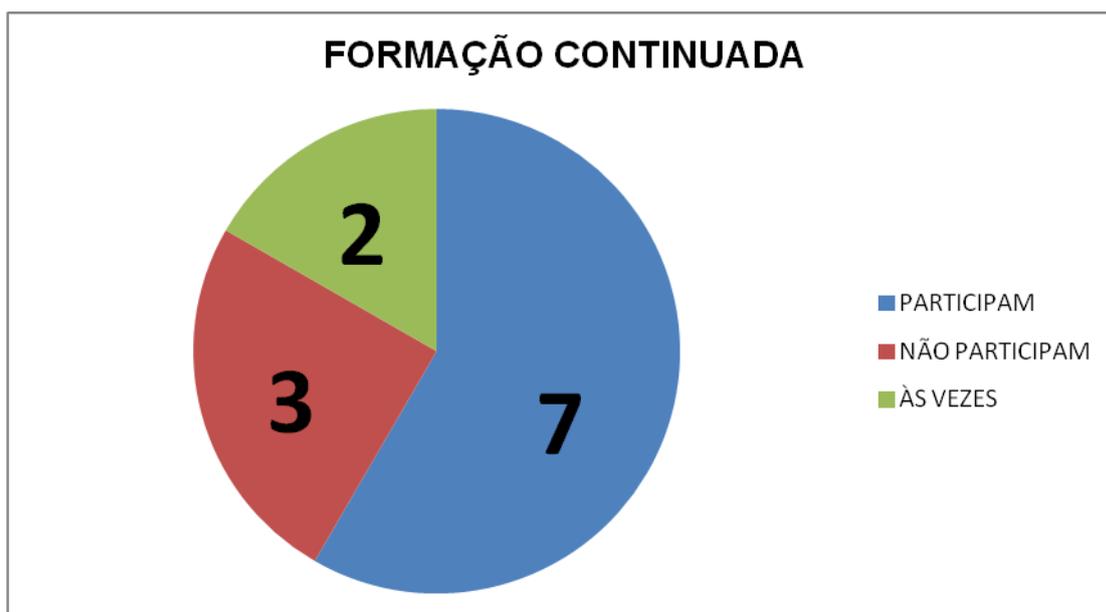


Gráfico 5 Formação continuada

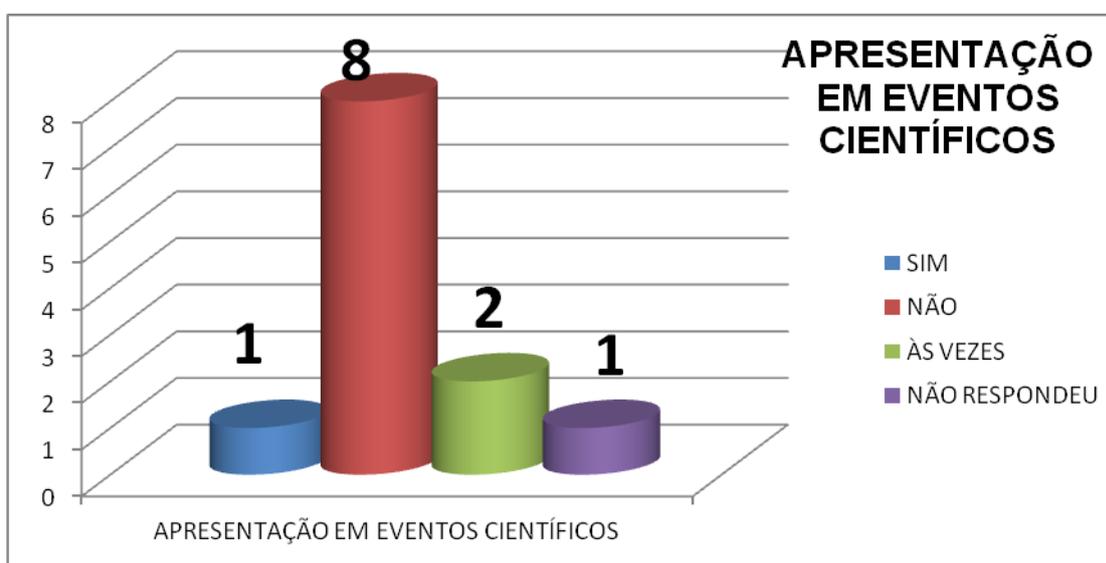


Gráfico 6 Apresentação em eventos científicos

Já o Gráfico 7 apresenta a especificidade na atuação profissional. Isso pode ser considerado um dado positivo, pois um dos objetivos do clube esportivo é a formação especializada de potenciais atletas, e, por isso, é comum, entre profissionais e técnicos esportivos, a atuação em apenas uma modalidade. São raros os casos de atuação em múltiplos esportes, mas, na pesquisa, houve um profissional que trabalha com mais de uma modalidade, atuando mais com a formação das crianças em idades iniciais do que com uma modalidade específica.

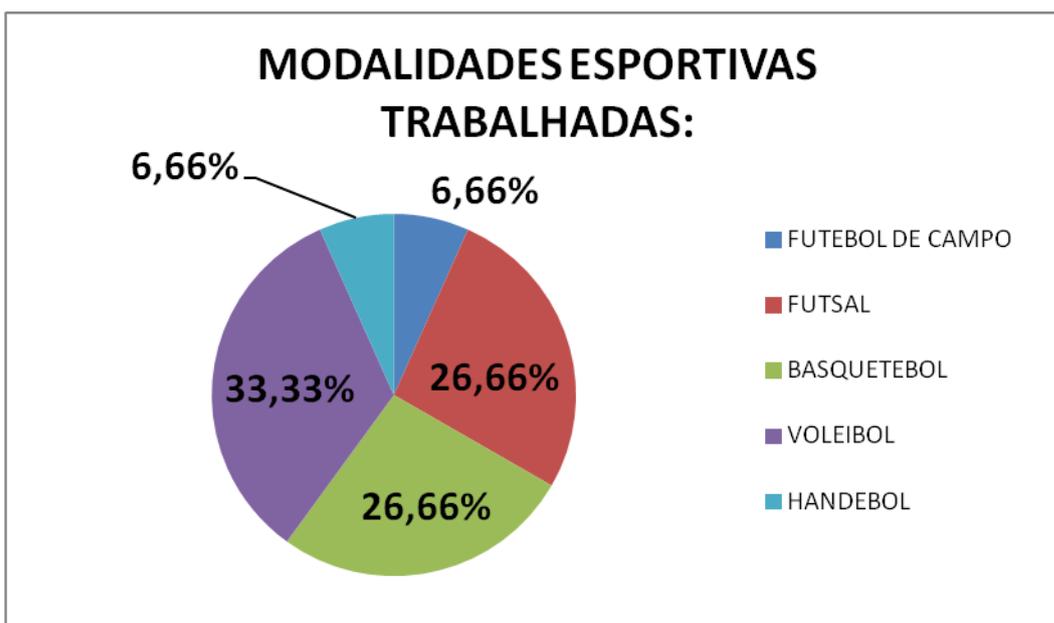


Gráfico 7 Esportes desenvolvidos

O Gráfico 8 mostra os esportes coletivos que mais se sobressaem como conteúdo de ensino e aprendizagem, os quais denominamos de tradicionais e que, no Brasil, são futsal, basquetebol, vôlei e handebol. Esses esportes coletivos, de forma consensual e ressaltados nos projetos pedagógicos escolares, têm a sua prática acentuada principalmente nesse meio, o escolar.

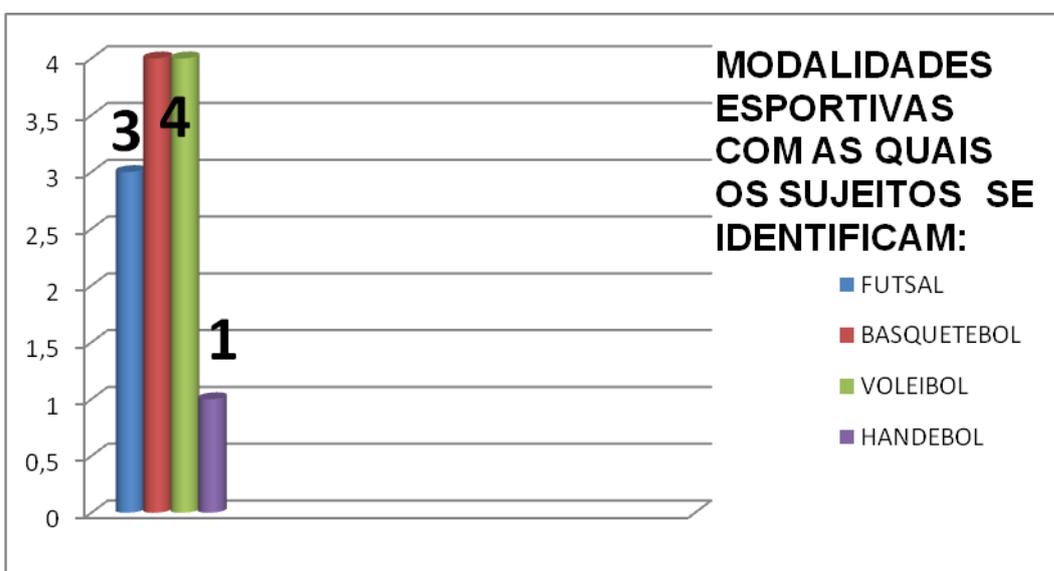


Gráfico 8 Modalidades esportivas as quais os sujeitos se identificam.

A maior incidência de atuação profissional com esportes coletivos está no esporte de alto rendimento, conforme se pode verificar pelo Gráfico 9. Pelos

dados, há dois profissionais atuantes, ao mesmo tempo, no esporte participação e no esporte de alto rendimento. Pode-se, a partir disso, pressupor que esses profissionais atuam com diferentes grupos ou até mesmo diferentes faixas etárias, mas consideram essas ações de forma diferenciada.

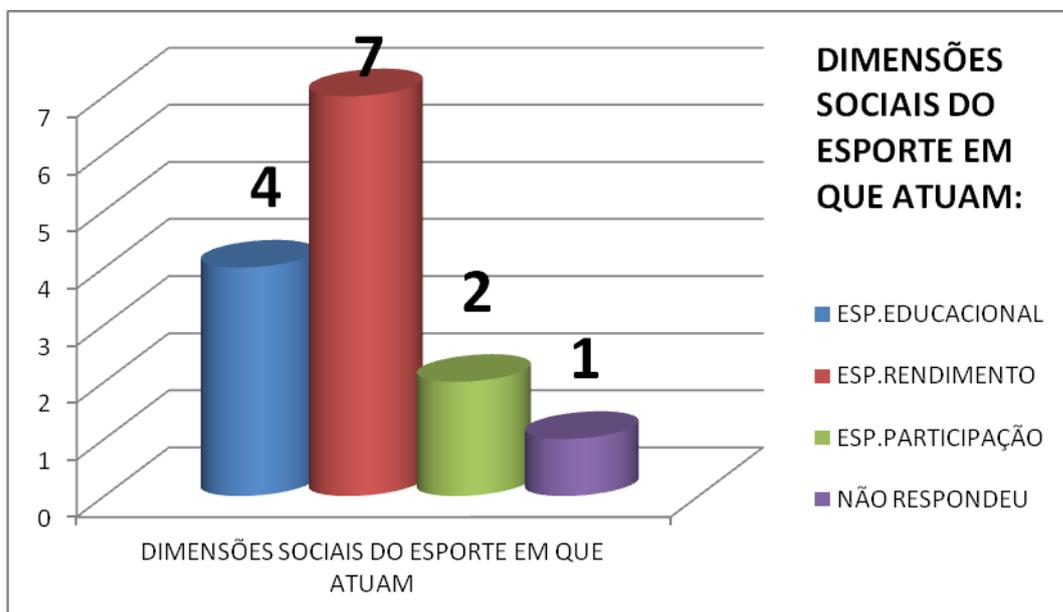


Gráfico 9 Dimensões do esporte em que atuam

1.2 Análise das respostas abertas dos sujeitos pesquisados (Licenciados plenos, bacharéis e provisionados)

Tabela 1- Unidades de significado da resposta 1. O que é método de ensino? (profissionais)

	Unidades de significado
C-1	é tudo que queira trabalhar.(não foi possível reduzir esta resposta)
C-2	Desenvolve; capacidade de movimento; características da modalidade.
C-3	Habilidades; processos educativos.
C-4	Disciplina; ensinar fundamentos técnicos e táticos; exigir o máximo possível.
C-5	Organizar exercícios; integração professor-aluno.
C-6	Processos; organização; técnicos; ensino-aprendizagem.
C-7	Planejamento; fundamentos das modalidades esportivas; disciplina; simples para o complexo.
C-8	Forma; aplicação; fundamentos do esporte; objetivos; gradativo.
C-9	Etapas; maneira melhor; formação física, técnica e tática.
C-10	Forma; planejamento; treinos; objetivos; organização.
C-11	Forma; ensinar técnica e tática; construção e vivência.
C-12	Processo de ensino; iniciação ; dedicação exclusiva.

Tabela 2- Frequencia das respostas para a questão 1. O que é método de ensino? (profissionais)

Indivíduos Unidades de significados	C-1	C-2	C-3	C-4	C-5	C-6	C-7	C-8	C-9	C-10	C-11	C-12	TOTAL	%
	Fundamentos técnicos e táticos		X		X		X	X	X	X		X		7
Processo			X			X	X	X	X			X	6	50%
Planejamento e organização					X	X	X			X			4	33,3 3%
Forma								X		X	X		3	25%
Disciplina				X			X						2	16,6 %
Tudo que queira trabalhar	X												1	8,3 %
Exigir o máximo possível				X									1	8,3 %
Integração professor-aluno					X								1	8,3 %

Considerando a análise das tabelas 1 e 2, a palavra “processo”, que está ligada ao ensino, à divisão do trabalho em etapas e à construção gradativa do desenvolvimento do aprendiz por meio de procedimentos ligados aos esportes coletivos, de maneira geral, foi destaque.

Isso leva a crer que a maioria dos professores e/ou profissionais tem conhecimento e compreensão da teoria sobre a metodologia do ensino e aprendizagem dos esportes coletivos. Porém, nota-se, paradoxalmente, que, nas questões práticas, há muitas variáveis que esse professor e/ou profissional não consegue controlar e isso depõe contrariamente ao desenvolvimento do conhecimento teórico.

No que tange à unidade de significado “forma”, ficou evidenciado, nas respostas, que os professores e/ou técnicos detêm conhecimentos de formas de ensino e entendem que é necessário um “planejamento organizado”, sistematizado para alcançar objetivos no que diz respeito ao desenvolvimento dos “fundamentos técnicos e táticos” dos jogos esportivos coletivos. Exemplo disso pode ser visto: i) na escrita do indivíduo C-10, a partir do conceito de método: “é a forma como se planeja os treinos a serem realizados, metas, objetivos, e a organização das atividades” e ii) na resposta do indivíduo C-9 para o conceito de método: “são etapas que preparam as crianças, adolescentes de uma maneira de melhor prepara lós para sua formação física, técnica e tática”.

Embora os professores e/ou profissionais detenham conhecimentos de formas de ensino e aprendizagem e entendam que é necessário um planejamento para atingir objetivos, há dificuldades na efetivação desses processos e há também grande crença de resultados baseados simplesmente nas próprias capacidades técnicas intuitivas.

Outro ponto desta análise diz respeito à conceituação teórica que passa pela aplicabilidade do termo. Nesse sentido, destacam-se as expressões “disciplina”, “integração professor-aluno-atleta” e “exigir ao máximo”. Assim, o que se percebe é a falta de clareza para os conceitos a serem estabelecidos no processo pedagógico, como confirmada pelas respostas dos indivíduos C-4: “o método de ensino é fazer com que o aluno primeiro tenha disciplina, para que depois possamos ensinar fundamentos táticos e aprimorar a técnica”, e C-5: “é a maneira de se organizar os exercícios durante um treinamento ou aula, com a integração entre professor e aluno”.

Na sequência, a tabela das unidades de significado da resposta 2: *Qual o método você utiliza no ensino e/ ou no treinamento dos esportes coletivos?*

Para esta questão, o propósito é identificar o método citado ou suas características por meio do exemplo, classificando-o a partir do referencial teórico exposto na revisão: categoria de métodos tradicionais ou ativos, anteriormente explicitados.

Na tabela 3, há definição das Unidades de Significado das respostas da questão 2.

Tabela 3- Unidades de significado da resposta 2. Qual o método utiliza para o de ensino e/ou treinamento nos esportes coletivos? (profissionais)

C-1	Método específico; aperfeiçoar as qualidades técnicas; respeitando os limites.
C-2	Movimento corporal num todo; método global, repetição, competências da modalidade específica; jogos; prazer pelo esporte.
C-3	Método próprio; fragmenta os fundamentos, correção do movimento.
C-4	Método próprio- fragmenta os fundamentos.
C-5	Execução de vários exercícios, do simples para o complexo, exemplos visuais e repetição de fundamentos.
C-6	Método misto; método analítico sintético; fundamentos técnicos; táticas coletivas; jogo global; jogos pré-desportivos; aperfeiçoamento da técnica.

C-7	Simplificado, exemplos de exercícios; conhecimentos de sua vivência.
C-8	Método parcial, fragmenta os exercícios; método global.
C-9	Iniciação esportiva universal; vivências motoras; modalidades esportivas; brincar; circuitos de habilidades.
C-10	Capacidades motoras, fragmentado; gestos técnicos; global; jogo.
C-11	Abordagens globais; tomada de decisão; compreensão do jogo; realidade do jogo; a técnica e a tática; motivação, atividades situacionais de ataque e defesa.
C-12	Minijogos; fundamentos básicos do jogo, habilidades e competências; esporte lúdico.

Na tabela 4, há o destaque de algumas “ancoragens” para a análise, já buscando identificar o método utilizado, pela explanação explícita ou sucumbida aos exemplos práticos.

Tabela 4- Ancoragens para análise e identificação dos métodos de ensino e/ou treinamento.

Indivíduos Unidades de significados	C-1	C-2	C-3	C-4	C-5	C-6	C-7	C-8	C-9	C-10	C-11	C-12	TOTAL	%
	Descrevem e sugerem exemplos de métodos tradicionais	x	x	x	x	x	x	x	x		X			
Não nomeiam o método	x		x	x	x		x				X	X	7	58,03%
Identificam o uso de um método		X						x	x	x			4	33,33%
Métodos citados não identificados na bibliografia	x		x	x			X						4	33,33%
Descrevem e sugerem métodos ativos									x		X	X	3	25%
Citam o lúdico e a recreação									x			x	2	16,6%
Identificam mais de um método						X							1	8,3%
Métodos identificados:														
Global		x				x		x		X			4	33,33%
Analítico						X							1	8,3%
Misto							X						1	8,3%
Iniciação esportiva universal									x				1	8,3%

A partir da opção de análise destas categorias, sete dos profissionais pesquisados não identificam teoricamente o método que utilizam, mas dão exemplos que os relacionam ao uso de apenas um método de ensino. Ao

confrontar os resultados às referências especializadas, elas apontam, por sua vez, grandes vantagens e possibilidades na integração de métodos diferentes. Ainda, as referências afirmam não existir uma regra básica para a escolha e para o uso dos métodos, pois vai depender muito dos objetivos e características do referido grupo de alunos/atletas.

Outro dado fundamental para compor este quadro teórico é que apenas quatro profissionais defendem um referencial teórico acerca da utilização do método de ensino e aprendizagem nos jogos esportivos coletivos, como se observa nas descrições dos indivíduos C-9: “na iniciação, uso a metodologia da Iniciação Esportiva Universal, através do prof. Juan Pablo Greco” e C-11: “utilizamos as abordagens globais, onde os alunos recebem as orientações em treino de modo a compreender o jogo. As ações são baseadas na tomada de decisão e atividades que simulem a realidade do jogo”.

Apenas um profissional cita e defende o uso de mais de um método para este processo, o que coincide com o referencial teórico levantado por Greco (1998). Este estudioso faz a defesa de que apenas um método não atinge o processo pleno de aprendizagem dos alunos e/ou atletas, sendo até mesmo necessária essa diversificação de metodologias pela diversidade e heterogeneidade dos aprendizes que podem se utilizar de vários caminhos para contemplar sua aprendizagem.

Esta pesquisa entende ainda que a prática sem a devida reflexão e atualização nos referenciais teóricos, com busca e análise de novos conhecimentos, acaba proporcionando erros conceituais no que se refere aos métodos, como em algumas situações em que um princípio metodológico acaba sendo confundido com um método de ensino, o que causa uma confusão teórica e traz distorções ao processo de ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos. Esse é o caso da “recreação”, apontada por Tenroller (2006), Santini e Voser (2008) e Balzano (2012) e exemplificada pelo indivíduo C-12, que aponta: “nosso objetivo é abranger um ensino de habilidades e competências do desenvolvimento das capacidades físicas e dos jogos coletivos bem como o esporte lúdico e as habilidades motoras de forma lúdica e prazerosa”.

Baseado nos estudos de Saad (2002), Greco e Benda (1998) que buscaram caracterizar os métodos tradicionais como aqueles que, de alguma

forma, levam a uma fragmentação do processo de ensino e aprendizagem, seja ele na parte técnica ou tática, a pesquisa identificou, por meio das respostas e exemplos de estratégias e atividades, uma predominância dos métodos tradicionais de ensino nos esportes coletivos, conforme reproduções:

Primeiramente o método é voltado para o desenvolvimento das capacidades motoras, onde vários trabalhos de movimentação são realizados, o trabalho é fragmentado no início com a finalidade de se trabalhar os gestos técnicos e depois o método global com o próprio jogo. (C-10)

A metodologia utilizada é composta de execução de vários exercícios, partindo do simples para o complexo, com exemplos visuais e repetição dos fundamentos. (C-5)

Apenas um professor referenda argumentativamente um método de ensino, considerado pela bibliografia como ativo em relação ao processo de ensino e aprendizagem. Dois pesquisados relatam atividades pautadas dentro destes referenciais, mas ainda não conseguem identificar teoricamente esta prática já exercida, como no exemplo de C-11:

a nossa preocupação é ensinar a técnica e tática construindo experiências e vivências que sejam também gratificantes e motivantes para o aluno. Um exemplo de atividade é o confronto num ensino de manobra ofensiva (2x2, 3x1, 3x2, 4x1, 4x2, 4x3), atividade situacional onde os alunos que atacam buscam espaços para a execução do passe e os defensores exercitam o posicionamento e o encurtamento dos espaços e partida para o contra-ataque.

Uma pequena, mas importante situação vem ocorrendo com os referidos profissionais pesquisados: uma transição em sua concepção pedagógica mesmo que ainda sem precedentes teóricos, todavia relevante para o processo de crescimento e transformação da prática esportiva tradicional. Isso torna-se perceptível em relação à predominância do uso do método global, que mesmo sendo considerado um método tradicional de ensino, já possui em si princípios importantes contra a visão fragmentada do processo de ensino e aprendizagem nos esportes coletivos.

2. Perfil de atuação no ensino formal em Uberlândia-MG

2.1 Análise gráfica das respostas dos sujeitos pesquisados no ensino escolar.

Pelo Gráfico 10, pode ser percebida uma situação ideal em relação à formação exigida constitucionalmente: 100% de formação dos pesquisados em ensino superior, com, acentuadamente, maior percentual de profissionais/professores formados – 25 – e percentual reduzido de profissionais/professores apenas com licenciatura – 13.

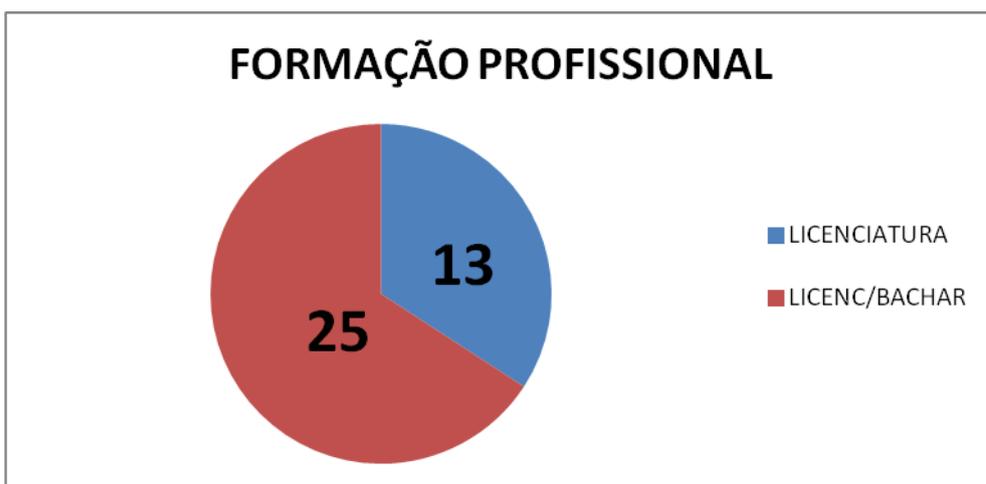


Gráfico 10 Formação profissional

Um dado relevante exibido pelo Gráfico 11 concerne à grande influência e presença no mercado de trabalho das instituições públicas de ensino, no que diz respeito à formação profissional.

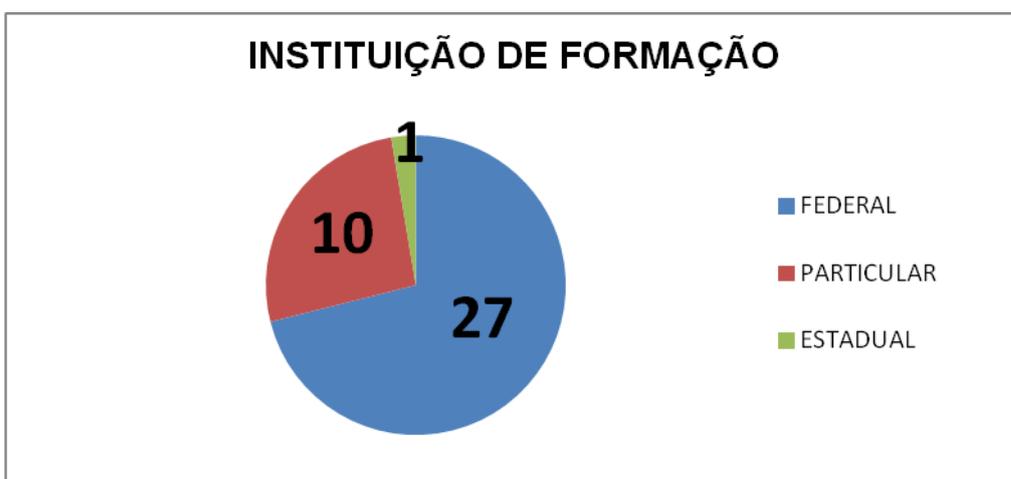


Gráfico 11 Instituição de formação

O Gráfico 12 contempla o tempo de atuação do grupo pesquisado que apresenta uma vasta experiência se se considera somente o tempo de serviço, prevalecendo o período de 6 a 20 anos de docência.



Gráfico 12 Tempo de atuação

O Gráfico 13 exibe um dado interessante para o estudo: os professores têm, necessariamente, de trabalhar em dois ou mais empregos para compor a sua renda salarial.

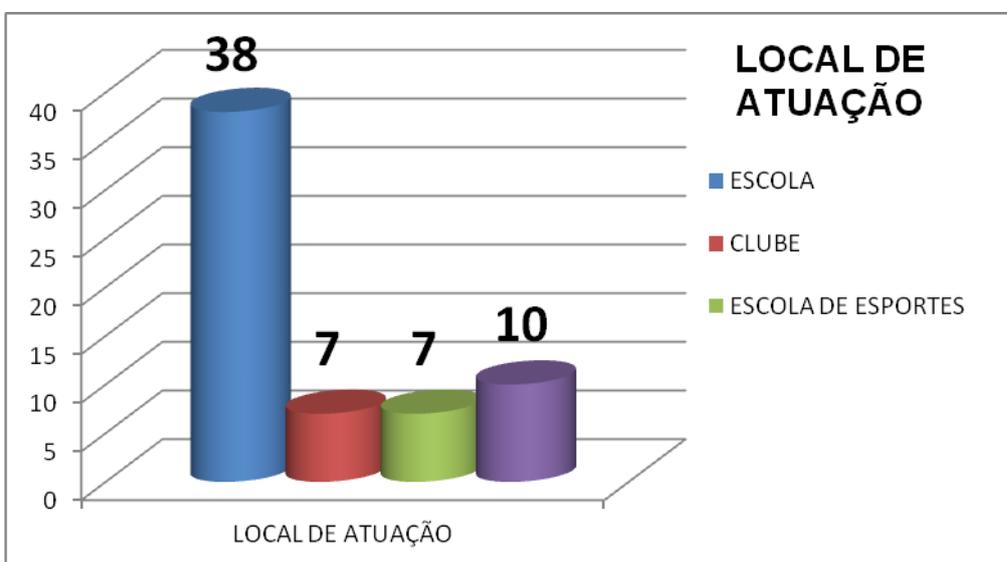


Gráfico 13 Local de atuação

Pelo Gráfico 14, é possível perceber que há grande influência da prática esportiva na formação dos professores que atuam no mercado de trabalho, assim como mostrado anteriormente na formação do bacharel. Neste caso, apenas dois professores não foram praticantes de esportes coletivos, fato não

impeditivo para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem dos esportes coletivos.

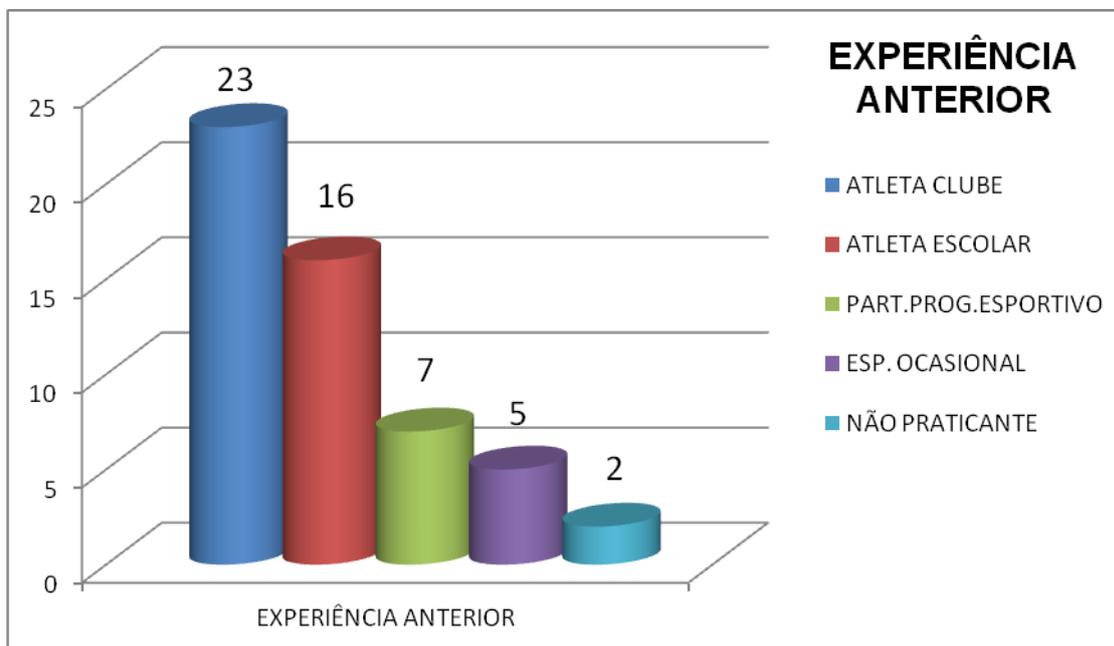


Gráfico 14 Experiência anterior

Ainda, de acordo com o Gráfico 15, grande parte dos professores participa ativamente do processo de formação continuada, sendo este aspecto fundamental para a melhoria da qualidade do ensino. Nesse item, a Prefeitura Municipal de Uberlândia tem contribuído porque oferece um programa de incentivo à Educação Física Escolar, mantendo reuniões mensais com os professores para reflexão e construção de um projeto pedagógico único para a rede municipal de ensino. Essa já é uma diferença em relação ao bacharel que nem sempre está integrado a um programa estritamente pedagógico institucional.

A falta de incentivo na formação de um professor pesquisador é evidenciada no Gráfico 16, em que a maioria dos professores não divulga suas experiências do cotidiano escolar. Este pode ser um dos grandes tabus que predomina no meio educacional e profissional, pois muitos docentes além de acreditarem que o conhecimento científico está para poucos pesquisadores privilegiados, denominados de “os cientistas”, ainda acreditam que figuram apenas como extensão da pesquisa; em outras palavras, a esses professores cabe apenas a aplicação dos conhecimentos científicos. Mas é possível

destacar outros olhares que são dados a este fato, como descreve Caparroz, Piroló e Terra (2004):

Na nossa perspectiva, conhecer o professor e sua prática é buscar entender as condições em que desenvolve seu trabalho no cotidiano escolar. Essa planificação somente passaria a ser significativa entendendo a escola como um espaço de formação do professor. Nesse sentido, o professor passa a ser visto não como reprodutor de conhecimentos, mas como um sujeito de sua ação, que pensa, que constrói e desenvolve conhecimentos em sua prática cotidiana, sendo relevante e necessário investigar esse saber na sua prática (CAPARROZ, PIROLO e TERRA, 2004, p. 160).

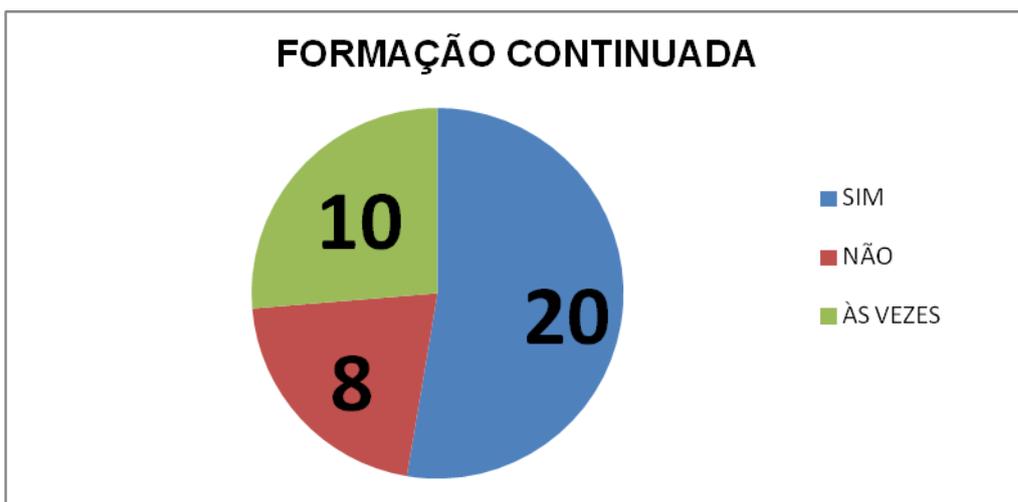


Gráfico 15 Formação continuada



Gráfico 16 Apresentação em eventos científicos

No Gráfico 17, são exibidas as modalidades esportivas trabalhadas nas escolas. Mesmo tendo dados de que o futebol de campo é o esporte mais popular do Brasil e um dos mais admirados no mundo, esta modalidade de esporte coletivo não é a mais praticada no espaço escolar, por falta de espaço

físico, o que pode representar uma incoerência, haja vista sua grande difusão na sociedade.

A adaptação deste esporte para o ambiente escolar é representada pelo futsal, modalidade mais praticada, como comprovou esta pesquisa, e, mais recentemente, praticada, também, pelas meninas. Esta afirmação é possível graças ao crescimento vertiginoso na participação de garotas em torneios escolares realizados em Uberlândia, tanto pela Secretaria de Educação da Prefeitura de Uberlândia, quanto pela Superintendência Regional de Ensino do Estado de Minas Gerais.

Em segundo lugar, há predominância do voleibol, considerado um esporte de grande relevância no Brasil, especialmente porque a seleção brasileira tem ocupado lugar de destaque, em termos mundiais, nesta modalidade. Em terceiro, o handebol que, nos últimos tempos, tem aparecido frequentemente na mídia brasileira. Inclusive, tem sido constante a busca de importação de técnicos e de novas metodologias de ensino e treinamento para essa modalidade. Ocupando a quarta posição, está o futebol de campo seguido do basquetebol, em último lugar. O futebol de campo é um dos esportes mais antigos e tradicionalmente não sofreu alterações significativas na forma de ensinar treinar, porém, na forma de condicionar fisicamente o atleta para competição, houve uma evolução significativa para esta modalidade.

A frequência apresentada nas respostas para o basquetebol foi surpreendente: um baixo índice de trabalho, na escola, com essa modalidade que, aparentemente, é tão popular em algumas regiões do Brasil e, historicamente, possui bons resultados internacionais e grandes ídolos como Oscar, Paula, Hortência, entre outros.

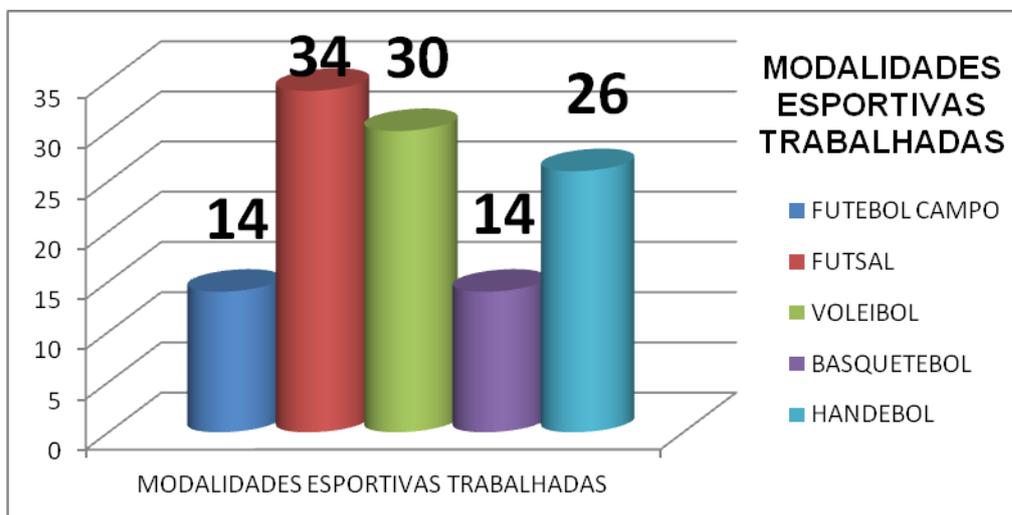


Gráfico 17 Modalidades esportivas trabalhadas

Na análise do Gráfico 18, constata-se a relação entre as modalidades mais desenvolvidas nas escolas e as modalidades de preferência dos professores, ou, pelo menos, que eles entendem que é a mais desejada pelos alunos. Isto remete a uma discussão antiga na Educação Física Escolar sobre os professores desenvolverem apenas os conteúdos que possuem maior afinidade. O fato é que, atualmente, já é notória a variedade de modalidades trabalhadas na escola, mas, destacadamente, há uma prevalência do futsal, o que é comum em praticamente todo o país.

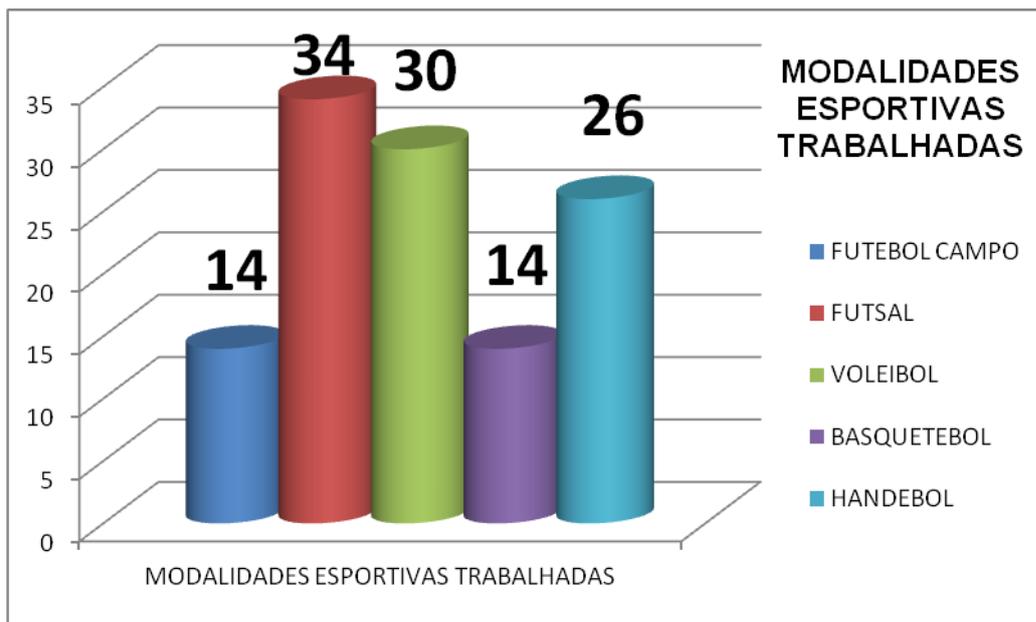


Gráfico 18 Modalidades esportivas as quais os sujeitos se identificam.

Para analisar o Gráfico 19, levamos em consideração a classificação realizada por Tubino (2001), este autor coloca o Esporte Participação ligado ao lazer, ao livre acesso e não como aspecto de inclusão, haja vista que o Esporte Participação pode ocorrer mesmo em atividades oferecidas em espaços públicos. Portanto, se for adotado na escola como conteúdo, certamente, deverá passar por uma recodificação para se adequar ao espaço escolar, assim como o esporte de alto rendimento.

Em relação ao esporte de rendimento, alguns consideram os projetos governamentais desenvolvidos ora como de participação, ora como de competição, pois normalmente esses projetos culminam em competições. É importante lembrar que o vínculo que é feito entre competições escolares e esporte de rendimento pode ser um equívoco pedagógico, uma vez que muitas competições escolares seguem modelos de competições adultas. Mas nem sempre é assim: existem competições que são extremamente pedagógicas, no sentido de possibilitar ao aluno uma vivência crítica e participativa, o que permite um espaço de construção de cidadania, e, como foi abordado no início desta dissertação, tanto o esporte como a competição possuem diversas facetas, sendo a competição a representação maior do esporte de rendimento.

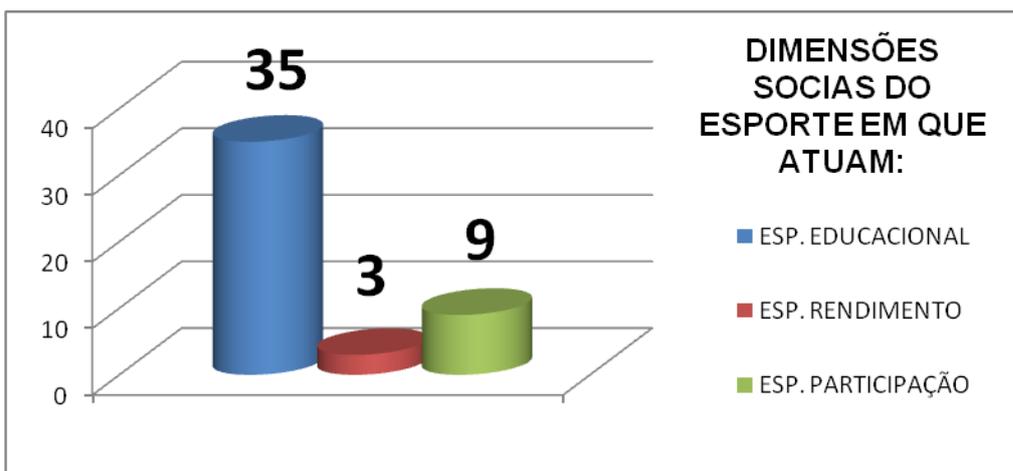


Gráfico 19 Dimensões sociais do esporte em que atuam

2.2 Análise das respostas abertas dos sujeitos pesquisados no ensino escolar

Tabela 5- Unidades de significado para a questão 1- O que é método de ensino e/ou treinamento? (professores)

E-1	Forma; ensinamentos; como será o trabalho.
E-2	Conjunto de conceitos; pré-estabelecidos;organizar; variando de acordo com o nível de aprendizado.
E-3	Não respondeu.
E-4	Não respondeu.
E-5	Maneira de ensinar; aperfeiçoar.
E-6	“Educação”; socialização; lazer.
E-7	Forma; programa, desenvolver.
E-8	Forma de educar; ferramenta de ensino; avaliar.
E-9	Programas de ensino e treinamento.
E-10	Maneira; normas; direciona; orienta.
E-11	Conjunto de ações; desenvolvidas; prévio conhecimento dos alunos; aprendizagem e apreensão dos conhecimentos.
E-12	Instrumento; desenvolver; capacidades individuais e coletivas; potencialidades.
E-13	Forma; trabalhar o conteúdo; partindo da realidade; objetivos; respeitar limites.
E-14	Trabalho desenvolvido; alongamento, aquecimento e regras de jogos.
E-15	Formas de agir; ensino.
E-16	Processo das técnicas básicas.
E-17	Formas de estruturar; objetivo, organização; aprendizado; do simples para o complexo.
E-18	Maneira de ensinar.

E-19	São estratégias de aprendizado.
E-20	Forma de aplicar; elementos constitutivos do esporte.
E-21	Visão filosófica.
E-22	Maneira; alcançar objetivos.
E-23	Forma.
E-24	Não sei.
E-25	Filosofia de ensinamento, objetivos.
E-26	Sequencia; promove bem estar; desenvolvimento, melhora contínua do grupo.
E-27	Programa de orientação.
E-28	Direcionamento das atividades, objetivos.
E-29	Processos de ensino e aprendizagem; considerar as características dos alunos.
E-30	Participação de todos; respeito aos limites; normas.
E-31	Forma; desenvolve; processo de ensino aprendizagem.
E-32	Maneira de trabalhar; execução da atividade; objetivos.
E-33	Objetivos.
E-34	Caminho; ensino aprendizagem.
E-35	Método de ensino-Formação pessoal; método de treinamento- repetição.
E-36	Conjunto de procedimentos; técnicas, aplicação de recursos didáticos, referenciais teóricos.
E-37	Técnica; facilita aprendizagem.
E-38	Caminho; objetivos.

Tabela 6- Frequenciadas unidades de significado para a questão 1- O que é método de ensino? (professores)

Indivíduos																													T O T A L	%	
	E 1	E 2	E 3	E 4	E 5	E 6	E 7	E 8	E 9	E 10	E 11	E 12	E 13	E 14	E 15	E 16	E 17	E 18	E 19	E 20	E 21	E 22	E 23	E 24	E 25	E 26	E 27	E 28			
FORMA	X						X	X				X	X	X		X										X				9	23,68
OBJETIVO											X						X	X			X					X	X			7	18,42
MANEIRA					X				X						X		X									X				5	13,15
NÃO RESPONDEU E/OU NÃO SABE			X	X																										3	7,89
CONSIDERAR CONHECIMENTO ANTERIOR										X	X														X					3	7,89
PROCESSO													X												X	X				3	7,89
FERRAMNETA / ESTRATÉGIA							X									X												X		3	7,89
CAMINHO																											X		X	2	5,26
PROGRAMA								X																					X	2	5,26

A maioria dos professores possui referencial teórico ao afirmarem, com maior incidência, que o conceito de método faz referência à forma, à maneira, e ao objetivo para se conduzir o processo de ensino e aprendizado. Essa noção é fundamental para um bom planejamento e articulação de um projeto de ensino e aprendizagem esportivo. Exemplos de ocorrência:

maneira pedagógica de ensinar e aperfeiçoar o esporte(E-5);
 Método de ensino são as normas que vão direcionar a maneira como o professor vai atuar. Através do método de ensino o professor orienta seu trabalho para esport-lo com mais competência(E-10);
 São formas de estruturar as aulas com o objetivo de organizar o aprendizado do aluno de forma coerente, partindo do mais simples para o mais complexo, utilizando e criando recursos disponíveis para tornar eficaz o processo de ensino aprendizado (E-17).

Entretanto, três pesquisados não responderam à pergunta sobre o que é método e um disse não saber o significado da palavra. Isso é preocupante, posto que este termo é fundamental para a condução do processo de ensino aprendizagem dos alunos.

A seguir, na tabela 7, estão as unidades de significado para identificar o método utilizado pelos professores em suas aulas.

Tabela 7- Unidades de significado para a questão 2- Qual o método utiliza para o ensino e/ou treinamento nos esportes coletivos? (professores)

E-1	Não respondeu.
E-2	Não respondeu.
E-3	Não respondeu.
E-4	Não respondeu.
E-5	Não respondeu.
E-6	Não respondeu.
E-7	Não respondeu.
E-8	Aquecimento com o fundamento, finalização e jogo coletivo recreativo.
E-9	Abordagem desenvolvimentista (PIAGET), método parcial.
E-10	Método participativo, atividades lúdicas, fundamento básicos, jogo recreativo, sem preocupar com tática, técnica e performance.
E-11	Metodologia global funcional, reflexão, imprevisibilidade,cooperação, percepção, tomada de decisão, solução mental,aprender jogando, jogos pré- desportivos, jogo formal.
E-12	Fases iniciais/jogos e brincadeiras, método tecnicista (repetição), maiores a partir do infantil visa mais o aperfeiçoamento dos gestos com o jogo, trabalho em grupo.
E-13	Conhecimento e aquisição de experiências, regras, formas básicas do

	jogo, condicionamento físico, técnica e tática.
E-14	Aula teórica, regras do esporte, gestos técnicos, respeito aos limites dos alunos, método global.
E-15	Fundamentos básicos, respeito à individualidade, experiências anteriores.
E-16	Adaptação dos esportes, regra, lúdico, fundamentos.
E-17	Jogo diagnóstico, planejamento, fundamentos, tática. Ex. analítico.
E-18	Método analítico e método misto. O analítico visa os fundamentos e o misto o jogo em si.
E-19	Especificidades e experiência do aluno, fundamentos técnicos, pequenos jogos, espaços reduzidos, alteração de regras.
E-20	Método parcial .
E-21	Jogo, regras oficiais, condições de trabalho.
E-22	Técnica, global, estafetas, jogos pré-desportivos, exercícios específicos, regras do jogo.
E-23	História, regras, lúdico, esporte educacional, não exige técnica, participação de todos.
E-24	Método próprio, jogos recreativos, fundamentos técnicos.
E-25	Jogos, lúdico, sério, imprevisibilidade.
E-26	Fundamentos no contexto geral, nas fases iniciais o jogo/lúdico, fases seguintes técnicas e táticas.
-27	Método misto, analíticos e global, analítico/técnica, global/ jogo, lúdica na iniciação, turmas mais avançadas a tática.
E-28	Jogos populares adaptados ao esporte, avaliação de acordo progressão de conhecimentos.
E-29	Lúdico, estímulos adequados e convenientes com a faixa etária, ensinar técnica, táticas, valores sociais.
E-30	Lúdico, esporte adaptado, participação de todos, limites de cada um.
E-31	Método misto, as experiências dos alunos, necessidades dos alunos, atividades recreativas.
E-32	Vários métodos, global, parcial e recreacionista, depende da idade e dos objetivos, pequenos e grandes jogos, fundamentos.
E-33	Iniciação método sintético, depois o método analítico. O método sintético parte do ensino das partes para o todo, e o analítico do todo para as partes, técnica para a tática.
E-34	Analítico-sintético, global-funcional, e formativo conceitual, técnica, pequenos jogos, reflexão sobre ações e objetivos.
E-35	Metodologia tecnicista, fundamentos técnicos, tática de jogo.
E-36	Não existe um método ideal, condições de trabalho, perfil da equipe, analítico-global, método misto.

E-37	Explicação, demonstração, correções, fundamentos técnicos, ex. analítico.
E-38	Fundamentos técnicos, jogo, regras.

Esta análise principia por descrever que sete dos pesquisados não responderam à questão que visava identificar o método de que se utilizam na condução do processo de ensino e aprendizagem de seus alunos. Isto ocorre ainda de forma frequente, pois muitos professores e profissionais têm desconfiança e medo de serem avaliados. Entretanto, a avaliação é um dos aspectos fundamentais para o desenvolvimento de uma área de conhecimento, pois sem um olhar crítico para a “prática”, não há avaliação e melhora no processo ao qual professores e alunos são submetidos.

Houve considerável número de professores que, mesmo sabendo o conceito do que seja método, não conseguiu identificar qual utiliza. A partir do questionário, foram identificadas características dos métodos adotados por esses professores, como no exemplo do indivíduo E-37: “Ao iniciar um exercício explícito, depois demonstro o exercício e coloco os alunos para executarem seguido de correção quando necessário. Atividades com fundamentos técnicos de esportes coletivos”.

O número de pesquisados que descreveu o uso de apenas um método e o número de pesquisados que descreveu o uso de mais de um método coincidiu. A bibliografia aponta que o número de métodos vai depender da heterogeneidade do grupo, do conhecimento prévio do aluno e o estágio de aprendizado que o alunado se encontra. É claro que existem defesas e argumentações teóricas acerca do uso de um ou de outro método, assim como vantagens e desvantagens em quase todos os métodos de ensino e aprendizagem nos esportes coletivos.

Este fato ocorreu com os profissionais e também entre os professores. Isto é justificável, já que ainda não se identifica uma diferenciação na formação dos grupos distintos de pesquisados, reforçando uma antiga e importante discussão sobre a formação profissional e a divisão entre licenciatura e bacharelado.

Respalhada nas discussões de Saad (2002) e Greco e Benda (1998), a pesquisa buscou identificar nos exemplos de aula descritos pelos professores quais características que os agrupam em métodos tradicionais (ALBERTI e ROTHENBERG, 1984) e métodos ativos (SAAD, 2002). O estudo identificou que grande parte dos professores possuem práticas que se aproximam do uso

de métodos tradicionais e apenas dois têm referências e exemplos que condizem com os métodos ativos de ensino, como E-11 exemplifica,

essa metodologia promove a cooperação com seus companheiros a integração do coletivo, opondo se aos adversários, mostrando ao aprendiz as possibilidades de percepção da situação de jogo, interferindo na tomada de decisão, elaborando uma solução mental, buscando resolver problemas que surgem com respostas motoras mais rápidas. O aluno aprende jogando, parte dos jogos pré desportivos para o jogo formal. Utiliza-se inicialmente de formas de jogo menos complexas, cujas regras vão sendo introduzidas aos poucos.

Os métodos mais identificados foram os métodos tradicionais de ensino como analítico, global e o misto. Apenas um professor utiliza do método de confrontação e elabora uma justificativa: utiliza-se de tal método por dispor de pouco material pedagógico e espaço físico precário para um grande número de alunos em cada turma. Eis algumas respostas dos indivíduos para exemplificar tal situação:

[...] o sistema é o misto, abrange tanto o método global quanto o analítico. A aula é dividida em períodos, 2 analíticos e 1 global. Analítico é trabalhado principalmente fundamentos técnicos específicos da modalidade e preparação física, o global é trabalhado o jogo de forma lúdica nas categorias de iniciação e em turmas mais avançadas é trabalhado a parte tática do esporte (E-27);
Trabalhamos os fundamentos num contexto geral como exemplo o passe onde iniciamos o passe parado, posteriormente com deslocamento, em seguida com a progressão. Como trabalhamos com diversas faixas etárias, nas fases iniciais trabalhamos o jogo de uma forma mais lúdica através dos jogos recreativos, enquanto que nas fases seguintes desenvolvemos características técnicas e táticas propriamente ditos (E-26);
Metodologia tecnicista, onde é ensinado as regras oficiais de cada modalidade, fundamentos, e esporte de competição. Treino de fundamentos como passe, tática em geral, posicionamento, jogo em equipe (E-35).

Ainda deve-se destacar que treze dos pesquisados se referiram à importância do lúdico ou do espaço de recreação no processo de iniciação esportiva. Alguns até se referiram ao lúdico ou à recreação como um método de ensino, mas, conforme discussão feita anteriormente, muitos são os equívocos metodológicos evidenciados tanto em referenciais teóricos, quanto na prática pedagógica.

Neste contexto, são eleitas algumas escritas dos indivíduos pesquisados para comprovar o método que utilizam, como a de E-10 e a de E-32, respectivamente:

método participativo; b) dar oportunidade a toda criança que tenha interesse na prática esportiva saudável (inclusão); c) atividades práticas lúdicas dando ênfase aos fundamentos básicos da modalidade e ao jogo recreativo, sem se preocupar com táticas, técnicas e performance; d) desenvolver os fundamentos básicos da modalidade sempre em forma lúdica como gincanas, jogos e brincadeiras (E-10); eu uso vários métodos: global, parcial, misto e recreacionista. A utilização depende da idade e os objetivos que eu quero alcançar (E-32).

É relevante ressaltar que o aspecto lúdico é fundamental para o processo de ensino e aprendizagem, mas com um uso adequado e em momentos determinados dentro desse processo. O uso exagerado da ludicidade pode transparecer falta de objetivo e compromisso com o processo pedagógico. Há de se ressaltar também que, para muitos profissionais pesquisados, atividades recreativas só serviam para trazer relaxamento psicológico aos atletas/alunos. Como exemplo disso, há o futebol profissional brasileiro que pouco se utiliza de atividades recreativas como “bobinho” ou os jogos em espaços reduzidos com um objetivo técnico e tático.

Atualmente, o que se pode perceber é que equipes que aprofundaram os estudos em relação à contribuição dos jogos reduzidos levam muito a sério este trabalho e o defendem como peça fundamental na construção técnica e tática e até mesmo no condicionamento físico dos atletas (LIMA, 2010; MARTINS, 2010). Isto tem acontecido, por exemplo, nas equipes espanholas que levam a sério as mesmas atividades que, no Brasil, são consideradas recreativas por técnicos e atletas. A proposta de trabalho das equipes espanholas tem mostrado resultados excelentes, como é relatado por Barros e Dias (2012), em recente reportagem realizada sobre a Escola Barcelona, a qual discorre sobre características da filosofia de trabalho da equipe Catalã:

O treinamento são basicamente os mesmos de outros clubes, porém há duas diferenças fundamentais. A primeira como disse Daniel Alves, é a presença de bola e a ênfase em esportá-la – até nos treinos físicos. A outra é seguir a rotina de preparação das categorias de base até o time de cima. Os conceitos e os exercícios são os mesmos. Entre eles, está um trabalho bem conhecido no Brasil, o “bobinho” (BARROS e DIAS, 2012, p. 3).

V CAPÍTULO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações serão tecidas a partir de uma citação de Greco (2012), que descreve:

A educação física escolar no Brasil (e particularmente no estado de Minas Gerais) parece viver um período escuro na sua história. Um momento letárgico, sem clareza em relação à sua legitimidade, à sua importância, aos seus objetivos, à sua função social, aos seus conteúdos, aos seus métodos, enfim, sem rumo. (GRECO, 2012, p. 443).

Entende-se que essa afirmação não expõe a situação da Educação Física Escolar em nível de unanimidade, mas é preciso considerar que independentemente do nível em que se atua, Ensino Básico ou Ensino Superior, todos os que estudam a Educação Física tornam-se corresponsáveis pela Educação Física Escolar, tendo em vista que esta é uma subárea do campo de conhecimento. Portanto, todos devem procurar redirecionar os rumos desse tema.

Muitas críticas a um fato são feitas sob um ponto de vista distante do fenômeno, todavia, o melhor lugar para se avaliar algum processo é estar inserido nele, buscando ler e interpretar os fatos da realidade de forma clara e objetiva. Buscar avaliar e reavaliar o trabalho, colaborando e lutando por uma educação de qualidade, comprometida com o aprendizado dos alunos deve ser prioridade entre os pares. O processo de ensino e aprendizagem do esporte nos clubes sociais e esportivos tem se movido no sentido de fomentar o esporte espetáculo, com um agravante apontado pelos referenciais bibliográficos que são as gestões amadoras as quais estes são submetidos, dificultando um planejamento e uma execução pautada em objetivos técnicos de formação esportiva, buscando-se resultados rápidos e imediatos, sem as devidas preocupações com a formação em longo prazo dos esportistas. Por isso, esta pesquisa buscou proporcionar espaço de reflexão sobre o ensino e a aprendizagem nos esportes coletivos, estabelecendo um olhar peculiar e crítico para a situação deste tema, em Uberlândia-MG.

O primeiro questionamento da pesquisa – quais métodos de ensino e aprendizagem nos esportes coletivos existem no referencial teórico – foi motivo de muita surpresa, pois mesmo partindo do conhecimento prévio sobre a existência de vários métodos de ensino e treinamento nos esportes coletivos, o estudo apontou quantidade considerável de propostas e de experiências promovidas pela área da Educação Física. Isso mostra quão vastas são as possibilidades que se tem no desenvolvimento da formação profissional. Apesar de as propostas terem sido expostas no capítulo três desta dissertação para melhor detalhamento e conhecimento, eis a ressalva de dois princípios que o estudo estabeleceu a partir da análise do referencial bibliográfico utilizado. Este constitui o primeiro ponto de reflexão.

O primeiro princípio estabelecido é o da fragmentação do conhecimento dos esportes coletivos, que passa por uma visão mais ampla de como se conceitua o conhecimento e de como ele é apreendido. Neste sentido, o conhecimento é concebido como algo estanque e determinável e que, por isso, acredita-se que possa ser planejado e delineado de maneira previsível em seu processo de aprendizagem.

Analisando as questões teóricas na perspectiva do método tradicional, marcado pela fragmentação do jogo e muito utilizado pelos sujeitos pesquisados, os autores – Alberti e Rothenberg (1984); Greco e Benda (1998); Greco (1998); Saad (2002) – definem-no como os métodos que não buscam mudanças ou alterações. São considerados pelos autores citados os métodos: Parcial, Global, Misto, o de Confrontação e o Método de Série de Jogos. Na análise de cada um dos métodos, a pesquisa verificou a busca por melhorias e por superação dos modelos anteriores, mas ainda é perceptível o princípio de fragmentação, seja em relação ao gesto técnico ou a um conhecimento a ser transmitido. Esta é uma situação já detectada na própria formação inicial destes professores, como confirma os estudos de Lima (2000),

A relação teoria e prática no processo de formação do professor de Educação Física na Universidade Federal de Uberlândia comprova que a dicotomia teoria e prática e a fragmentação do conhecimento instalam-se ainda na formação inicial, dificultando a formação de um profissional reflexivo (LIMA, 2000, p.191).

Ainda foi identificada como característica básica o fato de que o aprendizado da técnica precede o aprendizado tático do jogo esportivo coletivo, o que reforça antigos dogmas de que o aprendizado dos esportes coletivos sempre deve ser do simples para o complexo, seguindo processos metodológicos estanques e buscando grupos homogêneos de alunos e ou atletas.

Como segundo princípio, a pesquisa baseada no referencial teórico identificou os métodos marcados pela aproximação das características básicas do jogo, que são defendidos pelos autores Bunker e Thorpe (1982); Mitchell, Oslin e Griffin (2006); Greco (1998, 2001, 2002, 2012); Greco e Benda (1998); Garganta (1998); Graça e Mesquita (2007); Mesquita, Pereira e Graça (2009); Krogner e Roth (2002); Rink (1993); Bayer (1994). Esses métodos são denominados de: Jogos Táticos, Modelo Pendular, Ensino de Jogos para a Compreensão, Método Desenvolvimentista, Educação Desportiva, Jogos Condicionados e Jogos Situacionais ou Escola da Bola.

Tais métodos são aplicados e representados em diversas partes do mundo. Todos eles por questões teóricas possuem diferenciações e organizações temporais diferentes, mas existe uma variável que permeia todos: que é o entendimento de que o conhecimento é algo complexo e que assim deve ser vivenciado pelo aluno e/ou atleta. Ou seja, sob esse prisma não deve haver fragmentação do processo, o conhecimento deve ser apreendido o mais próximo daquilo que é o real, de sua aplicabilidade.

Assim é que esses métodos foram denominados de métodos ativos (SAAD, 2002), por proporcionarem participação ativa do sujeito aluno, partindo do conhecimento prévio que os alunos e/ou atletas possuem e que já vivenciaram. Os processos metodológicos são substituídos por procedimentos metodológicos, respeitando e aproveitando a heterogeneidade dos grupos de alunos e/ou atletas. Destaca-se como característica comum que o ensino da tática deve estar presente concomitantemente ao ensino das técnicas esportivas.

Um segundo ponto de reflexão é o apontamento da pesquisa para a não utilização por parte dos sujeitos entrevistados de novas abordagens de ensino e aprendizagem dos esportes coletivos. Não se pode afirmar que os

professores e profissionais pesquisados não conhecem novas propostas, até porque este não era objetivo desta pesquisa, mas chama atenção a dificuldade teórica dos pesquisados em identificar os métodos utilizados em seu dia a dia no trabalho de ensino e aprendizagem dos esportes coletivos. Este resultado da prevalência dos métodos tradicionais também pode ser observado em outros estudos, como o de Damasceno (2011):

Os dados colhidos e categorizados, no primeiro semestre de 2010, demonstraram que todas as escolinhas investigadas trabalham com perspectivas metodológicas similares, adotando métodos parciais a partir de princípios analítico-sintéticos (DAMASCENO et al, 2011, p. 1).

Também se destacam as proposições de Greco e Benda (1998), que apontam para esta realidade: o uso dos métodos tradicionais prevalecendo nos espaços escolares. Isso se configura como preocupação, pois mesmo com toda a evolução educacional e os estudos feitos, ainda esta situação prevalece:

nas escolas (nas aulas de Educação Física), apesar de uma série de reformulações nos objetivos, nos conceitos, nos planos de aula, ainda persiste o conceito tecnicista em que o alunos são vistos como um atleta, um adulto em miniatura, enfim um atleta em potencial (...) Essa iniciação apoia-se em uma metodologia analítica de divisão do gesto técnico em partes, com séries de exercícios em que a correção técnica é o objetivo principal (GRECO e BENDA, 1998, p.13 e 14).

Um fato detectado pela pesquisa é que as maiorias dos profissionais que atuam nos clubes possuem uma experiência anterior relacionada ao treinamento esportivo, mas não se pode, com isso, afirmar que este é um fator determinante para a escolha e uso dos métodos de ensino e aprendizagem em suas aulas. Todavia, esta experiência é considerada fundamental na construção do perfil pedagógico do professor ou do profissional em Educação Física, e, por isso, ressalta-se que

Os fios que o professor tece sua prática pedagógica não podem e não devem ser frutos, única e exclusivamente, de sua formação inicial e de sua experiência, sob pena de redundar sua prática pedagógica em inadequações e equívocos que não permitam uma formação de alunos em consonância com as necessidades presentes nos diferentes contextos sociais atuais (CAPARRÓZ, PIROLO e TERRA, 2004, p.173).

Outro fato fundamental relacionado à formação – a produção e a troca de experiência necessárias ao aperfeiçoamento do processo educativo – e

levantado pela pesquisa foi o índice baixo quanto à produção de novos conhecimentos e apresentação destes em eventos científicos. Neste aspecto não se pode afirmar que esse fato tenha uma relação com a origem das instituições de formação, pois tanto os professores quanto os profissionais apontaram para um baixo índice de apresentação em eventos científicos. Uma situação que se apresentou na pesquisa foi: os professores que atuam no ensino formal e profissionais atuantes nos clubes possuem bom percentual de participação na formação continuada. Mesmo diante da percepção e da reafirmação de que o esporte é um fenômeno social amplo e que se faz presente em diversos espaços sociais, nota-se que os professores e profissionais delegam valores educacionais diferentes em relação ao objetivo e ao local em que se inserem. Assim, os professores com atuação no ensino formal investem e dão maior importância à formação pedagógica.

Ainda neste tema, o estudo comprovou que quase a totalidade dos indivíduos da pesquisa adotam métodos considerados tradicionais de ensino e aprendizagem, e que um pequeno percentual aponta para novas abordagens, mas ainda de forma simples e acanhada, como confirmam Greco e Benda (1998):

Temos, portanto, dentro desta corrente da Educação Física e dos esportes, muitas instituições de ensino, formal ou não, que têm, como principal método de ensino-aprendizagem-treinamento para os jogos coletivos, a sequência: primeiro, treinamento técnico, logo a seguir, treinamento tático. O método de repetição e os métodos analíticos- nas suas diferentes formas de expressão- são os mais utilizados. A aprendizagem dos jogos esportivos coletivos está fundamentada na repetição pura e simples das técnicas e das jogadas, muitas vezes alheias aos fatores sociais, culturais, fisiológicos, psicológicos e cognitivos que interferem na sua aprendizagem, execução e aplicação (GRECO e BENDA, 1998, p.14).

Há de se ressaltar que i) algumas das bibliografias consultadas, que abordam a necessidade de confrontar os métodos tradicionais de ensino, estão disponíveis há quase três décadas, e ii) hoje, a maioria dos estudos que consideram os esportes coletivos, o fazem abordando a necessidade de ir além das práticas tradicionais, inclusive com grande produção na literatura portuguesa e espanhola.

A pesquisa identificou que não há diferenciação nos métodos de ensino e aprendizagem nos esportes coletivos praticados em escolas de ensino formal e clubes sociais e esportivos com crianças e jovens de 10 a 14 anos, todavia

faz a ressalva de que pela classificação realizada nas dimensões sociais do esporte em que atua, existem diferenças nos princípios pedagógicos voltados aos objetivos de ensino do fenômeno esportivo, o que é fundamental para o desenvolvimento da prática esportiva contextualizada. O que foi evidenciado como elementos que podem indicar a diferenciação do processo de ensino e aprendizagem são a repetição e a quantidade de treinamento. Com isso, o estudo indicou a necessidade de se promover na localidade pesquisada uma discussão quanto aos métodos utilizados na iniciação de crianças e jovens, pois é fundamental valorizar e resgatar a docência e seus princípios, como aborda Batista e Pereira (2012),

A responsabilidade do professor está então imbuída de ética, de valores. A carga axiológica está impregnada no ser Professor, que deve estar atento à sua ação, tendo a noção que as ideologias e o conhecimento enciclopédico podem ser apenas acessórios que formatam e pouco contribuem para aquele que mais do que competências instrumentais, aspira (ou espera-se) desenvolver competência que lhe permita, por si próprio e através do estímulo à crítica reflexiva, alcançar um estado superior. É fundamental, portanto, promover um sentido de responsabilidade na formação, criando condições necessárias para que os estudantes obtenham ferramentas que os auxiliem a construir, eles próprios, o seu caminho (BATISTA e PEREIRA, 2012, p. 77).

Retratou-se, nesta empreitada científica, o conceito de esporte de forma ampla e aprofundada no levantamento teórico bem como foi discutida a questão de sua pedagogização, quando os vários métodos de ensino e aprendizagem foram destacados. A ideia de que a prática do esporte fora da escola e a influência da mídia dificultam a sua prática dentro da escola devido à codificação estabelecida foi também considerada. Na escola, a prática de ensino tem que ser diferenciada, por conta das faixas etárias do desenvolvimento humano; dos objetivos educacionais e do próprio ambiente escolar que estabelece uma relação ampla com outras disciplinas. Como referenda Greco (2001):

Entende-se que, independente do tipo de instituição (escola, clube, escolinha, praça de esporte) a função do professor (ou do responsável pela ação praticada) é eminentemente pedagógica, e, portanto, um processo amplo que visa contribuir na formação da personalidade do indivíduo, de forma a desenvolver seu potencial crítico emancipatório, um cidadão pleno na sua interação com a sociedade e o meio ambiente (GRECO, 2001, p. 2).

Por meio deste estudo, não se entende e não se busca indicar algum tipo de “curso” ou de “treinamento” aos professores e aos profissionais, mas estabelecer um conceito de formação docente, que começa por uma reflexão coletiva da prática pedagógica e passa pela troca de experiências e de novos conhecimentos produzidos não apenas em nível local, mas busca-se dar dimensão maior a essas reflexões. Atualmente, com o desenvolvimento das tecnologias, as possibilidades de projetar e interagir com o conhecimento são enormes e ilimitadas. Logo, professores e/ou profissionais devem se engajar à dinâmica do conhecimento para construir e vivenciar experiências condizentes com a realidade social e cultural em que vivem.

O enfoque da racionalidade técnica que vê o professor como um instrumento de transmissão de saberes produzidos por outros, mantendo, assim, uma relação linear entre conhecimento teórico e prático, foi o modelo que orientou e que, de certa maneira, orienta na área educacional as práticas pedagógicas, seja nos cursos de formação de professores, seja nas escolas. Um tipo de relação que não valoriza a prática do professor como um espaço de reflexão e de construção de conhecimento (CAPARRÓZ, PIROLO e TERRA, 2004, p. 161).

A proposta neste estudo foi apontar para a necessidade de se repensar o processo de ensino e aprendizagem nos esportes coletivos, de maneira crítica e ética, valorizando esta vertente dentro da Educação Física. É preciso rever práticas e concepções, como aponta Moreira (2012, p. 201) “estudar e investigar o fenômeno esporte deve levar-nos a compreender as razões históricas que fizeram o esporte ser o que é hoje, com suas virtudes e mazelas”, a fim de evitar equívocos desnecessários. A partir de uma conjunção reflexiva entre teoria e prática é que se torna possível alargar o campo de conhecimento, e viabilizar uma práxis coerente.

REFERÊNCIAS:

ALBERTI, H., ROTHEMBERG, L. **O ensino de jogos esportivos**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1984.

BALBINO, Hermes F. **Pedagogia do treinamento: método, procedimentos pedagógicos e as múltiplas competências do técnico nos jogos desportivos coletivos**. 2005. 262 f. (Doutorado em Educação Física) – Unicamp, Campinas, SP, 2005.

BALZANO, Otavio N. **Metodologia dos jogos condicionados para o futsal e Educação Física Escolar**. 1. Ed. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, PT: Edições 70, 1977.

BARROS, Thiago; DIAS, Thiago. Escola Barcelona. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/escolabarcelona.html>>. Acesso em: 23 fev. 2012.

BATISTA, P.; PEREIRA, A. Uma reflexão acerca da formação superior de profissionais de Educação Física. Da competência à conquista de uma Identidade Profissional. In: MESQUITA, I.; BENTO, J.(Org.). **Professor de Educação Física: Fundar e dignificar a profissão**. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, 2012, p. 67-92.

BAYER, Claude. **O Ensino dos esportes coletivos**. 1. Ed. Lisboa: Dinalivro, 1994.

BENTO, Jorge O. **O outro lado do desporto**. Porto: Campo das Letras, 1995.

BENTO, Jorge O. Contextos e Perspectivas. In: BENTO, J.O.; GARCIA, R; GRAÇA, A. **Contextos da pedagogia do desporto**. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

BENTO, Jorge O. Do Futuro do desporto e do desporto do futuro. In: GARGANTA, Julio. **Horizontes e órbitas do treino nos jogos desportivos**. Porto: Faculdade de Ciências do desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, 2000. P.189-206.

BENTO, Jorge O. **Desporto: discurso e substância**. Porto: Campos das Letras, 2004.

BENTO, Jorge O. Do Desporto. In: TANI, Go.; BENTO, J. O. ; PETERSEN, R. D. **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. P.12-25.

BENTO, Jorge O. Esclarecimentos e Pressupostos. In: TANI, Go; BENTO, J. O. ; PETERSEN, R. D. **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. P. 03-11.

BENTO, Jorge. **O. Formação de Mestres e Doutores:** exigências e competências. Belo Horizonte: Asa da Educação Física, 2008.

BRACHT, Valter. **Educação física e aprendizagem social.** Porto Alegre: Magister, 1992.

BUNKER, D.; THORPE, R. A Model for the Teaching of Games in Secondary Schools. **Bulletin of Physical Education.** P. 5-8.1982.

CAMPOS, Luiz Antonio S. **Voleibol da Escola.** Jundiaí-SP: Fontoura, 2006.

CAPARRÓZ, F. E. ; PIROLO, A. L.; TERRA, D. V. A Relação entre professores e pesquisadores na construção do saber. In: CAPARRÓZ, F. E. ; ANDRADE FILHO, N. F. **Educação Física Escolar:** política, investigação e intervenção. Vol.2. Vitória: UFES, LESEF: Uberlândia: UFU, NEPECC, 2004. P. 155-183.

CHERVEL, André. História das Disciplinas Escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Movimento,** Porto Alegre – Ano III – n.5 – 1996/2 Teoria e Educação: Pannonica, n.2, p. 177-229, 1990.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL. Disponível em: <www.cbv.com.br>. Acesso em: 27 abr. 2012.

COSTA, L. C. A. da; NASCIMENTO, J. V. do. O ensino da técnica e da tática: novas abordagens metodológicas. **Revista da Educação Física UEM.** Maringá, v.15, n.2, p.49-56, 2 sem/2004.

DAMASCENO, L. G., et al. **Iniciação em jogos coletivos.** Trabalho apresentado no Congresso Paulistano de Educação Física Escolar, São Paulo, 2011.

DAÓLIO, Jocimar. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos – modelo pendular a partir das ideias de Claude Bayer. **Um. Brasileira de Ciência e Movimento.** Brasília, v.10, n.4, p.99-104, out. 2002.

DIETRICH, K.; DURRWACHTER, G.; SCHALLER, H. J. **Os grandes jogos.** Metodologia e prática. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1984.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE BASQUETE. Disponível em: <www.fiba.com>. Acesso em: 27 abr. 2012.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE FUTEBOL. Disponível em: <www.fifa.com>. Acesso em: 27 abr. 2012.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE HANDEBOL. Disponível em: <www.ihf.info>. Acesso em: 27 abr. 2012.

FERREIRA, H. B.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Pedagogia Do Esporte: Considerações Pedagógicas E Metodológicas No Processo De Ensino-Aprendizagem Do Basquetebol. In: PAES, R.R.; BALBINO, H. F. (Org). **Pedagogia do Esporte.** Contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogn, 2005. P. 123-136.

GALATTI, Larissa Rafaela. **Esporte e clube sócio-esportivo: percurso, contextos e perspectiva a partir de um estudo de caso em clube esportivo espanhol.** Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP. 2010.

GARGANTA, Julio. O treino da tática e da estratégia nos jogos desportivos. In: GARGANTA, J. (Ed.). **Horizonte e órbitas no treino dos jogos desportivos.** Porto: Converge Artes Gráficas, 2000. P. 51-61.

GARGANTA, Julio. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, A; OLIVEIRA, J. (Eds). **O ensino dos jogos coletivos.** 2. Ed. Lisboa: Universidade do Porto, 1998. P. 11-25.

GIL, Antonio. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZALEZ, F. J.; FERNSTERSEIFER, P. E. (Org.). **Dicionário crítico de educação física.** Ijuí: Ed. Ijuí, 2005. 424p.

GRAÇA, A. B. S.; OLIVEIRA, J. M. F. **O Ensino dos jogos desportivos.** 2. Ed. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, 1998.

GRAÇA, A. B. S. O desporto na escola: enquadramento da pratica. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Eds.). **Desporto para crianças e jovens.** Razões e Finalidades. Porto Alegre: UFGRS, 2004. P. 97-112.

GRAÇA, A. B. S.; MESQUITA. I. A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos. **Revista portuguesa de Ciências do Desporto.** Porto, v.3, n.7, p. 401-421, 2007.

GRECO, Pablo J. **O ensino do comportamento tático nos jogos esportivos coletivos: aplicação no Handebol.** 1995. 224 f. Campinas. Tese (Doutorado em Educação Física) – Unicamp, Campinas, SP, 1995.

GRECO, Pablo J. ; BENDA, R. N (Orgs.). **Iniciação Esportiva Universal 1.** Da aprendizagem motora ao treinamento técnico. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

GRECO, Pablo J. ; BENDA, R. N (Orgs.). O Sistema de Formação e Treinamento Esportivo. In: GRECO, P. J. ; BENDA, R. N. **Iniciação Esportiva Universal 1.** Da aprendizagem motora ao treinamento técnico. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. P. 27-63.

GRECO, Pablo J. Revisão da Metodologia Aplicada Ao Ensino-Aprendizagem dos Esportes Coletivos. In: **Iniciação Esportiva Universal 2.** Metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. P.39-56.

GRECO, Pablo J. Métodos de ensino-aprendizagem-treinamento nos jogos esportivos coletivos. In: GARCIA, E. S.; LEMOS M. K. L.(Org.). **VI Temas Atuais em Educação Física.** Belo Horizonte, 2001. 232p.

GRECO Pablo J. O Ensino-Aprendizagem. Treinamento dos Esportes Coletivos: uma análise inter e transdisciplinar. In: GARCIA, E. S; LEMOS, K. L. M. **VII Temas Atuais em Educação Física**. Belo Horizonte: Health, 2002. p. 53-78.

GRECO, Pablo J. A Educação Física Escolar e o ensino dos jogos esportivos coletivos na escola: das reflexões à práxis. In: TANI, Go et al .**Celebrar a Lusofonia**. Ensaios e estudos em Desporto e Educação Física. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2012. p. 443-460.

HAYMAN, J.L. Investigación y educacación. In: NEGRINI, A. **Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Editora UFRGS/Sulina, 2004.

HEGEDUS, J. de. Treinamento Esportivo. In: XAVIER, Telmo Pagana. **Métodos de Ensino em Educação Física**. Barueri: Editora Manole, 1986.

HEINEMANN, KLAUS. **Sociología de las organizaciones voluntarias: el ejemplo del club deportivo**. Valencia: Tirant to Blanch, 1999.

KROGUER, C; ROTH, K. **Escola da Bola**. Um ABC para iniciantes nos jogos esportivos. São Paulo: Phorte, 2002.

LIMA, Lana Ferreira de. **A relação Teoria-Prática no processo de formação do professor de Educação Física**. 2000. 219 f. Monografia (Pós-Graduação em Educação) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2000.

LIMA, N. J. C. Jogos reduzidos em Futebol. **Comportamento Técnico-Tático e Variabilidade da Frequência Cardíaca em Jogos de 3 X 3 e 6 X 6 com jogadores sub 13**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, PT, 2010.

LÓPEZ, J. L. **Fútbol: 1380 juegos globales para el entrenamiento de la técnica**. Sevilla: Wanceulen, 2002.

MARTINS, P. J. C. **Jogos reduzidos em Futebol**. Comportamento Técnico-Tático e Variabilidade da Frequência Cardíaca em Jogos de Ataque e Defesa, com igualdade e superioridade numérica, em jogadores sub-13. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, PT, 2010.

MCMORRIS, T. Teaching games for Understanding: It's contribution to the knowledge of skill acquisition from a motor learning perspective. In: A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos. **Revista portuguesa de Ciências do Desporto**. GRAÇA, A.; MESQUITA. I. Porto, v.3, n.7, p. 401-421, 2007.

MEDINA, João Paulo S. **A Educação Física cuida do corpo e mente: bases para a renovação e transformação da Educação Física**. Campinas: Papirus, 1983.

MESQUITA, Isabel. A instrução e a Estruturação das tarefas no treino de Voleibol: Estudo Experimental no escalão de Iniciados Feminino. In: PEREIRA, F. R. M.; MESQUITA, I. M. R.; GRAÇA, A. B. S. Modelo de ensino do jogo para compreensão. **Motriz**, Rio Claro, SP, v. 15, n. 4, p.944-954, out/dez 2009.

MESQUITA, Isabel. **A pedagogia do treino: a formação em jogos desportivos coletivos**. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.

MESQUITA, I.; PEREIRA, F.R.M; GRAÇA, A. Modelos de ensino dos jogos desportivos: investigação e ilações para a prática. **Motriz**. Rio Claro, SP, v.15, n.4, p.944-954, out/dez. 2009.

MINAS GERAIS, Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais. **Conteúdos Básicos Curriculares**. Belo Horizonte: SEE/MG. 2009.

MITCHEL, S. A.; OSLIN, J. L.; GRIFFIN, L. L. **Teaching Sport Concepts and Skills**. A Tactical Games Approach. 2. ed. Human Kinetics, 2006.

MONTAGNER, Paulo Cesar. **A formação do jovem atleta e a pedagogia da aprendizagem esportiva**. 1999. 190 f. Tese (Doutorado). Unicamp, Campinas, SP, 1999.

MOREHOUSE, L. E. ; MILLER, A. T. Fisiologia del Ejercicio. In: XAVIER, Telmo Pagana. **Métodos de Ensino em Educação Física**. Barueri: Editora Manole,1986.

MOREIRA, Wagner W. Uma visão pessoal sobre a multidimensionalidade na formação profissional em Educação Física e Esportes: ganhos e prejuízos. In: TANI,Go et AL. **Celebrar a Lusofonia**. Ensaios e estudos em Desporto e Educação Física. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2012. p. 191-206.

NAVARRO, F. Pedagogia de la Natacion. In: XAVIER, Telmo Pagana. **Métodos de Ensino em Educação Física**. Barueri: Editora Manole,1986.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: TRIVIÑOS, A. N. S.; MOLINA NETO, M. (Org). **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Editora UFRGS/Sulina, p.61-94, 2004.

NÓVOA, Antonio (Coord). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

OLIVEIRA, I. S.; NOGUEIRA, D. M.; GONZÁLEZ. R. H. Abordagens metodológicas parcial, global e os jogos condicionados como alternativa de treinamento para o futsal na seleção universitária masculina da universidade federal do Ceará. **Anais do III Congresso Nordeste de Ciências do Esporte-CBCE**, 2010.

PAES, R. R. **Aprendizagem e competição precoce: o caso do Basquetebol**.

Campinas: Ed. da Unicamp, 1992. (Série teses)

PAES, Roberto R. **Educação Física Escolar**: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental. Canoas: Ed. Ulbra, 2001.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. Processo de ensino e aprendizagem do basquetebol: perspectivas pedagógicas. In: DE ROSE JR. Dante; TRICOLI, Volmir. (Org.). **Basquetebol**: uma visão integrada entre ciência e prática. 1. ed. Barueri: Manole, 2005.

PAES, R. R.; GALATTI, L. R. Pedagogia do esporte: O clube sócio-esportivo como uma nova possibilidade de ambiente. In: TANI, Go et al. **Celebrar a Lusofonia**. Ensaios e estudos em Desporto e Educação Física. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2012. p. 421-442.

PEREIRA, F. R. M.; MESQUITA, I. M. R.; GRAÇA, A. B. S. Modelo de ensino do jogo para compreensão. **Motriz**, Rio Claro, SP, v. 15, n. 4, p.944-954, out/dez 2009.

READ, B. e DAVIS, J. D. **Ensenyament dels jocs esportius**: un canvi d'enfocament. Apunts:Educació i Esports,1990.(22) 51-56.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **O ensino dos jogos esportivizados na escola**. 1994. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 1994.

RINK, J. **Teaching physical education for learning**. 2nd. edition. St. Louis: Mosby, 1993.

ROCHEFORT, R. S. **Voleibol**: das questões pedagógicas a técnica e tática do jogo. Pelotas: Ed. Universitária, 1998.

SAAD, Michél A., **Estruturação das sessões de treinamento técnico-tático nos escalões de formação do futsal**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2002.

SANTINI, J. ; VOSER, R. da C. **Ensino do esportes coletivos**: uma abordagem recreativa. Canoas: Ed. ULBRA, 2008.

SCHNEDERAT, B. Métodos de Ensino do Handebol. In: GRECO, P. J. (Org.). **Iniciação Esportiva Universal 2**. Metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube. Belo Horizonte: Ed. UFMG,1998.

SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. **Conteúdos Básicos Curriculares**. Belo Horizonte, MG, 2006.

SIEDENTOP, D. **Sport education**: Quality PE through positive sport experiences. Champaign, IL: Human Kinetics, 1994.

TENROLLER, C.; MERINO, E. **Métodos e planos para o ensino do esporte**. Canoas: Ed. ULBRA, 2006.

TEODORESCU, I. **Problemas de teoria e metodologia dos jogos desportivos**. Lisboa: Horizonte, 2003.

TUBINO, M. J. G. **Dimensões Sociais do Esporte**. São. Paulo: Cortez, 2. ed. 2001.

VAGO, T. M. O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: na negação radical a uma tensão permanente. **Revista Movimento**- Ano III, n. 5, p. 04-17, 1996/2.

XAVIER, Telmo Pagana. **Métodos de Ensino em Educação Física**. Barueri: Editora Manole, 1986.

APÊNDICE

Caro participante da pesquisa: *ESPORTES COLETIVOS: metodologia de ensino e treinamento com crianças e jovens*, que estamos desenvolvendo como requisito básico para a conclusão do curso de mestrado em Educação Física na Universidade Federal do Triângulo Mineiro, as suas respostas serão importantes para compor um quadro teórico analítico e descritivo sobre os métodos de ensino e/ou treinamento para os esportes coletivos. Obrigado pela sua participação. Na primeira parte buscamos descrever um perfil do professor/ profissional e na segunda parte um

QUESTIONÁRIO:

1. Nome: _____ (opcional)
Idade: _____
2. Formação: () Licenciatura () Bacharelado () Licenciatura/Bacharelado
3. Universidade de Formação: () Federal () Particular () Estadual
4. Anos de atuação profissional: () 0 a 5 () 6 a 10 () 11 a 20 () 20 a 35
5. Local de trabalho: () Escola () Clube () Escolinha de Esportes () Programa esportivo governamental.
6. Você já vivenciou regularmente ensino e treino em esportes coletivos antes do seu período de formação em Educação Física? Como: () Atleta de clube esportivo () Atleta escolar () Participante de Programas de esportes () Esportista ocasional () Não praticante de esportes
7. Você participa de algum curso de formação como de educação continuada em esportes ou Educação Física? () Sim () Não () As vezes
8. Você tem apresentado e/ou publicado atualmente em eventos científicos estudos e trabalhos sobre esportes coletivos: () Sim () Não () As vezes
9. Você trabalha com quais esportes coletivos: () Futebol () Futsal () Basquete () Voleibol () Handebol () Outro _____
10. Qual é o esporte coletivo com o qual você se identifica?
() Futebol () Futsal () Basquete () Voleibol () Handebol ()
Outro _____

11. O esporte é um fenômeno social classificado em três categorias. Marque a categoria que você considera aquela em que você atua:

- () Esporte-educacional ()Esporte-performance (ou alto rendimento)
()Esporte-participação (ou lazer).

QUESTÕES ABERTAS

1. Para você o que é um método de ensino ou de treinamento de esportes coletivos?

2. Descreva qual a sua metodologia de ensino no (s) esporte (s) coletivo (s) que você ensina na iniciação ou treinamento esportivo. Ao descrever tenha como orientação os seguintes critérios: a) nome (s) do (s) método (s) se for o caso; b) características principais deste método; c) que tipo de atividade caracteriza este método; d) dê um exemplo de uma atividade prática utilizada para o desenvolvimento do método.

Obrigado pela sua contribuição. Para maiores esclarecimentos, caso seja necessário, os endereços de contatos com os pesquisadores são os seguintes:

Prof. Dr. Luiz Antônio Silva Campos (34) 9994-1831 e 3336-1831 -
luizmono@netsite.com.br
Prof. Esp. Cleber Garcia Casagrande (34) 9991 0448 e 3219 5222-
clebercasagrande@gmail.com

Em caso de dúvida em relação a este documento, você pode entrar em contato com o Comitê Ético em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, pelo telefone (34) 3318-5854.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO - Uberaba-MG
Comitê de Ética em Pesquisa- CEP**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: **ESPORTES COLETIVOS: METODOLOGIA DO ENSINO E TREINO PARA CRIANÇAS E JOVENS.**

TERMO DE ESCLARECIMENTO

Você professor ou profissional da Educação Física que trabalha com o desenvolvimento de atividades relativas aos esportes coletivos tem informações sobre as metodologias de ensino e/ou treino na cidade de Uberlândia-MG. Portanto estamos desenvolvendo uma pesquisa pela qual objetivamos O objetivo do presente estudo é desenvolver uma pesquisa exploratória e descritiva sobre as metodologias de ensino e treinamento do esporte coletivo para crianças e jovens utilizados por professores das escolas públicas e privadas e centros de treinamentos esportivos na cidade de Uberlândia-MG, a fim de instigar o debate da questão para o aprimoramento dessas metodologias de ensino e treinamento nos esportes coletivos. Você está sendo convidado (a) a participar do estudo **ESPORTES COLETIVOS: METODOLOGIA DO ENSINO E TREINO PARA CRIANÇAS E JOVENS**. Os avanços na área da Educação Física ocorrem através de estudos como este, por isso a sua participação é importante. Para o desenvolvimento da pesquisa será necessário visitar diversos espaços em que os esportes coletivos estão inseridos e para isso, será necessário a aplicação de questionário, obter cópias de registros, planejamentos, relatórios escritos para análise e publicação de um relatório final, caracterizando as metodologias de ensino e treino dos esportes coletivos. Não será feito nenhum procedimento que lhe traga qualquer constrangimento e coloque em jogo a sua idoneidade moral, ética e profissional. Você poderá obter todas as informações que quiser e poderá não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem prejuízo no seu atendimento. Pela sua participação no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro, mas terá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE, APÓS ESCLARECIMENTO

Título do Projeto: **ESPORTES COLETIVOS: METODOLOGIA DO ENSINO E TREINO PARA CRIANÇAS E JOVENS.**

Eu, _____, li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi a finalidade do estudo e qual procedimento a que serei submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não afetará meu tratamento. Sei que haverá uma divulgação posterior dos dados da pesquisa. Não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo. Eu concordo em participar do estudo.

Uberlândia,.....//.....

Assinatura do voluntário ou seu responsável legal Documento de identidade

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do pesquisador orientador

Telefone de contato dos pesquisadores:

Prof. Dr. Luiz Antônio Silva Campos (34) 9994-1831 e 3336-1831 -

luizmono@netsite.com.br

Prof. Esp. Cleber Garcia Casagrande (34) 9991 0448 e 3219 5222-
clebercasagrande@gmail.com

Em caso de dúvida em relação a esse documento, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, pelo telefone (34) 3318-5854.